

Q1.

A força das narrativas

Heródoto conta uma pequena história, da qual se pode aprender muito: “Quando o rei egípcio Psamênito foi vencido e caiu prisioneiro do rei dos Persas, Câmbises, este resolveu humilhá-lo. Ordenou que colocassem Psamênito na rua por onde passaria o triunfo persa e fez com que o prisioneiro visse passar a filha em vestes de escrava enquanto se dirigia ao poço com um balde na mão. Enquanto todos os egípcios elevavam prantos e gritos àquela visão, só Psamênito permaneceu mudo e imóvel, com os olhos pregados no chão; e quando, pouco depois, viu o filho conduzido à morte no cortejo, permaneceu igualmente impassível. Mas quando viu passar entre os prisioneiros um de seus servos, um homem velho e empobrecido, golpeou a cabeça com as mãos e mostrou todos os sinais da mais profunda dor.”

A situação fica aberta à nossa interpretação. Por que teria chorado o rei Psamênito? Algumas respostas: chorou porque a visão do velho servidor foi a gota d’água que fez transbordar o cálice, depois de ter assistido ao sofrimento de seus entes mais caros; chorou porque o velho servidor, testemunha de sua infância e da existência de seus pais e avós, era um elo que unia e confirmava a geração real; chorou porque a princesa poderia tramar nos bastidores a seu favor; o príncipe poderia articular uma revolta e libertar sua mãe e suas irmãs, mas ao velho servidor já não restavam forças, sendo portanto inútil e cruel sua humilhação.

As narrativas mais expressivas não se esgotam em si mesmas, expandem-se com a força de sementes, por um tempo indefinido. Por que terá chorado o rei Psamênito?

(Adaptado de Ecléa Bosí, Lembranças de velhos)

Está correta a grafia de todas as palavras da frase:

- A) Compadecido com a humilhação de seu velho servo, o rei Psamênito não conteu as lágrimas e as verteu abundantemente.
- B) O príncipe e a princesa ainda poderiam insurgir-se contra os persas, mas não o velho servo, cujas forças esmoreciam.
- C) Talvez Psamênito não privilegiasse o velho servo, talvez este tivesse sido a última gota de tanto sofrimento.
- D) As forças e a dignidade do rei egípcio apenas titubiaram quando se deparou com a imagem do velho servo.
- E) Há divergências quanto à interpretação do porquê de haver chorado o rei Psamênito, sucumbindo à visão do velho servo.

Esta e apenas uma amostra grátis. Adquira a versão completa em <http://www.concursosprepara.com.br>

Língua Portuguesa / Flexão nominal e verbal

Q2.

Foi no Varandá

Quem não é baiano e chega a Salvador – que também se chama “a Bahia” – faz uma viagem profunda, encontrando dentro de si uma chave insuspeitada, que abre inédita alegria e invoca um verdadeiro companheirismo. É uma súbita epifania, vale dizer, uma manifestação reveladora.

A minha ocorreu faz muito tempo, em 1970, e se deu especialmente no Varandá, um inacreditável barzinho, perto do elevador Lacerda, dependurado lá no alto, sobre o mar, com a varanda que lhe deu o nome. Chegara a Salvador e já estava com uma turma amiga, lá em cima, de frente para a lua e para o forte São Marcelo. Parodiando Drummond: aquela lua, aquele mar me botavam comovido como o diabo.

A descoberta de Salvador (que revisei recentemente, impressionado com a rápida metamorfose urbana que veio a sofrer a extensa orla) não é sem consequências: o viajante volta de lá não como um turista recompensado, mas como alguém que incursionou para muito dentro de si mesmo, por ter convivido tanto para fora... Talvez não se explique essa sensação de que a alegria mais forte tem dois lados, fazendo comunicar-se a alma pessoal com a alma das ruas.

Pois voltando recentemente a Salvador, procurei pelo Varandá sabendo que já não existia há muito: é assim que funciona a fome teimosa de nossa memória afetiva. Fui até o portãozinho de ferro trancado, que dava para o corredor que à frente virava para chegar à varanda sobre aquele abismo mágico. Colado ao velho portão, vi caixotes velhos, papelão, garrafas, signos do abandono – quase diria de traição. Fiquei ali uns minutos pensando, obviamente, na efemeridade de tudo. Pensei comigo: - Foi aqui, foi no Varandá...

Saí de lá rumo à praça Castro Alves, pensando na magia que os jovens viajantes de hoje, saberão encontrar na cidade. Enquanto isso, ia lembrando uma canção: "Viver não é fácil não / Pergunte pra meu coração / sei perder na valentia/ sei amar o meu amor / Ah moreno / Sei beber no Varandá / Foi Sandoval quem me ensinou".

(Justino da Veiga, inédito)

O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se numa forma do singular para preencher adequadamente a lacuna da frase:

- A) **Não é sempre que conseguimos recolher com íntima alegria a sensação de vida plena que nos (trazer)** as experiências reveladoras da alma das ruas.
- B) **Das tantas canções que se (registrar)** em nossa memória, algumas guardam um apelo especial, e nos transportam para o passado.
- C) **Os sinais de abandono do antigo Varandá, no retorno do narrador ao saudoso barzinho, (provocar)** nele uma sensação de melancolia.
- D) **É comum que sobre o passado que vivemos calorosamente (vir)** a pesar as idealizações que nossa memória engendra.
- E) **Aos responsáveis pelos grandes empreendimentos urbanos (caber)** zelar pela qualidade de vida de cidades complexas como Salvador.

Esta e apenas uma amostra gratis. Adquiria a versao completa em <http://www.concursoprepara.com.br>

Língua Portuguesa / Flexão nominal e verbal

Fonte: ANALISTA JUDICIÁRIO - ANÁLISE DE SISTEMA - DESENVOLVIMENTO / TJ/PA / 2009 / FCC

Q3.

Liberdade minha, liberdade tua

Uma professora do meu tempo de ensino médio, a propósito de qualquer ato de indisciplina ocorrido em suas aulas, invocava a sabedoria da frase "A liberdade de um termina onde começa a do outro". Servia-se dessa velha máxima para nos lembrar limites de comportamento. Com o passar do tempo, esqueci-me de muita coisa da História que ela nos ensinava, mas jamais dessa frase, que naquela época me soava, ao mesmo tempo, justa e antipática. Adolescentes não costumam prezar limites, e a ideia de que a nossa (isto é, a minha...) liberdade termina em algum lugar me parecia inaceitável. Mas eu também me dava conta de que poderia invocar a mesma frase para defender aguerridamente o meu espaço, quando ameaçado pelo outro, e isso a tornava bastante justa... Por vezes invocamos a universalidade de um princípio por razões inteiramente egoístas.

Confesso que continuo achando a frase algo perturbadora, provavelmente pelo pressuposto que ela encerra: o de que os espaços da liberdade individual estejam distribuídos e demarcados de forma inteiramente justa. Para dizer sem meias palavras: desconfio do postulado de que todos sejamos igualmente livres, ou de que todos dispomos dos mesmos meios para defender nossa liberdade. Ele parece traduzir muito mais a aspiração de um ideal do que as efetivas práticas sociais. O egoísmo do adolescente é um mal dessa idade ou,

no fundo, subsiste como um atributo de todas?
Acredito que uma das lutas mais ingentes da civilização humana é a que se desenvolve, permanentemente, contra os impulsos do egoísmo humano. A lei da sobrevivência na selva – lei do instinto mais primitivo – tem voz forte e procura resistir aos dispositivos sociais que buscam controlá-la. Naquelas aulas de História, nossa professora, para controlar a energia desbordante dos jovens alunos, demarcava seu espaço de educadora e combatia a expansão do nosso território anárquico. Estava ministrando-nos na prática, ao lembrar os limites da liberdade, uma aula sobre o mais crucial desafio da civilização.

(Valdeci Aguirra, inédito)

O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se no plural para preencher corretamente a lacuna da frase:

- A) (**costumar**) seguir os nossos atos de indisciplina a invocação das sábias palavras daquela velha frase.
- B) **Entre os adolescentes não** (**ser**) de hábito respeitar os limites da liberdade individual.
- C) **A ninguém da classe** (**deixar**) de tocar, naquela época, seus alertas contra o nosso anarquismo.
- D) **Nas aulas em que** (**cabere**) invocá-las, a professora repetia as palavras daquele velho ditado.
- E) **Um desafio que aos homens sempre se** (**impor**), em razão dos seus impulsos egoístas, está em respeitar o espaço alheio.

Esta e apenas uma amostra grátis. Adquirir a versão completa em <http://www.concursoprepara.com.br>

Língua Portuguesa / Pronomes: emprego, formas de tratamento e colocação

Fonte: TÉCNICO JUDICIÁRIO - ÁREA ADMINISTRATIVA / TRE/PR / 2012 / FCC

Q4.

Um conjunto recente de pesquisas na área da neurociência sugere uma reflexão acerca dos efeitos devastadores do computador sobre a tradição da escrita em papel. Por meio da observação do cérebro de crianças e adultos, verificou-se de forma bastante clara que a escrita de próprio punho provoca, na região dedicada ao processamento das informações armazenadas na memória, uma atividade significativamente mais intensa do que a da digitação, o que tem conexão direta com a elaboração e a expressão de ideias. Está provado também que o ato de escrever desencadeia ligações entre os neurônios naquela parte do cérebro que faz o reconhecimento visual das palavras, contribuindo assim para a fluidez da leitura. Com a digitação, essa área fica inativa.

Na Antiguidade, os egípcios tinham nas letras um objeto sagrado, inventado pelos deuses. Sinônimo de status, a caligrafia irretocável foi por séculos na China um pré-requisito para ingressar na prestigiada carreira pública. No Brasil, a caligrafia constava entre as habilidades avaliadas nos exames de admissão do antigo ginásio até a década de 70, e era ensinada com esmero na sala de aula.

O hábito da escrita vem caindo em desuso à medida que o computador se dissemina. Até aqui a palavra foi eternizada em papel (ou pedra, pergaminho, papiro), que se encarregou de registrar a história da humanidade. O computador traz nova dimensão à aquisição de conhecimentos e à interação entre as gerações que chegam aos bancos escolares. Para elas, escrever à mão corre o risco de se tornar apenas mais um registro do passado guardado em arquivo digital.

(Luís Guilherme Barrocho. Veja, 27 de julho de 2011. p. 94, com adaptações)

... o que tem conexão direta com a elaboração e a expressão de ideias. (1º parágrafo)

No contexto, o pronome grifado acima substitui, especificamente:

- A) um conjunto recente de pesquisas na área da neurociência.
- B) uma reflexão acerca dos efeitos devastadores do computador.
- C) a tradição da escrita em papel.
- D) a observação do cérebro de crianças e adultos.
- E) a escrita de próprio punho provoca (...) uma atividade significativamente mais intensa do que a da digitação.

Esta e apenas uma amostra grátis. Adquira a versão completa em <http://www.concursosprepara.com.br>

Língua Portuguesa / Emprego de tempos e modos verbais

Fonte: TÉCNICO JUDICIÁRIO - ÁREA ADMINISTRATIVA / TRT 12ª / 2013 / FCC

Q5.

O estilo é o modo particular com que um compositor organiza suas concepções e fala a linguagem de sua arte. Essa linguagem musical é o elemento comum a compositores de uma determinada escola ou época. Certamente as fisionomias musicais de Mozart e Haydn são bem conhecidas, e esses compositores estão obviamente vinculados um ao outro, embora seja fácil aos que estão familiarizados com a linguagem do período distingui-los.

A indumentária que a moda prescreve aos indivíduos de uma mesma geração impõe a seus usuários um modelo especial de gestos e uma determinada postura que são condicionados pelo corte das roupas. Da mesma maneira, a indumentária musical utilizada por uma época deixa sua marca na linguagem e, em sentido figurado, no gestual dessa música, assim como na atitude do compositor em relação ao material sonoro. Esses elementos são fatores imediatos na massa de detalhes que nos ajudam a determinar como se formam o estilo e a linguagem musical.

O que se denomina estilo de uma época resulta de uma combinação de estilos individuais, uma combinação dominada pelos métodos dos compositores que exerceram influência preponderante em seu tempo.

Podemos notar, voltando ao exemplo de Mozart e Haydn, que eles se beneficiaram da mesma cultura, beberam nas mesmas fontes, e aproveitaram as descobertas um do outro. Cada um deles, entretanto, efetua um milagre totalmente pessoal.

(Adaptado de: Igor Stravinsky. Poética musical em 6 lições. Trad. de Luiz Paulo Horta. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996. p. 70)

Essa linguagem musical é o elemento comum a compositores de uma determinada escola ou época.

... embora seja fácil aos que estão familiarizados com a linguagem do período distingui-los.

Os verbos que estão conjugados na terceira pessoa do singular e nos mesmos tempos e modos em que o verbo "ser" aparece grifado nas frases acima são, respectivamente:

- A) faz – faça.
- B) tem – tivesse.
- C) pôde – puder.
- D) deixe – deixou.
- E) saía – saia.

Esta e apenas uma amostra grátis. Adquira a versão completa em <http://www.concursosprepara.com.br>

Língua Portuguesa / Emprego de tempos e modos verbais

Fonte: ANALISTA JUDICIÁRIO - ADMINISTRATIVO / TRT 24ª / 2011 / FCC

Q6.

Pensando os blogs

Há não muito tempo, falava-se em **imprensa escrita, falada e televisada** quando se desejava abarcar todas as possibilidades da comunicação jornalística. Os jornais e as revistas, o rádio e a televisão constituíam o pleno espaço público das informações. Tinham em comum o que se pode chamar de "autoria institucional": dizia-se, por exemplo, que tal notícia "deu no Diário Popular", ou "foi ouvida na rádio Cacique", ou "passou no telejornal da TV Excelsior". Funcionava como prova de veracidade do fato.

Hoje a autoria institucional enfrenta séria concorrência dos autores anônimos, ou semi-anônimos, que se valem dos recursos da internet, entre eles os incontáveis **blogs**. Considerados uma espécie de cadernos pessoais abertos, os **blogs** possibilitam intervenção imediata do público e exploram em seu espaço virtual as mais distintas formas de linguagem: textos, desenhos, gravuras, fotos, músicas, vídeos, ilustrações, reportagens, entrevistas, arquivos importados etc. etc. A novidade maior dos **blogs** está nessa imediata conexão que podem realizar entre o que seria essencialmente privado e o que seria essencialmente público. Até mesmo alguns velhos jornalistas mantêm com regularidade esses espaços abertos da internet, sem prejuízo para suas colunas nos jornais tradicionais. A diferença é que, em seus **blogs**, eles se permitem depoimentos subjetivos e apreciações pessoais que não teriam lugar numa **Folha de S. Paulo** ou num **O Globo**, por exemplo. São capazes de narrar a cerimônia de posse do presidente da República incluindo os apartes e as impressões dos filhos pequenos que também acompanhavam e comentavam o evento.

Qualquer cidadão pode resolver sair da casca e dizer ao mundo o que pensa da seleção brasileira, ou da mulher que o abandonou, ou da falta de oportunidades no seu ramo de negócio. Artistas plásticos trocam figurinhas em seus **blogs** diante de um largo público de espectadores, escritores adiantam um capítulo do próximo romance, um músico resolve divulgar sua nova canção já acompanhada de cifras para acompanhamento no violão. É só abrir um espaço na internet.

Outro dia, num **blog** de algum sucesso, o autor gabava-se de promover democraticamente, entre os incontáveis seguidores seus, uma discussão sobre as mesmas questões que preocupavam a roda fechada e cerimoniosa dos filósofos companheiros de Platão. Isso sim, argumentava ele, é que é um **diálogo** verdadeiro. Tal atrevimento supõe que quantidade implicaria qualidade, e que democracia é uma soma infinita das impressões e opiniões de todo mundo...

Não importa a extensão das descobertas tecnológicas, sempre será imprescindível a atuação do nosso espírito crítico diante de cada fato novo que se imponha à nossa atenção.

(Belarmino Braga, inédito)

Transpondo-se para a voz passiva a frase Hoje a autoria institucional enfrenta séria concorrência dos autores anônimos, obter-se-á a seguinte forma verbal:

- A) são enfrentados.
- B) tem enfrentado.
- C) tem sido enfrentada.
- D) têm sido enfrentados.
- E) é enfrentada.

Esta e apenas uma amostra gratis. Adquira a versao completa em <http://www.concursoprepara.com.br>

Língua Portuguesa / Emprego de tempos e modos verbais

Fonte: ANALISTA JUDICIÁRIO - ADMINISTRATIVO / TRT 8ª / 2010 / FCC

Q7.

Tecendo a manhã

*Um galo sozinho não tece uma manhã:
ele precisará sempre de outros galos.
De um que apanhe esse grito que ele
e o lance a outro; de um outro galo
que apanhe o grito que um galo antes
e o lance a outro; e de outros galos
que com muitos outros galos se cruzem
os fios de sol de seus gritos de galo,
para que a manhã, desde uma teia tênue,
se vá tecendo, entre todos os galos.*

*E se encorpando em tela, entre todos,
se erguendo tenda, onde entrem todos,
se entretendendo* para todos, no toldo
(a manhã) que plana livre de armação.
A manhã, toldo de um tecido tão aéreo
que, tecido, se eleva por si: luz balão.*

*neologismo

João Cabral de Melo Neto

(**A educação pela pedra, Obra completa.** Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995. p. 345)

de um outro galo que apanhe o grito...

O verbo que se encontra conjugado nos mesmos tempo e modo que o grifado na frase acima está presente nos seguintes versos de João Cabral de Melo Neto, retirados de Morte e Vida Severina:

- A) *Por onde andar*á a gente / que tantas canas *cultiva*.
- B) Os rios que *correm aqui* / têm a água *vitalícia*...
- C) Quem sabe se nesta terra / não plantarei *minha sina*.
- D) só morte *tem encontrado* / quem pensava encontrar *vida*...
- E) primeiro é preciso *achar* / um trabalho de que *viva*.

Esta e apenas uma amostra gratis. Adquira a versao completa em <http://www.concursoprepara.com.br>

Língua Portuguesa / Emprego de tempos e modos verbais

Fonte: ANALISTA JUDICIÁRIO - ANÁLISE DE SISTEMAS / TRE/PI / 2009 / FCC

Q8.

A história de sucesso das nações hoje desenvolvidas possui um traço comum e inequívoco: a ascensão política e econômica da classe média. Essa evolução foi primeiro observada na Europa, onde sociedades estratificadas e sem mobilidade deram lugar a países dinâmicos após a irrupção do capitalismo. Esse fenômeno chegou tardiamente ao Brasil e nunca fincou raízes sólidas e duradouras. Houve fases de rápido crescimento, como na industrialização do início do século passado ou no milagre econômico dos anos 70. Mais recentemente, o país chegou a vislumbrar um salto rumo ao desenvolvimento com o Plano Cruzado. Mas, em todos esses casos, o aumento no padrão de vida dos mais pobres foi transitório e abortado pouco depois por crises econômicas. Agora, com a retomada do crescimento econômico, o país volta a se ver diante da oportunidade de romper de maneira definitiva com o subdesenvolvimento. Nos dois últimos anos, mais de 20 milhões de brasileiros saíram das camadas sociais mais baixas – as chamadas classes D e E – e alcançaram a classe C, porta de entrada para a sociedade de consumo. As conclusões acima fazem parte de um estudo feito em

2008. Trata-se da mais recente evidência de que o país tem conseguido, enfim, reduzir sua população de miseráveis, ao mesmo tempo em que começa a formar uma sociedade de consumo de massa. Outras pesquisas e estudos, com metodologias distintas, já haviam detectado esse avanço, que nada mais é senão a recompensa ao ciclo de reformas e ajustes econômicos feitos pelo país desde o Plano Real, sobretudo o combate à inflação. Comparado ao meio bilhão de novos consumidores que China e Índia produziram na última década, o fenômeno brasileiro pode não impressionar. Mas é notável. O resultado disso é que, em um fato inédito na história recente, a classe C é hoje o estrato social mais numeroso do país. É sempre uma boa notícia a ascensão econômica de pessoas, especialmente a caminho da classe média, notório colchão social entre os estratos mais ricos e mais pobres, capaz de reduzir as tensões sociais. Se a emergência da classe C é um processo sustentável, só o tempo dirá. O que se pode atestar com certeza é que essa transformação deu novo ânimo à economia, despertando o surgimento de negócios, criando empregos e aproximando o Brasil de uma verdadeira economia de mercado. Diz o filósofo Roberto Romano, da Unicamp: "Um país em que a classe média diminua está fadado à estagnação social e econômica. O desafio agora será integrar essa massa populacional à produção de bens e serviços mais elaborados, com investimento em educação técnica, para que esse fenômeno não seja passageiro."

(Adaptado de Julia Duailibi e Cíntia Borsato. Veja, 2 de abril de 2008, p. 84-86)

para que esse fenômeno não seja passageiro. (final do texto)

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo que o grifado acima está na frase:

- A) Houve fases de rápido crescimento ...
- B) ... o país volta a se ver diante da oportunidade ...
- C) ... ao mesmo tempo em que começa a formar uma sociedade de consumo de massa.
- D) ... só o tempo dirá.
- E) Um país em que a classe média diminua

Esta e apenas uma amostra grátis. Adquira a versão completa em <http://www.concursoprepara.com.br>

Língua Portuguesa / Vozes do verbo

Fonte: ASSISTENTE TÉCNICO ADMINISTRATIVO - RH / Sergipe Gás S/A / 2013 / FCC

Q9.

Assistir à televisão era algo especial, a começar pelo manuseio do aparelho. Frequentemente apenas uma pessoa – no geral, um adulto – era competente para ligá-lo e regular a imagem. As crianças constituíam, desde o início, um segmento importante do público, mas ainda lhes era imposta certa distância do aparelho.

Introduzida nos lares, a televisão concedia prestígio social à família. Mais que isso: a casa se tornava um centro de atração e convivência para a vizinhança. Por isso, o público-alvo incluía os televisinhos.

Havia ainda um misto de respeito e estranhamento diante da caixa mágica e de seus mistérios. A posse do objeto que traz as imagens para dentro de casa significava uma postura “moderna”, uma atitude desinibida diante da nova tecnologia.

Antes do videoteipe (VT), a teledramaturgia transportava uma carga de emoção que era única, semelhante à tensão típica de um espetáculo teatral. O público recebia inconscien-

temente essa carga e participava de algum modo dela. Se para Aracy Cardoso o uso do VT permite sobretudo ao ator se ver e corrigir a interpretação, Roberto de Cleto enfatiza que a introdução do videoteipe prejudicou a interpretação: perdia-se uma certa electricidade que emanava da interpretação ao vivo. A energia que vibrava da vontade “de se fazer bem e certo, ao vivo” não estava mais presente.

As cartas dos leitores de revistas especializadas da época revelam que o público se propunha a participar ativamente no desenvolvimento do novo meio. Ele exercia a crítica com a intenção de modificar o que lhe era apresentado: a programação, a escolha dos atores, a composição dos cenários.

(Adaptado de Marta Maria Klagsbrunn. “A telenovela ao vivo”. Sujeito, o lado oculto do receptor. S.Paulo: Brasiliense, 1995, p. 94-95)

As crianças constituíam, desde o início, um segmento importante do público ...

A forma verbal resultante da transposição da frase acima para a voz passiva é:

- A) foi constituído.
- B) eram constituídas.
- C) constituíam-se.
- D) era constituído.
- E) seriam constituídas.

Esta e apenas uma amostra gratis. Adquira a versao completa em <http://www.concursoprepara.com.br>

Língua Portuguesa / Vozes do verbo

Fonte: ANALISTA DESENVOLVIMENTO GESTÃO JÚNIOR - ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS / Metrô/SP / 2012 / FCC

Q10.

Desafios de uma biografia

Claude Lévi-Strauss (1908-2009), o mais famoso antropólogo do século XX, poderia intimidar qualquer biógrafo. Ele negava que sua pessoa tivesse qualquer interesse. Dizia que se lembrava pouco de seu passado e tinha a sensação de que não havia escrito os próprios livros. Segundo suas palavras, ele era apenas uma “encruzilhada passiva” onde “coisas aconteciam”. “Eu nunca tive, e ainda não tenho, a percepção de sentir minha identidade pessoal. Eu me vejo como o lugar onde alguma coisa está acontecendo, mas não existe um eu.”

Essas afirmativas tampouco eram meras confissões pessoais: seu sistema intelectual baseava-se numa rejeição radical da significação do sujeito como indivíduo em sentido estrito, e até mesmo de sua realidade. Essa dupla barreira já não seria um obstáculo inamovível para uma biografia? Mas há ainda outro obstáculo, talvez mais difícil: paradoxalmente, Lévi-Strauss é também autor de um livro de memórias, **Tristes trópicos**, uma obra-prima literária incontestável, na qual ele definiu as experiências que considerava decisivas de sua vida. Quem poderia fazer isso melhor? Com certeza, nenhum cronista convencional. Na cultura francesa, onde há muito tempo a arte da biografia é notoriamente fraca, a única tentativa de traçar um retrato de corpo inteiro do antropólogo, feita por Denis Bertholet em 2003, é testemunho suficiente dessa deficiência. Patrick Wilcken desafiou todas as dificuldades : **Claude Lévi-Strauss : o poeta no laboratório**, publicado recentemente pela editora Objetiva, é ao mesmo tempo uma biografia do mais alto nível e um estudo crítico do pensador. Esse livro, gracioso e vívido como narrativa, é também um modelo de apreciação intelectual. Livre tanto do impulso reverencial como da tentação de desmascarar, Wilcken produziu um relato maravilhosamente tranquilo e lúcido da vida e do pensamento de seu ilustre biógrafo.

(Adaptado de Perry Anderson, Revista Piauí 64, janeiro de 2012)

NÃO admite transposição para a voz passiva a seguinte construção:

- A) *poderia intimidar qualquer biógrafo.*
- B) *não havia escrito os próprios livros.*
- C) *ele definiu as experiências.*
- D) *Quem poderia fazer isso melhor.*
- E) *é testemunho suficiente dessa deficiência.*

Esta e apenas uma amostra gratis. Adquirá a versao completa em <http://www.concursoprepara.com.br>

Língua Portuguesa / Vozes do verbo

Fonte: ANALISTA DE SISTEMAS / COPERGÁS / 2011 / FCC

Q11.

Texto I

A natureza das vidas que as pessoas podem levar tem sido objeto de atenção dos analistas sociais ao longo da história. Mesmo que os principais índices econômicos do progresso tendam a se concentrar no melhoramento de objetos inanimados de conveniência (por exemplo, no produto interno bruto, PIB), essa concentração poderia ser justificada, em última instância, apenas através do que esses objetos produzem nas vidas humanas que podem direta ou indiretamente influenciar. Temos excelentes razões para não confundir os meios com os fins, e para não considerarmos os rendimentos e a opulência como importantes em si, em vez de valorizá-los pelo que ajudam as pessoas a realizar, incluindo uma vida boa e que valha a pena.

A opulência econômica e a liberdade substantiva, embora não sejam desconectadas, frequentemente podem divergir. Mesmo com relação à liberdade de viver vidas longas (livres de doenças evitáveis), é notável que o grau de privação de grupos socialmente desfavorecidos em países muito ricos pode ser comparável ao das regiões mais pobres. A liberdade de evitar a morte prematura é incrementada por uma renda elevada (isso não se discute), mas ela também depende de outros fatores, em particular da organização social, incluindo a saúde pública e a garantia de assistência médica. Faz diferença se olharmos apenas para os recursos financeiros, em vez de considerarmos as vidas que as pessoas conseguem levar.

Ao avaliarmos nossas vidas, há razões para estarmos interessados na liberdade que realmente temos para escolher entre diferentes estilos de vida. O reconhecimento de que a liberdade é importante também pode ampliar nossa responsabilidade. Poderíamos usar nossa liberdade para investir em muitos objetivos que não são parte de nossas próprias vidas em um sentido restrito (por exemplo, a preservação de espécies ameaçadas). Trata-se de um tema importante na abordagem de questões como o desenvolvimento sustentável.

(Adaptado de Amartya Sen. **A ideia de Justiça**. São Paulo, Cia. das Letras, 2011. p.259-61)

Poderíamos usar nossa liberdade para investir em muitos objetivos que não são parte de nossas próprias vidas em um sentido restrito.

A frase acima se encontra corretamente reescrita na voz passiva em:

- A) Muitos objetivos que não são parte de nossas próprias vidas em um sentido restrito poderiam ser usados para melhorar nossa liberdade.
- B) Nossa liberdade poderia ser usada para investirmos em muitos objetivos que não são parte de nossas próprias vidas em um sentido restrito.
- C) Nossa liberdade poderia ser investida para usar em muitos objetivos que não são parte de nossas próprias vidas em um sentido restrito.

- D) Muitos objetivos poderiam ser usados para investirmos em nossa liberdade, que não são parte de nossas próprias vidas em um sentido restrito.
- E) Nossa liberdade seria usada em um sentido restrito para investirmos em muitos objetivos que não são parte de nossas próprias vidas.

Esta e apenas uma amostra gratis. Adquiria a versao completa em <http://www.concursoprepara.com.br>

Língua Portuguesa / Vozes do verbo

Fonte: ANALISTA DE SISTEMAS / TCE/AL / 2008 / FCC

Q12.

Propósitos e liberdade

Desde que nascemos e a nossa vida começou, não há mais nenhum ponto zero possível. Não há como começar do nada. Talvez seja isso que torna tão difícil cumprir propósitos de Ano Novo. E, a bem da verdade, o que dificulta realizar qualquer novo propósito, em qualquer tempo.

O passado é como argila que nos molda e a que estamos presos, embora chamados imperiosamente pelo futuro. Não escapamos do tempo, não escapamos da nossa história. Somos pressionados pela realidade e pelos desejos. Como pode o ser humano ser livre se ele está inexoravelmente premido por seus anseios e amarrado ao enredo de sua vida? Para muitos filósofos, é nesse conflito que está o problema da nossa liberdade.

Alguns tentam resolver esse dilema afirmando que a liberdade é a nossa capacidade de escolher, a que chamam livre-arbítrio. Liberdade se traduziria por ponderar e eleger entre o que quero e o que não quero ou entre o bem e o mal, por exemplo. Liberdade seria, portanto, sinônimo de decisão. Prefiro a interpretação de outros pensadores, que nos dizem que somos livres quando agimos. E agir é iniciar uma nova cadeia de acontecimentos, por mais atrelados que estejamos a uma ordem anterior. Liberdade é, então, começar o improvável e o impensável. É sobrepujar hábitos, crenças, determinações, medos, preconceitos. Ser livre é tomar a iniciativa de principiar novas possibilidades. Desamarrar. Abrir novos tempos.

Nossa história e nosso passado não são nem cargas indesejadas, nem determinações absolutas. Sem eles, não teríamos de onde sair, nem para onde nos projetar. Sem passado e sem história, quem seríamos? Mas não é porque não podemos (fazer, falar, mudar, enfrentar...) que jamais poderemos. Nossa capacidade de dar um novo início para as mesmas coisas e situações é nosso poder original e está na raiz da nossa condição humana. É ela que dá à vida uma direção e um destino. Somos livres quando, ao agir, recomeçamos.

Nossos gestos e palavras, mesmo inconscientes e involuntários, sempre destinam nossas vidas para algum lugar. A função dos propósitos é transformar esse agir, que cria destinos, numa ação consciente e voluntária. Sua tarefa é a de romper com a casualidade aparente da vida e apagar a impressão de que uma mão dirige nossa existência. Os propósitos nos devolvem a autoria da vida.

(Dulce Critelli. Folha de São Paulo, 24/01/2008)

A transposição para a voz passiva é possível apenas em:

- A) Novos gestos incutem à nossa vida um novo sentido.
- B) A liberdade aposta, sempre, em novas possibilidades.
- C) Na nossa capacidade de escolha estaria a nossa liberdade.
- D) A resolução desse dilema depende de uma grave decisão.
- E) As idéias fatalistas conspiram contra as ações libertárias.

Esta e apenas uma amostra gratis. Adquiria a versao completa em <http://www.concursoprepara.com.br>

Língua Portuguesa / Concordância nominal e verbal

Fonte: TÉCNICO DO MINISTÉRIO PÚBLICO - ADMINISTRATIVA / MPE/SE / 2013 / FCC

Q13.

As regras de concordância nominal e verbal estão corretamente empregadas em:

- A) Exige-se, agora, correção, precisão e clareza absoluta nas comunicações interpessoal nas empresas.
- B) Precisam-se de mais executivos e funcionários habilitados, haja visto o sucesso das empresas.
- C) É necessário a boa comunicação interpessoal tanto da chefia quanto dos funcionários da empresa.
- D) Esperam-se que Vossas Excelências fiquem satisfeitas com a recepção que lhe foi preparada.
- E) Fazia anos que era preciso mais atenção à qualidade dos produtos e ao trato com os clientes.

Esta e apenas uma amostra gratis. Adquira a versao completa em <http://www.concursoprepara.com.br>

Língua Portuguesa / Concordância nominal e verbal

Fonte: ANALISTA JUDICIÁRIO - ÁREA JUDICIÁRIA / TRT 18ª / 2013 / FCC

Q14.

O verbo empregado no plural que, sem prejuízo das normas de concordância verbal, também poderia ser empregado no singular está grifado neste fragmento de um poema de Cora Coralina:

- A) Filhos, pequeninos e frágeis...
eu os carregava, eu os alimentava?
Não. Foram eles que me carregaram,
que me alimentaram.
- B) Sobraram na fala goiana algumas expressões africanas, como Inhô, Inhá, Inhora, Sus Cristo. [...].
- C) Suas roseiras, jasmineiros, cravos e cravinas, escumilhas,
onde beija-flores faziam seus ninhos delicados [...].
- D) Na Fazenda Paraíso, grandes terras de Sesmaria, nos dias da minha infância ali viviam meu avô, minha bisavó Antônia, que todos diziam Mãe Yayá, minha tia Bárbara, que era tia Nhá-Bá.
- E) E vinham os companheiros, eu vi, escondida na moita de bambu....

Esta e apenas uma amostra gratis. Adquira a versao completa em <http://www.concursoprepara.com.br>

Língua Portuguesa / Concordância nominal e verbal

Fonte: ANALISTA JUDICIÁRIO - JUDICIÁRIO / TRT 20ª / 2011 / FCC

Q15.

[Entre falar e escrever]

Antigamente os professores de ginásio ensinavam a escrever mandando fazer redações que puxavam insensivelmente para a grandiloquência, o preciosismo ou a banalidade: descrever uma floresta, uma tempestade, o estouro da boiada; comentar os males causados pelo fumo, o jogo, a bebida; dizer o que pensa da pátria, da guerra, da bandeira. Bem ou mal, íamos aprendendo, sobretudo porque naquele tempo os professores tinham tempo para corrigir os exercícios escritos (o meu chegava a devolver os nossos com igual número de páginas de observações e comentários a tinta vermelha; que Deus o tenha no céu dos bons gramáticos). Mas o efeito podia ser duvidoso. Lembre-se por analogia o começo do romance **S. Bernardo**, de Graciliano Ramos. O rústico fazendeiro Paulo Honório quer contar a própria vida, mas sendo homem sem instrução, imagina um método prático: contaria os fatos ao jornalista local e este redigiria. No entanto... Leiamos:*

O resultado foi um desastre. Quinze dias depois do nosso primeiro encontro, o redator do jornal apresentou-me dois capítulos datilografados, tão cheios de besteiras que me zanguei: – Vá para o inferno, Gondim. Você acanhalhou o troço. Está pernóstico, está safado, está idiota! Há lá ninguém que fale dessa forma!

O jornalista observa então que “um artista não pode escrever como fala”, e ante o espanto de Paulo Honório, explica:

– Foi assim que sempre se fez. A literatura é literatura, seu Paulo. A gente discute, briga, trata de negócios naturalmente, mas arranjar palavras com tinta é outra coisa. Se eu fosse escrever como falo, ninguém me lia.

Então Paulo Honório põe mãos à obra do seu jeito, “escreve como fala” e resulta o romance **S. Bernardo**, um clássico de Graciliano Ramos.

* **Ginásio**: antiga denominação de período escolar, que hoje corresponde às quatro últimas séries do ensino fundamental.

(Adaptado de Antonio Candido, O albatroz e o chinês)

As normas de concordância verbal estão plenamente atendidas na frase:

- A) Interessava aos antigos professores de português suscitar nos alunos o gosto pelos efeitos de retórica nas redações.
- B) A nenhum dos professores do ginásio ocorreriam imaginar que a linguagem falada pode ser um registro de alto valor estético.
- C) Nos dois trechos citados de Graciliano Ramos encontram-se elementos da linguagem falada a que não faltam vivacidade.
- D) O autor faz votos de que aos bons gramáticos se reservem, por justas razões, acomodação privilegiada no céu.
- E) Graças às convicções de que Graciliano não abriam mão, acabou produzindo uma obra-prima em estilo seco e incisivo.

Esta e apenas uma amostra grátis. Adquira a versão completa em <http://www.concursoprepara.com.br>

Língua Portuguesa / Concordância nominal e verbal

Fonte: ANALISTA JUDICIÁRIO - JUDICIÁRIA / TRE/AC / 2010 / FCC

Q16.

Eleições antigas

Minhas primeiras memórias dos dias de eleição remontam ao primeiro ano primário, quando, do alto dos meus sete anos, admirava a profusão de cédulas de papel, que atulhavam as calçadas e as ruas, ou bailavam no ar, subitamente sacudidas por ventos que nunca faltaram, bem me lembro, nas ladeiras da minha cidade. Muito antes da votação eletrônica (confesso: antes mesmo de haver televisores nas casas), essas cédulas eram já os votos que o eleitor devia colocar na urna de sua seção eleitoral. Eu não entendia bem o motivo mesmo daqueles dias agitados, mas as crianças amam qualquer coisa que quebre a rotina. E um dia de eleição era um dia especial.

Gravações de falas, de slogans e de jingles de propaganda, que circulavam em carros armados com alto-falantes, ajudavam a criar um clima festivo de feriado, embora nenhum menino atinasse exatamente com as razões cívicas de tanta balbúrdia. Anos mais tarde, com a seca de eleições durante os longos anos de ditadura, pude sentir de modo especial o significado daqueles dias.

Mas nem tudo era festa. Volta e meia irrompiam discussões, às vezes ásperas, entre simpatizantes de diferentes candidatos. Da janela de casa, em que todos os dias do ano gastava pelo menos uma hora “a espiar o movimento”, meu pai provocava amistosamente o vizinho do outro lado da rua, que tinha o mesmo hábito da janela: “O seu Ademar já perdeu...”. A

resposta vinha na hora: “Veremos, veremos...”. Aprendi que esse “veremos” significava ficar muitas horas, nos dias seguintes, a acompanhar as apurações pelo rádio. Eu acabava torcendo, é claro, para o candidato de meu pai (que sempre era, também, o de minha mãe), embora não tivesse a menor ideia do que representaria de fato uma eventual vitória. Quando Juscelino se anunciou candidato, meu pai disse que não votaria numa pessoa com sobrenome “impronunciável”. Nem sempre ele se balizava por critérios eminentemente ideológicos. Ainda acho, tantas décadas mais velho, muito especiais os dias de eleição. Alguma coisa daquela antiga festividade retorna, na animação que toma conta das cercanias das escolas onde se vota. Fico às vezes parado, ali por perto, depois de votar, olhando os meninos que brincam na rua, olhando as janelas das casas, onde às vezes há alguém debruçado, a espiar o movimento.

(Aristides Silvério, inédito)

Estão plenamente observadas as normas de concordância verbal na frase:

- A) Sempre haverá esses mágicos canais da memória que nos transportam para situações antigas, quando as vem evocar alguma situação do presente.
- B) Votavam-se, nas antigas eleições, com as mesmas cédulas de papel que fartamente se distribuía entre os eleitores, às vezes ainda indecisos.
- C) Mas nem tudo era manifestações de entusiasmo, já que sempre tinham de haver alguns debates entre os eleitores, como os que estabeleciam meu pai com o vizinho.
- D) Tudo, desde os alto-falantes até os gritos da criançada, se somavam para que se guardasse daquela agitação algumas das lembranças mais vívidas da infância.
- E) Enquanto houverem parapeitos e janelas, não faltarão senhores e senhoras que ali se debrucem, cuidando para que não se perca quaisquer detalhes da rotina da rua.

Esta e apenas uma amostra grátis. Adquirir a versão completa em <http://www.concursoprepara.com.br>

Língua Portuguesa / Concordância nominal e verbal

Fonte: TÉCNICO JUDICIÁRIO - TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO / TRT 18ª / 2008 / FCC

Q17.

O acordo ortográfico que visa a unificar a escrita do português nos países que o adotam como língua oficial tem implicações profundas de ordem técnica e comercial, além de provocar ansiedade em brasileiros mergulhados em dúvidas no seu empenho diário para falar e escrever bem. Dominar a norma culta de um idioma é plataforma mínima de sucesso para profissionais de todas as áreas. Engenheiros, médicos, economistas, contabilistas e administradores que falam e escrevem certo, com lógica e riqueza vocabular, têm maior possibilidade de chegar ao topo do que profissionais tão qualificados quanto eles, mas sem o mesmo domínio da palavra. Por essa razão, as mudanças ortográficas interessam e trazem dúvidas a todos. As mudanças previstas podem ganhar contornos mais amplos em um momento em que os idiomas nacionais sofrem todo tipo de pressão desestabilizadora. Segundo o lingüista David Crystal, a globalização e a revolução tecnológica da internet estão dando origem a um novo mundo lingüístico. Entre os fenômenos desse novo mundo estão as subversões da ortografia presentes nos blogs e nas trocas de e-mails. David Crystal cunhou o termo netspeak para designar as formas inéditas de expressão escrita que a internet gerou. A inclusão de símbolos audiovisuais, os links que permitem saltos de um texto para outro – nada disso existia nas formas anteriores de comunicação, que se tornou mais ágil e veloz, aproximando-se, nesse sentido, da fala.

Até no âmbito profissional a objetividade eletrônica está imperando. A carta comercial que iniciava com a fórmula “Vimos por meio desta” é peça em desuso. Gêneros como a carta circular e o requerimento caminham para a extinção; o e-mail tem absorvido essas funções. Embora a língua sofra ataques

deformadores diários nos blogs e chats, a palavra escrita nunca foi usada tão intensamente antes. Os mais otimistas apostam que os bate-papos da garotada, travados com símbolos e interjeições, podem ser a semente de uma comunicação escrita mais complexa. Pode ser assim e seria ótimo. Por enquanto, uma maneira de se destacar na carreira e na vida é mostrar nas comunicações formais perfeito domínio da norma culta do português. Vários estudos demonstram a correlação positiva entre um bom domínio do vocabulário e o nível de renda, mesmo que não se possa traçar uma correlação direta e linear entre uma coisa e outra. Além de conhecer as palavras, é preciso que se tenha alguma coisa a dizer, de forma clara e racional.

(Jerônimo Teixeira. Veja. 12 de setembro de 2007, p. 88-91, com adaptações)

Considere os termos grifados nos períodos abaixo.

Com a vigência do acordo recente entre países de língua portuguesa, pode haver mudanças na ortografia, embora não seja esta a única revolução por que a língua está passando. Observa-se subversões à norma culta diariamente, nos bate-papos pela internet.

O único que está INCORRETO, segundo os padrões da norma culta, é:

- A) vigência.
- B) pode haver.
- C) por que.
- D) Observa-se.
- E) à.

Esta e apenas uma amostra grátis. Adquirir a versão completa em <http://www.concursoprepara.com.br>

Língua Portuguesa / Concordância nominal e verbal

Fonte: ANALISTA JUDICIÁRIO - TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO / TRT 18ª / 2008 / FCC

Q18.

A ética como pressuposto do direito

*O filósofo Emanuel Kant mostrou que nenhum Estado de direito poderá subsistir se não houver, por parte dos cidadãos, uma ampla adesão a esse sistema, e não uma mera obediência, obtida por coerção governamental. Tem sentido análogo ao dessa consideração de Kant a seguinte passagem de Rousseau: "Colocar a lei acima do homem é um problema, para a política, que comparo ao da quadratura do círculo, para a geometria. Resolvi bem esse problema e o governo fundado sobre essa solução será bom e sem abuso. Mas até lá, onde acreditarem fazer reinar as leis, serão os homens que reinarão." É preciso, pois, desenvolver o **ethos** da nação, e para isso é preciso também criar os cidadãos, pois estes só se tornam efetivamente cidadãos quando têm seus direitos respeitados, e quando, em contrapartida, observam seus deveres. Parafraseando Erasmo, o homem não nasce cidadão, torna-se tal por meio da educação. O cidadão só é despertado para a necessidade de seu comportamento ético quando percebe que está na ética uma garantia para um pleno convívio social. Ele precisa valorizar essa convivência, perceber que ela é essencial para a sua vida. Caso não dê crédito às normas éticas, acabará por se amparar nas leis da natureza, que lhe parecerão mais vantajosas.*

O comportamento ético se define pela universalização dos valores que o norteiam. É a situação em que o

indivíduo, antes de agir, pergunta se o mérito de sua ação vai ao encontro do que os outros homens valorizam, assim como ele espera que as ações dos outros encontrem nele plena aprovação. É assim, retomando a observação de Kant, que se manifesta a adesão voluntária e participativa do cidadão ao sistema que rege uma sociedade.

(http://faac.unesp.br/pesquisa/tolerancia/texto_etica_rouanet.htm, adaptado)

Está plenamente adequada a concordância verbal na frase:

- A) Caso se coloque as leis acima do homem, este reagirá passando a seguir os ditames da natureza.
- B) Não cabem aos princípios éticos determinar-se por si mesmos, pois quem os legitima é a necessidade humana.
- C) Pretendem-se reconhecer nas escolhas éticas a universalização alcançada pelo respeito a princípios comuns.
- D) A obediência às leis do instinto e da natureza costumam constituir a alternativa para quem descrê das leis humanas.
- E) Não se impute aos homens que desobedecem as leis impostas o qualificativo de rebeldes, ou o de irresponsáveis.

Esta e apenas uma amostra gratis. Adquiria a versao completa em <http://www.concursosprepara.com.br>

Língua Portuguesa / Regência nominal e verbal

Fonte: TÉCNICO JUDICIÁRIO - ADMINISTRATIVA / TRE/RN / 2011 / FCC

Q19.

Rio Grande do Norte: a esquina do continente

Os portugueses tentaram iniciar a colonização em 1535, mas os índios potiguares resistiram e os franceses invadiram. A ocupação portuguesa só se efetivou no final do século, com a fundação do Forte dos Reis Magos e da Vila de Natal. O clima pouco favorável ao cultivo da cana levou a atividade econômica para a pecuária. O Estado tornou-se centro de criação de gado para abastecer os Estados vizinhos e começou a ganhar importância a extração do sal – hoje, o Rio Grande do Norte responde por 95% de todo o sal extraído no país. O petróleo é outra fonte de recursos: é o maior produtor nacional de petróleo em terra e o segundo no mar. Os 410 quilômetros de praias garantem um lugar especial para o turismo na economia estadual.

O litoral oriental compõe o Polo Costa das Dunas – com belas praias, falésias, dunas e o maior cajueiro do mundo –, do qual faz parte a capital, Natal. O Polo Costa Branca, no oeste do Estado, é caracterizado pelo contraste: de um lado, a caatinga; do outro, o mar, com dunas, falésias e quilômetros de praias praticamente desertas. A região é grande produtora de sal, petróleo e frutas; abriga sítios arqueológicos e até um vulcão extinto, o Pico do Cabugi, em Angicos. Mossoró é a segunda cidade mais importante. Além da rica história, é conhecida por suas águas termais, pelo artesanato reunido no mercado São João e pelas salinas.

Caicó, Currais Novos e Açari compõem o chamado Polo do Seridó, dominado pela caatinga e com sítios arqueológicos importantes, serras majestosas e cavernas misteriosas. Em Caicó há vários açudes e formações rochosas naturais que desafiam a imaginação do homem. O turismo de aventura encontra seu espaço no Polo Serrano, cujo clima ameno e geografia formada por montanhas e grutas atraem os adeptos do ecoturismo. Outro polo atraente é Agreste/Trairi, com sua sucessão de serras, rochas e lajedos nos 13 municípios que compõem a região. Em Santa Cruz, a subida ao Monte Carmelo desvenda toda a beleza do sertão potiguar – em breve, o local vai abrigar um complexo

voltado principalmente para o turismo religioso. A vaquejada e o Arraiá do Lampião são as grandes atrações de Tangará, que oferece ainda um belíssimo panorama no Açude do Trairi.

(Nordeste. 30/10/2010, Encarte no jornal O Estado de S. Paulo).

O clima pouco favorável ao cultivo da cana levou a atividade econômica para a pecuária. (1º parágrafo)

O mesmo tipo de regência nominal que se observa acima ocorre no segmento também grifado em:

- A) *O litoral oriental compõe o Polo Costa das Dunas – com belas praias, falésias, dunas e o maior cajueiro do mundo...*
- B) *Os 410 quilômetros de praias garantem um lugar especial para o turismo na economia estadual.*
- C) *A ocupação portuguesa só se efetivou no final do século, com a fundação do Forte dos Reis Magos e da Vila de Natal.*
- D) *Em Caicó há vários açudes e formações rochosas naturais que desafiam a imaginação do homem.*
- E) *Em Santa Cruz, a subida ao Monte Carmelo desvenda toda a beleza do sertão potiguar*

Esta e apenas uma amostra gratis. Adquir a versao completa em <http://www.concursosprepara.com.br>

Língua Portuguesa / Ocorrência da crase

Fonte: TÉCNICO JUDICIÁRIO - ADMINISTRATIVA / TRT 11ª / 2012 / FCC

Q20.

A ideia de uma dimensão humana da arte repousa numa concepção de humanidade que sofreu modificações ao longo do tempo. Não há muito, apenas o heroico, o mítico e o religioso eram admitidos na grande arte. A dignidade de um trabalho se media em parte pela importância de seu tema.

Com o tempo tornou-se claro que uma cena da vida cotidiana, uma paisagem ou natureza morta poderiam constituir uma grande pintura tanto quanto uma imagem da história ou do mito. Descobriu-se também que havia alguns valores profundos na representação de um motivo que não enfocasse o ser humano. Não me refiro apenas à beleza criada pelo domínio de forma e cor de que dispunha o pintor. A paisagem e a natureza morta também incorporavam a percepção emotiva do artista para com a natureza e as coisas, ou seja, a sua visão no sentido mais amplo. A dimensão humana da arte não está, portanto, confinada à imagem do ser humano. O homem também se mostra na relação com aquilo que o rodeia, nos seus artefatos e no caráter expressivo de todos os signos e marcas que produz. Esses podem ser nobres ou ignóbeis, alegres ou trágicos, passionais ou serenos. Podem ainda suscitar estados de espírito inomináveis, e mesmo assim, portadores de uma enorme força.

(Fragmento de Meyer Schapiro, A dimensão humana da pintura abstrata. Trad. Betina Bischof, S.Paulo: Cosac & Naify, 2001, p. 7 e 8)

É a atividade de construção de que o artista dispõe, o seu poder de imprimir um trabalho sentimentos e sensações, e a qualidade de pensamento que conferem humanidade arte; e essa humanidade pode ser realizada com uma série ilimitada de temas ou elementos formais.

Tudo isso já foi repetido exaustão.

(Fragmento de Meyer Schapiro, A dimensão humana da pintura abstrata, p.9)

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

- A) à - à - a.
- B) a - à - à.
- C) a - à - a.
- D) à - a - à.
- E) à - a - a.

Esta e apenas uma amostra gratis. Adquir a versao completa em <http://www.concursosprepara.com.br>

Língua Portuguesa / Pontuação

Q21.

Explicar não é justificar

Os gregos e os romanos aceitavam a escravidão porque não imaginavam que uma sociedade pudesse funcionar sem escravos. Como o filósofo Sêneca, insistiam apenas em que se reconhecessem alguns direitos aos escravos: que fosse, por exemplo, proibido utilizá-los com finalidades sexuais. Estamos na mesma posição quando se trata da pobreza. Estamos convencidos de que uma sociedade justa deve procurar erradicá-la. Mas, como não conseguimos conceber os meios que permitem atingir esse objetivo, aceitamos que uma sociedade comporte grandes bolsões de pobreza. Em contrapartida, não hesitamos em condenar a prática da escravidão.

(Raymond Boudon, O relativismo. Trad. de Edson Bini. São Paulo: Loyola, 2010. p. 41)

Está inteiramente adequada a pontuação do seguinte período:

- A) Se muitas vezes acusamos em idos tempos, casos de insuportável violência social, sobretudo os legitimados por instituições da época, nem por isso, deixamos de abolir em nossos dias tremendas injustiças, muitas delas incrivelmente legitimadas que ocorrem diante de nossos olhos.
- B) Se, muitas vezes, acusamos em idos tempos casos de insuportável violência social sobretudo, os legitimados por instituições da época, nem por isso deixamos de abolir, em nossos dias, as tremendas injustiças muitas delas, incrivelmente legitimadas, que ocorrem diante de nossos olhos.
- C) Se muitas vezes, acusamos em idos tempos, casos de insuportável violência social, sobretudo os legitimados por instituições, da época, nem por isso deixamos de abolir em nossos dias tremendas injustiças muitas delas, incrivelmente, legitimadas que ocorrem diante de nossos olhos.
- D) Se muitas vezes acusamos em idos tempos, casos de insuportável violência social, sobretudo os Legitimados, por instituições da época, nem por isso, deixamos de abolir em nossos dias, tremendas injustiças, muitas delas incrivelmente legitimadas que ocorrem, diante de nossos olhos.
- E) Se muitas vezes acusamos, em idos tempos, casos de insuportável violência social, sobretudo os legitimados por instituições da época, nem por isso deixamos de abolir, em nossos dias, tremendas injustiças, muitas delas incrivelmente legitimadas, que ocorrem diante de nossos olhos.

Esta e apenas uma amostra grátis. Adquir a versão completa em <http://www.concursosprepara.com.br>

Língua Portuguesa / Pontuação

Fonte: ANALISTA JUDICIÁRIO ÁREA ADMINISTRATIVA / TRF 5ª / 2012 / FCC

Q22.

Comprometido no plano nacional com os direitos humanos, com a democracia, com o progresso econômico e social, o Brasil incorpora plenamente esses valores a sua ação externa.

Ao velar para que o compromisso com os valores que nos definem como sociedade se traduza em atuação diplomática, o Brasil trabalha sempre pelo fortalecimento do multilateralismo e, em particular, das Nações Unidas.

A ONU constitui o foro privilegiado para a tomada de decisões de alcance global, sobretudo aquelas relativas à paz e à segurança internacionais e a ações coercitivas, que englobam sanções e uso da força.

A relação entre a promoção da paz e segurança internacionais e a proteção de direitos individuais evoluiu de forma significativa ao longo das últimas décadas, a partir da constituição das Nações Unidas, em 1945.

Desde a adoção da Carta da ONU, a relação entre promover direitos humanos e assegurar a paz internacional passou por várias etapas. Em meados da década de 90 surgiram vozes que, motivadas pelo justo objetivo de impedir que a inação da comunidade internacional permitisse episódios sangrentos como os da Bósnia, forjaram o conceito de "responsabilidade de proteger".

A Carta da ONU, como se sabe, prevê a possibilidade do recurso à ação coercitiva, com base em procedimentos que incluem o poder de veto dos atuais cinco membros permanentes no Conselho de Segurança – órgão dotado de competência pri-

mordial e intransferível pela manutenção da paz e da segurança internacionais.

O acolhimento da responsabilidade de proteger teria de passar, dessa maneira, pela caracterização de que, em determinada situação específica, violações de direitos humanos implicam ameaça à paz e à segurança.

Para o Brasil, o fundamental é que, ao exercer a responsabilidade de proteger pela via militar, a comunidade internacional, além de contar com o correspondente mandato multilateral, observe outro preceito: o da responsabilidade ao proteger. O uso da força só pode ser contemplado como último recurso. Queimar etapas e precipitar o recurso à coerção atenta contra os princípios do direito internacional e da Carta da ONU. Se nossos objetivos maiores incluem a decidida defesa dos direitos humanos em sua universalidade e indivisibilidade, como consagrado na Conferência de Viena de 1993, a atuação brasileira deve ser definida caso a caso, em análise rigorosa das circunstâncias e dos meios mais efetivos para tratar cada situação específica.

Devemos evitar, especialmente, posturas que venham a contribuir – ainda que indiretamente – para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos. Não podemos correr o risco de regredir a um estado em que a força militar se transforme no árbitro da justiça e da promoção da paz.

(Adaptado de Antonio de Aguiar Patriota. "Direitos humanos e ação diplomática". Artigo publicado na Folha de S. Paulo, em 01/09/2011, e disponível em: <http://www.itamaraty.gov.br/sala-de-imprensa/discursos-artigos-entrevistas-e-outras-comunicacoes/-ministro-estado-relacoes-exteriores/direitos-humanos-e-acaodiplomatica-folha-de-s.paulo-01-09-2011>).

Atente para as afirmações abaixo.

I. Ao velar para que o compromisso com os valores que nos definem como sociedade se traduza em atuação diplomática, o Brasil trabalha sempre pelo fortalecimento do multilateralismo e, em particular, das Nações Unidas. (2º parágrafo)

Na frase acima, uma vírgula poderia ser colocada imediatamente após sociedade, sem prejuízo para a correção e o sentido.

II. O acolhimento da responsabilidade de proteger teria de passar, dessa maneira, pela caracterização de que, em determinada situação específica, violações de direitos humanos implicam ameaça à paz e à segurança. (7º parágrafo)

As vírgulas que isolam o segmento em determinada situação específica podem ser substituídas por travessões, sem prejuízo para a correção.

III. Em meados da década de 90 surgiram vozes que, motivadas pelo justo objetivo de impedir que a inação da comunidade internacional permitisse episódios sangrentos como os da Bósnia, forjaram o conceito de "responsabilidade de proteger". (5º parágrafo)

Na frase acima, uma vírgula poderia ser colocada imediatamente após 90, sem prejuízo para a correção e o sentido.

Está correto o que consta APENAS em

- A) II.
- B) I.
- C) I e III.
- D) II e III.
- E) I e II.

Esta e apenas uma amostra grátis. Adquira a versão completa em <http://www.concursoprepara.com.br>

Língua Portuguesa / Pontuação

Fonte: ANALISTA MINISTERIAL - ADMINISTRAÇÃO / MPE/AP / 2012 / FCC

Q23.

A ocupação econômica das terras americanas constitui um episódio da expansão comercial da Europa. Não se trata de deslocamentos de população provocados por pressão demográfica ou de grandes movimentos de povos determinados pela

ruptura de um sistema cujo equilíbrio se mantivesse pela força. O comércio interno europeu, em intenso crescimento a partir do século XI, havia alcançado um elevado grau de desenvolvimento no século XV, quando as invasões turcas começaram a criar dificuldades crescentes às linhas orientais de abastecimento de produtos de alta qualidade, inclusive manufaturas. O restabelecimento dessas linhas, contornando o obstáculo otomano, constitui sem dúvida alguma a maior realização dos europeus na segunda metade desse século.

A descoberta das terras americanas é, basicamente, um episódio dessa obra ingente. De início pareceu ser episódio secundário. E na verdade o foi para os portugueses durante todo um meio século. Aos espanhóis revertem em sua totalidade os primeiros frutos, que são também os mais fáceis de colher. O ouro acumulado pelas velhas civilizações da meseta mexicana e do altiplano andino é a razão de ser da América, como objetivo dos europeus, em sua primeira etapa de existência histórica.

A lenda de riquezas inapreciáveis por descobrir corre a Europa e suscita um enorme interesse por novas terras. Esse interesse contrapõe Espanha e Portugal, “donos” dessas terras, às demais nações europeias. A partir desse momento a ocupação da América deixa de ser um problema exclusivamente comercial: intervêm nele importantes fatores políticos. A Espanha – a quem coubera um tesouro como até então não se conhecera no mundo – tratará de transformar os seus domínios numa imensa cidadela. Outros países tentarão estabelecer-se em posições fortes.

O início da ocupação econômica do território brasileiro é em boa medida uma consequência da pressão política exercida sobre Portugal e Espanha pelas demais nações europeias.

(Fragmento adaptado de Celso Furtado. Formação Econômica do Brasil. 34. ed. S.Paulo: Cia. das Letras, 2007. p. 25)

A afirmação INCORRETA sobre a pontuação empregada em um segmento do segundo parágrafo do texto é:

- A) Em *A descoberta das terras americanas é, basicamente, um episódio dessa obra ingente*, a retirada simultânea das vírgulas manteria, em linhas gerais, o sentido da frase.
- B) Em *De início pareceu ser episódio secundário*, uma vírgula poderia ser colocada imediatamente depois do termo *início*, sem prejuízo para a correção e a lógica.
- C) Em *A Espanha – a quem coubera um tesouro como até então não se conhecera no mundo – tratará de transformar os seus domínios numa imensa cidadela*, os travessões poderiam ser substituídos por vírgulas, sem prejuízo para a correção e a lógica.
- D) Em *Esse interesse contrapõe Espanha e Portugal, “donos” dessas terras, às demais nações europeias*, o emprego das aspas denota a atribuição de um sentido particular ao termo destacado.
- E) Em *A partir desse momento a ocupação da América deixa de ser um problema exclusivamente comercial: intervêm nele importantes fatores políticos*, os dois-pontos indicam uma quebra da sequência das ideias.

Esta e apenas uma amostra grátis. Adquirir a versão completa em <http://www.concursosprepara.com.br>

Língua Portuguesa / Pontuação

Fonte: TÉCNICO DE PROCESSOS ORGANIZACIONAIS ADMINISTRATIVO / BAHIA GÁS / 2010 / FCC

Q24.

João Gilberto – “Há tanta coisa bonita a ser consertada”

O início de uma vida artística é definidor. Por mais que a arte e a vida venham a mudar, e a negar as suas origens, o começo permanece como referência. No caso de João Gilberto, mais de meio século depois, o início de sua obra é um atestado de coerência.

O disco que inicia a bossa nova é um compacto simples que ele gravou em julho de 1958. De um lado, havia *Chega de Saudade*, de Tom Jobim e Vinícius de Moraes. Do outro, *Bim Bom*, dele mesmo. Não era nem a primeira gravação de João Gilberto nem o primeiro disco de bossa nova. Ele já havia gravado dois compactos com os Garotos da Lua, em 1951, e

outro, solo, no ano seguinte.

*A batida da bossa nova, por sua vez, aparecera no LP **Canção do Amor Demais**, gravado em abril de 1958 por Elizeth Cardoso. Nele, João Gilberto tocava violão em **Chega de Saudade** e **Outra Vez**. Apesar das treze faixas serem todas de Jobim e Vinicius, o LP não é de bossa nova. A "Divina" era uma cantora presa ao samba-canção, com suas ênfases óbvias e gastas.*

*A cápsula da invenção surge mesmo no compacto de 1958. A criação se dá em dois planos. **Chega de Saudade** havia sido composta por Jobim como um chorinho. Pois João Gilberto o transformou num samba enxuto, no qual o violão deixa de ser um mero acompanhante para dividir o primeiro plano com a voz. A letra é interpretada como quem fala, de modo íntimo. A melodia (de fundamento europeu) se amalgama à harmonia (com inspiração do jazz americano) e ao ritmo (que vem da África e se condensa no samba) para dar origem a outra coisa: um som que é uma arte.*

*No outro lado do disco está o segundo plano inventivo, o do João Gilberto compositor, autor de **Bim Bom**, a canção que não tem nada de baião. A letra oscila entre a negativa absoluta e a afirmação de um resíduo solitário: "só isso", "não", "nada", "não" de novo, e outra vez "só". O que resta, de concreto, são duas palavras, "baião" e "coração".*

*Em qual instância o criador se manifesta mais: na interpretação que transforma **Chega de Saudade** de chorinho em samba, ou na autoria de **Bim Bom**? Desde 1958, João Gilberto segue as duas estratégias, mas dá preferência à primeira delas. Ele recompõe músicas tradicionais e contemporâneas. Trabalha com tudo, de sambas a boleros. Em português, inglês, italiano ou francês. Subtrai notas, altera o andamento, introduz silêncios, junta versos e muda as letras. O que resulta é algo bem distante do original. João Gilberto retira os andaimes da música-matriz para torná-la mais direta, objetiva e clara.*

Quando se pergunta a João Gilberto por que não compõe mais, sua explicação é singela e generosa: "Mas há tanta coisa bonita a ser consertada!". Ele prefere o trabalho modesto de polir a beleza que já existe a satisfazer o seu "eu" autoral.

*(Mario Sergio Conti, **Bravo**, Março/2010)*

Atente para as seguintes observações sobre a pontuação utilizada no texto.

I. Em *Ele já havia gravado dois compactos com os Garotos da Lua, em 1951, e outro, solo, no ano seguinte* (2º parágrafo), as duas vírgulas que isolam a palavra solo podem ser simultaneamente retiradas, sem prejuízo para o sentido da frase.

II. Em *A letra é interpretada como quem fala, de modo íntimo* (4º parágrafo), a retirada da vírgula implica prejuízo para o sentido da frase.

III. Em *O que resta, de concreto, são duas palavras, "baião" e "coração"* (5º parágrafo), a vírgula colocada imediatamente depois de palavras poderia, sem prejuízo para o sentido e a correção da frase, ser substituída por dois pontos.

Está correto o que se afirma em:

- A) II e III, apenas.
 - B) I e III, apenas.
 - C) I, apenas.
 - D) II, apenas.
 - E) I, II e III.
-

Língua Portuguesa / Pontuação

Fonte: ANALISTA DE SISTEMAS / SERGIPE GÁS / 2010 / FCC

Q25.

O pequeno engenheiro

Ou muito me engano, ou era esse mesmo o nome de um brinquedo do meu tempo de criança. Terá conseguido sobreviver à onda das engenhocas eletrônicas de hoje? Lembrome bem dele: uma caixa de madeira, bonita, com tampa de encaixe corrediça; dentro, um grande número de pecinhas também de madeira, coloridas, de diferentes formas e dimensões. Em algumas delas estavam desenhados um relógio, uma janela, tijolinhos... O conjunto possibilitava (e mesmo inspirava) diversos tipos de edificação: castelos, torres, pontes, edifícios, estações etc.

Não se tratava exatamente de uma prova de habilidade motora: não era grande a dificuldade de erguer um pequeno muro ou de dar sustentação a uma torre. Tratava-se, antes, de usar a imaginação, construir e preencher espaços, compor cenários, como quem arma a ambientação de um palco onde se desenvolverá uma história. Havia, implícita, a par da necessidade de tudo ter que parar em pé, a preocupação estética: insistir no critério da simetria ou permitir variações de padrão? Fantasias formas ou ater-se à imitação das já bastante conhecidas? Não exagero ao dizer que tudo isso fazia de cada um de nós, para além de um pequeno engenheiro, um pequeno arquiteto, um escultor mirim, um precoce cenógrafo, um artista plástico pesquisando linguagem...

De qualquer modo, esse brinquedo não me levou, na idade adulta, à engenharia, nem ao ramo de construções, nem me fez artista plástico. Ficou na memória, perdido entre outros brinquedos que dispensavam baterias, tomadas elétricas, manuais de instrução e termo de garantia. Sem dúvida havia algum encanto no trenzinho elétrico, que corria obediente pelos trilhos. A meninada ficava olhando, olhando, a princípio interessada, mas logo alguém perguntava: – Vamos brincar? Ser espectador era pouco: o corpo precisava entrar no jogo. Nem que fosse para habitar, imaginariamente, a torre de um castelo colorido, erguido há pouco com as mãos de um pequeno engenheiro que se entretinha facilmente com suas peças de madeira.

(Oduvaldo Monteiro, inédito)

A pontuação está inteiramente adequada na seguinte frase:

- A) É possível, que os meninos de hoje, venham a se espantar, ao tomarem conhecimento do tipo de brinquedo que entusiasmava as crianças, digamos, de meados do século passado.
- B) Antigamente, as crianças entusiasmavam-se ao contrário das de hoje, com brinquedos simples, simplórios mesmo que, no entanto, estimulavam a imaginação.
- C) Não há dúvida que os brinquedos de hoje, mormente os eletrônicos, contam, ao contrário dos de antigamente, com atrativos bem sofisticados, que espantariam os meninos de outrora.
- D) Talvez por contarem com mais espaço, para brincar, os meninos de outros tempos, preferiam muitas vezes os folguedos de rua, a ficar entretidos com alguma engenhoca sofisticada.
- E) A variedade das pecinhas com seus diferentes desenhos, não era exagerada, permitindo no entanto, que muitos cenários fossem montados, assim como igrejas, torres, etc.

Língua Portuguesa / Pontuação

Fonte: ANALISTA JUDICIÁRIO - JUDICIÁRIA / TRT 15ª / 2009 / FCC

Q26.

Biblioteca e universidade

Nas universidades brasileiras, mesmo de bom nível, as bibliotecas ainda não receberam a atenção devida. A biblioteca deveria ser equivalente ao laboratório como centro da universidade, formando ambos sua dupla fonte de energia. De fato, preferimos muitas vezes gastar mais com os prédios do que com os livros. E preferimos também fazer uma política de pessoal sem cuidar de uma política paralela de equipamento. Não podemos, é claro, seguir o exemplo de certos países do primeiro mundo, nos quais geralmente uma instituição de ensino superior só começa a funcionar depois de plenamente equipada. O nosso ritmo é diverso, as nossas possibilidades são outras, e há que deixar margem à capacidade brasileira de improvisar, que tem os seus lados positivos. Mas podemos e devemos estabelecer na estratégia universitária uma proporção mais justa entre a política de instalação, a política de pessoal e a política de equipamento.

Quanto à biblioteca, os dois aspectos básicos são a constituição de acervo adequado e a presença de pessoal competente. É constrangedor ver as nossas instituições de ensino superior começarem o trabalho sem os livros necessários; e, quando estes são conseguidos, vê-las sem meios de aproveitá-los corretamente, ampliar o acervo e manter um ritmo normal de atualização. Igualmente penoso é ver a desqualificação relativa da função de bibliotecário, que apesar das melhorias ainda não teve o reconhecimento, a formação e a remuneração que merece. Nas nossas bibliotecas não é frequente a figura do bibliotecário-bibliógrafo, isto é, aquele capaz de dominar textualmente a bibliografia de um dado setor e trabalhar sobre ele com um tipo de competência equivalente à dos professores, podendo inclusive publicar a respeito trabalhos de especialista. Neste sentido, é preciso repensar a relação entre docentes e bibliotecários, dando a estes um relevo que poucas vezes lhes é atribuído.

(Antonio Candido, Recortes)

Atente para as seguintes frases:

I. Reconheça-se o mérito dos bibliotecários, que tentam suprir as deficiências de nossas bibliotecas.

II. Na maioria das nossas bibliotecas, funcionários nem sempre capacitados buscam dar o melhor de si.

III. São graves as deficiências no funcionamento das bibliotecas, a que poucos dão atenção.

A supressão da vírgula altera o sentido do que está em:

- A) I, II e III.
- B) I e II, somente.
- C) I e III, somente.
- D) II e III, somente.
- E) III, somente.

Esta e apenas uma amostra gratis. Adquirá a versão completa em <http://www.concursosprepara.com.br>

Língua Portuguesa / Redação

Fonte: TÉCNICO JUDICIÁRIO - ÁREA ADMINISTRATIVA / TRT 12ª / 2013 / FCC

Q27.

O estilo é o modo particular com que um compositor organiza suas concepções e fala a linguagem de sua arte. Essa linguagem musical é o elemento comum a compositores de uma determinada escola ou época. Certamente as fisionomias musicais de Mozart e Haydn são bem conhecidas, e esses compositores estão obviamente vinculados um ao outro, embora seja fácil aos que estão familiarizados com a linguagem do período distingui-los.

A indumentária que a moda prescreve aos indivíduos de uma mesma geração impõe a seus usuários um modelo especial de gestos e uma determinada postura que são condicionados pelo corte das roupas. Da mesma maneira, a indumentária musical utilizada por uma época deixa sua marca na linguagem e, em sentido figurado, no gestual dessa música, assim como na atitude do compositor em relação ao material sonoro. Esses elementos são fatores imediatos na massa de detalhes que nos ajudam a determinar como se formam o estilo e a linguagem musical.

O que se denomina estilo de uma época resulta de uma combinação de estilos individuais, uma combinação dominada pelos métodos dos compositores que exerceram influência preponderante em seu tempo.

Podemos notar, voltando ao exemplo de Mozart e Haydn, que eles se beneficiaram da mesma cultura, beberam nas mesmas fontes, e aproveitaram as descobertas um do outro. Cada um deles, entretanto, efetua um milagre totalmente pessoal.

(Adaptado de: Igor Stravinsky. Poética musical em 6 lições. Trad. de Luiz Paulo Horta. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996. p. 70)

O que se denomina estilo de uma época resulta de uma combinação de estilos individuais, uma combinação dominada pelos métodos dos compositores que exerceram influência preponderante em seu tempo.

Uma redação alternativa para a frase acima, em que se mantêm a correção e a clareza, está em:

- A) A soma de estilos individuais resultam no que se chama estilo de uma época, porém, devem prevalecer os métodos dos compositores que exerceram mais influência em seu tempo.
- B) O que resulta dos estilos individuais combinados é o que chamamos estilo de uma época, todavia, prevalecem os métodos dos compositores cuja influência tinha-se conhecimento.
- C) Estilo de uma época é o que designa uma combinação de estilos individuais, aonde os métodos dos compositores definem uma maior influência em seu tempo.
- D) Ao resultado de uma combinação de estilos individuais, na qual prevalecem os métodos dos compositores que exerceram maior influência em seu tempo, chama-se estilo de uma época.
- E) Uma combinação dos métodos dos compositores que exerceram a maior influência em seu tempo geram estilos individuais que são designados estilo de época.

Esta e apenas uma amostra grátis. Adquirir a versão completa em <http://www.concursosprepara.com.br>

Língua Portuguesa / Redação

Fonte: ANALISTA JUDICIÁRIO ÁREA JUDICIÁRIA / TST / 2012 / FCC

Q28.

Os intérpretes do Brasil e das nações egressas de sistemas coloniais partem, desde os meados do século XX, da aceitação tácita ou manifesta de uma dualidade fundamental: centro versus periferia.

Creio ser razoável perguntar se essa oposição é estrutural ou histórica; e, em consequência, se é estática ou dinâmica, se está fixada para todo o sempre como um conceito ontológico, ou se está sujeita ao tempo, logo à possibilidade de variação e mudança.

Há uma passagem em A era dos impérios de Eric

Hobsbawm em que o historiador exprime a sua perplexidade em face do discurso sobre a diferença entre “partes avançadas e atrasadas, desenvolvidas e não desenvolvidas do mundo”:

“Definir a diferença entre partes avançadas e atrasadas, desenvolvidas e não desenvolvidas do mundo é um exercício complexo e frustrante, pois tais classificações são por natureza estáticas e simples, e a realidade que deveria se adequar a elas não era nenhuma das duas coisas. O que definia o século XIX era a mudança: mudança em termos de e em função dos objetivos das regiões dinâmicas do Atlântico norte, que eram, à época, o núcleo do capitalismo mundial. Com algumas exceções marginais e cada vez menos importantes, todos os países, mesmo os até então mais isolados, estavam, ao menos periféricamente, presos pelos tentáculos dessa transformação mundial. Por outro lado, até os mais ‘avançados’ dos países ‘desenvolvidos’ mudaram parcialmente através da adaptação da herança de um passado antigo e ‘atrasado’, e continham camadas e parcelas da sociedade resistentes à transformação. Os historiadores quebram a cabeça procurando a melhor maneira de formular e apresentar essa mudança universal, porém diferente em cada lugar, a complexidade de seus padrões e interações e suas principais tendências.”

231. Eric Hobsbawm, A era dos impérios. 1875-1914, 11. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007. p.46.

(Alfredo Bosi, “O mesmo e o diferente”. IN Ideologia e contra-ideologia. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 227-228)

Análise cuidadosa comprova a correção do seguinte comentário:

- A) a substituição de “essa mudança universal” pelo pronome conveniente poderia gerar as seguintes formulações do segmento: “procurando a melhor maneira de formular e apresentar” ou “procurando a melhor maneira de formulá-la e apresentá-la”.
- B) se, em vez de Creio ser razoável perguntar, houvesse a formulação “É importante que todos creemos ser razoável perguntar”, a correção da frase estaria preservada.
- C) em “O que definia o século XIX era a mudança”, o pronome destacado recupera a ideia expressa no segmento imediatamente anterior.
- D) a transposição da frase “todos os países [...] estavam [...] presos pelos tentáculos dessa transformação mundial” a voz ativa gera a forma “conseguiram prender”.
- E) os segmentos da aceitação tácita e de uma dualidade fundamental são ambos exigidos por forma verbal.

Esta e apenas uma amostra grátis. Adquirir a versão completa em <http://www.concursosprepara.com.br>

Língua Portuguesa / Redação

Fonte: ANALISTA TÉCNICO DE CONTROLE EXTERNO - TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO / TCE/AM / 2012 / FCC

Q29.

Traços americanos

Para o engenheiro, para o inventor, para o arquiteto, para todo economizador de tempo e trabalho, para quem admira acima de tudo o gênio industrial deste século, os melhoramentos que ele tem introduzido na ferramenta humana, os Estados Unidos são de uma extremidade a outra um país para se visitar e conhecer. É ele, talvez, o país onde melhor se pode estudar a civilização material, onde o poder dinâmico ao serviço do homem parece maior e ao alcance de qualquer um. Em certo sentido, pode-se dizer dele que é uma torre de Babel bem-sucedida. Na ordem intelectual e moral, porém, os Estados Unidos não têm o que mostrar, e certa ordem de cultura, quase toda cultura superior não precisa, para ser perfeita e completa, de adquirir nenhum contingente americano. Da política, a impressão geral que tive e conservo é a de uma luta sem o desinteresse, a elevação de patriotismo e a honestidade de processos que tornam na Inglaterra, por exem-

plo, a carreira política aceitável e mesmo simpática aos espíritos mais distintos. O que caracteriza essa luta é a crueza da publicidade a que todos os que entram nela estão expostos. Para a reportagem não existe linha divisória entre a vida pública e a privada. O adversário está sujeito a uma investigação sem limites e sem escrúpulos. Se um candidato à Presidência tiver tido na mocidade a menor aventura, terá o desgosto de vê-la fotografada, apregoada nas ruas, colorida em cartazes, cantada nos musicais.

O efeito de tal sistema pode ser moralizar a vida privada, pelo menos a dos que pretendem entrar para a política, se há moralidade no terror causado por uma dessas formidáveis denúncias, que os franceses chamam de chantagem. A vida política, porém, ele não tem moralizado. A consciência pública americana é muito inferior à privada, a moral do Estado é muito inferior à moral da família. As investigações da vida privada encontram em toda parte a unidade do sentimento e da educação religiosa do país para ecoá-las. Ao texto seguinte, que trata das impressões recolhidas, em 1900, pelo político, diplomata e historiador brasileiro Joaquim Nabuco, acerca de uma viagem que acabara de fazer aos Estados Unidos.

(Joaquim Nabuco, Minha formação)

É necessário corrigir a má estruturação da seguinte frase:

- A) Não há dúvida de que os Estados Unidos são um país a ser visitado e conhecido por quantos admirem os avanços possibilitados pela industrialização.
- B) Embora sejam duras, as restrições que faz Joaquim Nabuco a aspectos da vida americana, haja vista as que digam respeito à moralidade pública e privada.
- C) A comparação da vida americana com uma torre de Babel bem-sucedida releva o fato de que a confusão de valores, nos Estados Unidos, não tem obstado o progresso do país.
- D) Faltariam aos americanos, na opinião de Joaquim Nabuco, o desprendimento e a transparência dos valores que caracterizam a política praticada na Inglaterra.
- E) O autor do texto demonstra bastante severidade ao avaliar o nível intelectual dos Estados Unidos, sugerindo que seria irrelevante a contribuição desse país para a cultura mundial.

Esta e apenas uma amostra gratis. Adquiria a versao completa em <http://www.concursoprepara.com.br>

Língua Portuguesa / Redação

Fonte: ANALISTA MINISTERIAL - ADMINISTRAÇÃO / MPE/AP / 2012 / FCC

Q30.

A ocupação econômica das terras americanas constitui um episódio da expansão comercial da Europa. Não se trata de deslocamentos de população provocados por pressão demográfica ou de grandes movimentos de povos determinados pela ruptura de um sistema cujo equilíbrio se mantivesse pela força. O comércio interno europeu, em intenso crescimento a partir do século XI, havia alcançado um elevado grau de desenvolvimento no século XV, quando as invasões turcas começaram a criar dificuldades crescentes às linhas orientais de abastecimento de produtos de alta qualidade, inclusive manufaturas. O restabelecimento dessas linhas, contornando o obstáculo otomano, constitui sem dúvida alguma a maior realização dos europeus na segunda metade desse século. A descoberta das terras americanas é, basicamente, um episódio dessa obra ingente. De início pareceu ser episódio secundário. E na verdade o foi para os portugueses durante todo um meio século. Aos espanhóis revertem em sua totalidade os primeiros frutos, que são também os mais fáceis de colher. O ouro acumulado pelas velhas civilizações da meseta mexicana e do altiplano andino é a razão de ser da América, como objetivo dos europeus, em sua primeira etapa de existência histórica. A legenda de riquezas inapreciáveis por descobrir corre a Europa e suscita um enorme interesse por novas terras. Esse interesse contrapõe Espanha e Portugal, “donos” dessas terras, às demais nações europeias. A partir desse

momento a ocupação da América deixa de ser um problema exclusivamente comercial: intervêm nele importantes fatores políticos. A Espanha – a quem coubera um tesouro como até então não se conhecera no mundo – tratará de transformar os seus domínios numa imensa cidadela. Outros países tentarão estabelecer-se em posições fortes.

O início da ocupação econômica do território brasileiro é em boa medida uma consequência da pressão política exercida sobre Portugal e Espanha pelas demais nações europeias.

(Fragmento adaptado de Celso Furtado. Formação Econômica do Brasil. 34. ed. S.Paulo: Cia. das Letras, 2007. p. 25)

A Espanha – a quem coubera um tesouro como até então não se conhecera no mundo – tratará de transformar os seus domínios numa imensa cidadela.

A correção da frase acima será mantida caso, sem qualquer outra alteração, os elementos sublinhados sejam substituídos, respectivamente, por:

- A) buscará - alterar.
- B) fará - conformar.
- C) insistirá - modificar.
- D) cuidará - converter.
- E) não deixará - fazer.

Esta e apenas uma amostra grátis. Adquirir a versão completa em <http://www.concursoprepara.com.br>

Língua Portuguesa / Redação

Fonte: TÉCNICO JUDICIÁRIO - OPERAÇÃO DE COMPUTADORES / TRE/SP / 2012 / FCC

Q31.

Se nunca foi fácil traçar a linha divisória entre arte erudita e arte popular, agora é mais difícil levar a cabo essa tarefa ociosa. Indiferente à palha seca da controvérsia, a arte segue o seu caminho. A vertente é uma só e é nela que se dá o encontro das águas. Pouco importam as fontes de onde procedem. Purificadoras e purificadas, seu caráter lustral as universaliza. Caetano Veloso, por exemplo. Quem ousaria classificá-lo? Em princípio, a arte deveria permanecer ao relento.

Maldito, o poeta não era aceito. Na escala de valores, popular, mais que um adjetivo, era um estigma. Daí o escândalo do sa-rau de d. Nair de Tefé. Primeira-dama, ela própria artista, afrontou a conspícua Velha República.

Em pleno palácio do Catete, ouviu-se por sua iniciativa o "Corta-jaca", de Chiquinha Gonzaga. Delirante sucesso na rua, a música era aplaudida em cena aberta e assobiada em boatequins. Viajou a Portugal e lá arrebatou a plateia. Mas no Catete só podia ser insânia.

A maturidade de Caetano Veloso coincide com o amadurecimento cultural que lhe proporciona o reconhecimento nacional. Caducas as classificações, sua arte aniquila toda e qualquer discriminação. Exaltada aqui dentro, repercute lá fora. A música lhe dá dimensão internacional. O que ele é, porém, é universal. A poesia de fato nunca esteve divorciada da expressão popular. Manuel Bandeira tirava o chapéu, respeitoso, para Sinhó, Pixinguinha, Noel.

Dos poetas, foi dos mais musicais, Manuel. E musicado.

Arranhava o seu violão. Saiu extasiado da casa em que ouviu João Gilberto e sua recente batida bossa-novista. Foi testemunha ocular e auditiva. Tudo isso vem a propósito da fusão que Caetano Veloso hoje encarna. Metabolizada, a grande arte canta nesse legítimo poeta do Brasil.

(Adaptado de Otto Lara Resende. "Poeta do encontro". Bom dia para nascer. São Paulo, Cia. das Letras, 2011, p. 281-282)

Na escala de valores, popular, mais que um adjetivo, era um estigma. Daí o escândalo do sarau de d. Nair de Tefé. Primeira-dama, ela própria artista, afrontou a conspícua Velha República.

Mantendo-se, em linhas gerais, o sentido original, uma redação alternativa para as frases acima, em que se respeitam as regras de pontuação, é:

- A) Popular, era na escala de valores mais que um adjetivo, um estigma. Daí o escândalo do sarau da primeira-dama, d. Nair de Tefé, ela própria artista, que, afrontou a conspícua Velha República.
- B) Popular era, na escala de valores, mais que um adjetivo, um estigma. Daí o escândalo do sarau da primeira-dama, d. Nair de Tefé, ela própria artista, que afrontou a conspícua Velha República.
- C) Popular, era na escala de valores mais que um adjetivo: um estigma. Daí o escândalo do sarau da primeira-dama, d. Nair de Tefé ela própria artista, que afrontou a conspícua, Velha República.
- D) Popular era, na escala de valores, mais que um adjetivo, um estigma, daí o escândalo do sarau da primeira-dama d. Nair de Tefé ela própria, artista que afrontou a conspícua Velha República.
- E) Popular era, na escala de valores, mais que um adjetivo um estigma; daí o escândalo do sarau, da primeira-dama d. Nair de Tefé, ela própria, artista que afrontou, a conspícua Velha República.

Esta e apenas uma amostra gratis. Adquirira a versao completa em <http://www.concursoprepara.com.br>

Língua Portuguesa / Redação

Fonte: ANALISTA SUPERIOR II - ADMINISTRADOR / INFRAERO / 2011 / FCC

Q32.

Os anônimos

Na história de Branca de Neve, a rainha má consulta o seu espelho e pergunta se existe no reino uma beleza maior do que a sua. Os espelhos de castelo, nos contos de fada, são um pouco como certa imprensa brasileira, muitas vezes dividida entre as necessidades de bajular o poder e de refletir a realidade. O espelho tentou mudar de assunto, mas finalmente respondeu: "Existe". Seu nome: Branca de Neve.

A rainha má mandou chamar um lenhador e instruiu-o a levar Branca de Neve para a floresta, matá-la, desfazer-se do corpo e voltar para ganhar sua recompensa. Mas o lenhador poupou Branca de Neve. Toda a história depende da compaixão de um lenhador sobre o qual não se sabe nada. Seu nome e sua biografia não constam em nenhuma versão do conto. A rainha má é a rainha má, claramente um arquétipo, e os arquétipos não precisam de nome. O Príncipe Encantado, que aparecerá no fim da história, também não precisa. É um símbolo recorrente, talvez nem a Branca de Neve se dê ao trabalho de descobrir seu nome. Mas o personagem principal da história, sem o qual a história não existiria e os outros personagens não se tornariam famosos, não é símbolo de nada. Ele só entra na trama para fazer uma escolha, mas toda a narrativa fica em suspenso até que ele faça a escolha certa, pois se fizer a errada não tem história. O lenhador compadecido representa dois segundos de livre-arbítrio que podem desregular o mundo dos deuses e dos heróis. Por isso é desprezado como qualquer intruso e nem aparece nos créditos.

Muitas histórias mostram como são os figurantes anônimos que fazem a história, ou como, no fim, é a boa consciência que move o mundo. Mas uma das pessoas do grupo em que conversávamos sobre esses anônimos discordou dessa tese, e disse que a entrada do lenhador simbolizava um problema da humanidade, que é a dificuldade de conseguir empregados de confiança, que façam o que lhes for pedido.

(Adaptado de Luiz Fernando Verissimo, Banquete com os deuses)

Para uma das pessoas do nosso grupo, a entrada do lenhador simbolizava a dificuldade de conseguir empregados obedientes.

Refaz-se a redação da frase acima, mantendo-se a correção, a clareza e a coerência em:

- A) Entendeu uma das pessoas do nosso grupo de que o ingresso do lenhador era para ilustrar a dificuldade dos serviços submissos.
- B) A participação do lenhador, segundo alguém do nosso grupo, indicava o quanto é raro encontrar funcionários que acatem as ordens.
- C) É a dificuldade de acesso a empregados leais que justifica a entrada em cena da figura do lenhador, conforme asseverou um de nós.
- D) Manifestou-se uma pessoa do nosso grupo no sentido de esclarecer a entrada do lenhador, símbolo desses empregados difíceis de obedecer.
- E) O lenhador entrou na história, conforme foi aventado entre nós, para se constituir um exemplo da dificuldade da insubmissão.

Esta e apenas uma amostra gratis. Adquira a versao completa em <http://www.concursoprepara.com.br>

Língua Portuguesa / Redação

Fonte: ANALISTA JUDICIÁRIO - JUDICIÁRIA / TRE/TO / 2011 / FCC

Q33.

Em 1904, Kafka escreveu a seu amigo Oskar Pollak: "No fim das contas, penso que devemos ler somente livros que nos mordam e piquem. Se o livro que estamos lendo não nos sacode e acorda como um golpe no crânio, por que nos darmos o trabalho de lê-lo? Para que nos faça feliz, como diz você? Seríamos felizes da mesma forma se não tivéssemos livros. Livros que nos façam felizes, em caso de necessidade, poderíamos escrevê-los nós mesmos. Precisamos é de livros que nos atinjam como o pior dos infortúnios, como a morte de alguém que amamos mais do que a nós mesmos, que nos façam sentir como se tivéssemos sido banidos para a floresta, longe de qualquer presença humana, como um suicídio. É nisso que acredito."

(Adaptado de Alberto Manguel. Uma história da leitura. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 113)

por que nos darmos o trabalho de lê-lo?

A expressão que contém o mesmo sentido do segmento grifado acima é:

- A) entediarmos ao.
- B) esforçarmos para.
- C) preservarmos de.
- D) pouparmos de.
- E) resguardarmos em.

Esta e apenas uma amostra gratis. Adquira a versao completa em <http://www.concursoprepara.com.br>

Língua Portuguesa / Redação

Fonte: ANALISTA JUDICIÁRIO - ADMINISTRATIVO / TRT 8ª / 2010 / FCC

Q34.

O Parque Nacional de Galápagos, no Equador, assinou um convênio com a ONG Sea Shepard e WWF para implementar um sistema de vigilância dos barcos que navegam dentro da reserva marinha do arquipélago. Esse arquipélago possui 133 mil quilômetros quadrados. O sistema será instalado em todas as embarcações com menos de 20 toneladas de peso bruto, a maioria das quais embarcações que trafegam na reserva. O sistema emitirá um sinal de rádio, que será captado por antenas em pontos estratégicos. O arquipélago é considerado um dos locais de maior biodiversidade do planeta.

(Texto elaborado a partir de matéria publicada em 4 de setembro de 2010 no jornal O Estado de S. Paulo, Vida, A21)

O texto está corretamente transcrito com lógica, correção e clareza, sem repetições desnecessárias, em:

- A) Nos barcos que navegam dentro da reserva marinha do arquipélago, que possui 133 mil quilômetros quadrados considerando ser um dos locais de maior biodiversidade do planeta, o Parque Nacional de Galápagos, no Equador, assinou um convênio com a ONG Sea Shepard e WWF para instalar um sistema de vigilância nesses barcos com menos de 20 toneladas de peso bruto, cuja a maioria trafegam na reserva. O sinal de rádio, que será captado por antenas em pontos estratégicos, será emitido por esse sistema.
- B) O Parque Nacional de Galápagos, no Equador, assinou um convênio com a ONG Sea Shepard e WWF para impor um sistema de vigilância dos barcos que navegam dentro da reserva marinha do arquipélago, contando com 133 mil quilômetros quadrados considerado um dos locais de maior biodiversidade

do planeta. É um sistema – o qual será instalado em todas as embarcações com menos de 20 toneladas de peso bruto – cuja maioria das que trafegam na reserva. O sistema vai emitir um sinal de rádio, que será captado por antenas em pontos estratégicos.

- C) Tratando-se de um sistema de vigilância de barcos, o Parque Nacional de Galápagos, no Equador, assinou um convênio com a ONG Sea Shepard e WWF para implementar tal sistema dos barcos que navegam dentro da reserva marinha do arquipélago. Possuindo 133 mil quilômetros quadrados e considerado um dos locais de maior biodiversidade do planeta. Será instalado em todas as embarcações com menos de 20 toneladas de peso bruto, que constitui a maioria das que trafegam na reserva. O sistema vai emitir um sinal de rádio, que antenas em pontos estratégicos vão captar.
- D) No arquipélago de Galápagos, no Equador, considerado um dos locais de maior biodiversidade do planeta que possui 133 mil quilômetros quadrados, será instalado em todas as embarcações com menos de 20 toneladas de peso bruto, onde a maioria das que trafegam na reserva, um sistema de vigilância o qual emitirá um sinal de rádio, captado por antenas em pontos estratégicos – pelo convênio assinado pelo Parque Nacional com a ONG Sea Shepard e WWF – para impor esse sistema.
- E) O Parque Nacional de Galápagos, no Equador, a ONG Sea Shepard e WWF assinaram um convênio para estabelecer um sistema de vigilância dos barcos que navegam pela reserva marinha do arquipélago, de 133 mil quilômetros quadrados, considerado um dos locais de maior biodiversidade do planeta. Esse sistema será instalado em todas as embarcações com menos de 20 toneladas de peso bruto – a maioria das que trafegam na reserva –, e emitirá um sinal de rádio, a ser captado por antenas colocadas em pontos estratégicos.

Esta e apenas uma amostra grátis. Adquirir a versão completa em <http://www.concursosprepara.com.br>

Língua Portuguesa / Redação

Fonte: TÉCNICO DE JUDICIÁRIO - ADMINISTRATIVA / TRE/AM / 2009 / FCC

Q35.

A frase em que a grafia respeita totalmente o padrão culto escrito é:

- A) À exceção dos que se abstiveram de opinar sobre a qualidade dos serviços, os participantes da pesquisa puderam usufruir gratuitamente de um dia de lazer no hotel.
- B) A excursão prometida não ocorreu, pois o número de interessados foi excessivo; mas até isso colaborou para o esplendor da viagem, pois o desconto oferecido surpreendeu.
- C) Casualmente encontraram-se no saguão; ela parecia adivinhar o que ele tinha a lhe dizer, por isso não lhe deu oportunidade de ser posta em cheque.
- D) Considerou ultrage o comentário adivindo do seu sucessor, mas, para preservar-se, abdicou de dar-lhe resposta à altura.
- E) Com a dispensa abarrotada de produtos nobres, não exitou um minuto ao negar um jantar aos participantes do programa de inclusão social.

Esta e apenas uma amostra grátis. Adquirir a versão completa em <http://www.concursosprepara.com.br>

Língua Portuguesa / Redação

Fonte: TÉCNICO ADMINISTRATIVO / MPU / 2007 / FCC

Q36.

A propósito de uma aranha

Fiquei observando a aranha que construía sua teia, com os fios que saem dela como um fruto que brota e se alonga de sua casca. A aranha quer viver, e trabalha nessa armadilha caprichosa e artística que surpreenderá os insetos e os enredará para morrer. Tua morte, minha vida - diz uma frase antiga, resumindo a lei primeira da natureza. A frase pode soar amarga em nossos ouvidos delicados, enquanto comemos nosso franguinho. Sua morte, vida nossa.

Os vegetarianos não fiquem aliviados, achando que, além de terem hábitos mais saudáveis, não dependem da morte alheia para viver. É verdade que a alface, a cenoura, a batata, o arroz, o espinafre, a banana, a laranja não costumam gritar quando arrancados da terra, decepados do caule, cortados e processados na cozinha. Mas por que não imaginar que estavam muito bem em suas raízes, e se deleitavam com o calor do sol, com a água refrescante da chuva, com os sopros do vento? Sua morte, vida nossa.

Mas voltemos à aranha. Ela não aprendeu arquitetura ou geometria, nada sabe sobre paralelas e losangos; vive da ciência aplicada e laboriosa dos fios quase invisíveis que não perdoam o incauto. Uma vez preso na teia, o inseto que há pouco voava debate-se inutilmente, enquanto a aranha caminha com leveza em sua direção, percorrendo resoluta o labirinto de malhas familiares. Se alguém salvar esse inseto, num gesto de

misericórdia, e se dispuser a salvar todos os outros que caírem na armadilha, a aranha morrerá de fome. Em outras palavras: a boa alma tomará partido entre duas mortes.

A cada pequena cena, a natureza nos fala de sua primeira lei: a lei da necessidade. O engenho da aranha, a eficácia da teia, o vôo do inseto desprevenido compõem uma trama de vida e morte, da qual igualmente participamos todos nós, os bichos pensantes. Que necessidade tem alguém de ser cronista? - podem vocês me perguntar. O que leva alguém a escrever sobre teias e aranhas? Minha resposta é crua como a natureza: os cronistas também comem. E como não sabem fazer teias, tecem palavras, e acabam atendendo a necessidade de quem gosta de ler. A pequena aranha, com sua pequena teia, leva a gente a pensar na vida, no trabalho, na morte. A natureza está a todo momento explicando suas verdades para nós. Se eu soubesse a origem e o fim dessas verdades todas, acredite, leitor, esta crônica teria um melhor arremate.

(Virgílio Covarim)

A expressão com que preenche corretamente a lacuna da seguinte frase:

- A) Os fios se vale a aranha para tecer sua teia são praticamente invisíveis.
- B) As mais duras leis da natureza, é impossível para nós combater, são ditadas pela necessidade de viver e de morrer.
- C) Pergunto-me armas pode contar essa aranha, afora os fios da magnífica teia que sabe tecer.
- D) A necessidade de escrever, o autor nos confessa ao fim do texto, é compreendida como uma lei também natural.
- E) A comparação o cronista estabelece entre uma teia de aranha e um texto não deixa de ser justificável.

Esta e apenas uma amostra gratis. Adquira a versao completa em <http://www.concursoprepara.com.br>

Língua Portuguesa / Interpretação de texto

Fonte: TÉCNICO JUDICIÁRIO / TRT 19ª / 2014 / FCC

Q37.

Texto I

Tudo é grandioso na Amazônia, o maior bloco remanescente de floresta tropical do planeta. Com pouco mais de 6,8 milhões de quilômetros quadrados, espalha-se por nove países da América do Sul – a maior parte está no Brasil, que detém 69% da área coberta pela floresta. Estima-se ainda que ela abrigue quase 25% de todas as espécies de seres vivos da Terra, além de 35 milhões de pessoas (20 milhões somente no Brasil). A Amazônia tem também a maior bacia fluvial do mundo, fundamental para a drenagem de vários países e para a geração de chuvas. É o maior reservatório de água doce do planeta, com cerca de 20% de toda a água doce disponível. Por isso, é um dos reguladores do clima e do equilíbrio hídrico da Terra. Apesar de tanta grandiosidade, são as alterações em pequena escala, como a abertura de clareiras para a extração seletiva de madeira, que podem representar uma das principais ameaças à conservação do ecossistema, destaca o biólogo Helder Queiroz, diretor do Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá. De modo geral, explica Queiroz, as principais ameaças à Amazônia estão hoje associadas às práticas que levam direta ou indiretamente à perda de habitats e à redução de populações de plantas e de animais. "Muitas árvores com madeira de grande valor comercial são fundamentais para a alimentação de diversos animais", diz Queiroz.

Hoje, a perda de ambientes naturais é maior numa região conhecida como Arco do Desmatamento, que se estende do sul ao leste da Amazônia Legal – uma área de 5 milhões de km² que engloba oito estados. O Arco do Desmatamento, definido pela fronteira da expansão agropecuária – que converte grandes extensões de floresta em pastagens –, concentra cerca de 56% da população indígena do país.

As regiões de várzea, em terrenos mais baixos, no

interior da floresta amazônica, também têm atraído a atenção do poder público durante a elaboração de estratégias de conservação do ecossistema. Boa parte dessa região é inundada pelas chamadas águas brancas, de origem andina, ricas em sedimentos e nutrientes. Nesses trechos, a vegetação tende a ser mais abundante. Devido a essa riqueza em recursos naturais, as florestas de várzea sofrem mais com a constante ocupação humana. Todas as grandes cidades amazônicas, e boa parte das pequenas, estão localizadas nessas áreas.

(Adaptado de: ANDRADE, Rodrigo de Oliveira, Pesquisa Fapesp, outubro de 2013. p. 58-60)

Texto II

Em 1985, depois de examinar com atenção a intensa urbanização da Amazônia, que nas últimas décadas do século XX acusou as maiores taxas do Brasil, a geógrafa política Bertha Koiffmann Becker (que morreu em julho de 2013) lançou a expressão "floresta urbanizada" para definir a região, valorizada até então apenas pelas matas. Ela preferia usar a expressão Arco do Povoamento Consolidado em vez da mais comum, Arco do Desmatamento, para designar as áreas de ocupação humana nas bordas da floresta, pela simples razão de que essa área está ocupada por muitas cidades grandes, estradas e plantações de soja, além de pecuária e mineração.

Bertha Becker argumentava que era preciso pensar o desenvolvimento da floresta, não apenas sua preservação. Suas conferências, os debates com colegas acadêmicos e com homens do governo e os 19 livros que publicou ajudaram a enriquecer a visão sobre a Amazônia, hoje vista como um espaço complexo, resultante da interação de forças políticas e econômicas. Seu trabalho influenciou a elaboração de novas estratégias para a organização desse território.

(Adaptado de: Pesquisa Fapesp, agosto de 2013. p. 56)

"Muitas árvores com madeira de grande valor comercial são fundamentais para a alimentação de diversos animais", diz Queiroz. (Texto I, 2º parágrafo)

A afirmativa transcrita acima deve ser entendida como

- A) incentivo à política de exploração sustentável da Amazônia, admitida atualmente como solução para os problemas oriundos do desmatamento.
- B) confirmação das possibilidades de restauração das condições da floresta, a partir do replantio de algumas espécies mais valorizadas.
- C) justificativa para a preocupação atual, referente à redução de populações de plantas e de animais na região amazônica, em razão da perda de habitats.
- D) proposição de medidas voltadas para a preservação do ambiente, que impedem, dessa maneira, a redução da biodiversidade de toda a vasta região amazônica.
- E) orientação no sentido de direcionar a exploração comercial para algumas espécies mais valorizadas, sem prejuízo da alimentação necessária a algumas espécies animais.

Esta e apenas uma amostra grátis. Adquirir a versão completa em <http://www.concursoprepara.com.br>

Língua Portuguesa / Interpretação de texto

Fonte: ANALISTA JUDICIÁRIO - ÁREA JUDICIÁRIA / TRT 12ª / 2013 / FCC

Q38.

A ética epicurista é basicamente um hedonismo. Mas o hedonismo epicurista, embora considere todo prazer como corpóreo, não legitima qualquer tipo de prazer. Faz-se necessário distinguir o verdadeiro prazer, estável, dos prazeres que resultam em pesares ou partem de carências. O primeiro tipo é o prazer em repouso, diferente do prazer em movimento, que os cirenaicos consideram o bem buscado pelos homens. Exemplo de prazer em movimento é sentir sede e saciá-la. O prazer em repouso, meta do epicurista, não consiste em satisfazer uma necessidade: é, antes, eliminar a necessidade, atingir a ausência de dor. Por isso, o prazer prescrito pelo epicurismo opõe-se à busca desenfreada e ansiosa de bens.

Administrar os desejos, para manter-se "nos limites impostos pela natureza" – eis o caminho que conduz à serena felicidade. Esse controle racional da afetividade coloca a existência humana em sintonia com a natureza das coisas reveladas pela física e impede que se siga na direção apontada pelo desejo que não expressa uma necessidade natural, antes constitui imposição do meio social em seu aparente progresso. A vida ascética e frugal das comunidades epicuristas procura a serenidade resultante da satisfação dos desejos naturais e necessários: a delícia está na qualidade, não na quantidade dos bens adquiridos.

Ser mortal, o homem constrói sua liberdade no tempo, no tempo desta vida, que deve ser transformado em tempo de felicidade. O epicurismo considera, com efeito, que além do mundo imediato, captado pelas sensações, há também um plano de realidade – igualmente corpórea, porém mais sutil – à disposição do homem: seu acervo de imagens, seu arquivo de lembranças, simulacros corpóreos de sensações, que ele pode utilizar para sua felicidade.

De tudo isso resulta o valor atribuído pela ética epicurista ao tempo, ao acúmulo de experiências, ao passado e à memória, e, conseqüentemente, à velhice. Dotado de grande acervo de lembranças, o idoso, segundo Epicuro, possui mais condições para alcançar a serena felicidade.

(Adaptado de: José Américo Motta Pessanha. As delícias do jardim. In: Ética. Org. Adauto Novaes. São Paulo, Cia. das Letras, 2007, p. 74 a 76)

O hedonismo epicurista configura-se como

- A) exaltação da liberdade de se atingir o prazer pelos meios propiciados pela cultura.
- B) dedicação ao prazer dos sentidos, fundamento de todos os prazeres espirituais.
- C) procura de um tipo de prazer que somente se tornaria pleno se fosse compartilhado com a comunidade.
- D) resignação diante do sofrimento do presente, revigorada por expectativas positivas quanto ao futuro.
- E) busca de prazeres moderados, ou seja, aqueles que não acarretam sentimentos de tristeza.

Esta e apenas uma amostra gratis. Adquira a versao completa em <http://www.concursoprepara.com.br>

Língua Portuguesa / Interpretação de texto

Fonte: ANALISTA JUDICIÁRIO - ÁREA ADMINISTRATIVA / TRT 12ª / 2013 / FCC

Q39.

bem no fundo

no fundo, no fundo,
bem lá no fundo,
a gente gostaria
de ver nossos problemas
resolvidos por decreto

a partir desta data,
aquela mágoa sem remédio
é considerada nula
e sobre ela – silêncio perpétuo

extinto por lei todo o remorso
maldito seja quem olhar pra trás,
lá pra trás não há nada,
e nada mais

mas problemas não se resolvem,
problemas têm família grande,
e aos domingos saem todos passear
o problema, sua senhora
e outros pequenos probleminhas

(Paulo Leminski, Toda Poesia, São Paulo, Cia. das Letras, 2013. p. 195)

Atente para o que se afirma abaixo.

I. Depreende-se do poema que é preciso mais do que apenas nosso desejo para a resolução de dificuldades.

II. Segundo o texto, o remorso deve ser evitado, bastando, para tanto, que não se evoque o passado a todo o momento.

III. Infere-se do texto que as mágoas podem desaparecer na medida em que não forem cultivadas.

Está correto o que se afirma APENAS em:

- A) I e III.
- B) I e II.
- C) II e III.
- D) I.
- E) II.

Esta e apenas uma amostra grátis. Adquira a versão completa em <http://www.concursosprepara.com.br>

Língua Portuguesa / Interpretação de texto

Fonte: ANALISTA JUDICIÁRIO - ÁREA ADMINISTRATIVA / TRT 12ª / 2013 / FCC

Q40.

Num passado não muito remoto, cada um era definido por sua proveniência, e as perguntas iniciais diziam: quem foram seus pais e antepassados? Onde você nasceu? Quais são as dívidas que você herdou?

Prefiro os dias de hoje, em que são nossas próprias façanhas que nos definem. É uma escolha que deveria nos deixar mais livres, mas acontece que a praticamos de um jeito estranho: junto com os laços que nos prendiam às nossas origens e ao passado, nossa vida concreta também é silenciada na descrição de nossa identidade. E nos transformamos em sujeitos abstratos, resumidos por nossa função na produção e na circulação de mercadorias e serviços.

Consequência: o desemprego nos ameaça com uma perda radical de identidade. E não adianta observar que, afinal, nos sobra o resto, ou seja, toda a complexidade de nosso ser. Não adianta porque, em regra, já renunciamos há tempos a sermos representados por nossa vida concreta.

Enfim, espera-se que a economia crie empregos. Mas os poetas e os saltimbancos também têm uma tarefa crucial: são eles que podem, aos poucos, convencer a gente de que é nossa vida concreta que nos define, não nossa função produtiva.

(Adaptado de: Contardo Caligaris, Folha de S. Paulo, 17/10/2009.

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/publifolha/ult10037u398900.shtml>.)

Pode-se depreender do texto a contraposição entre

- A) complexidade do ser e vida concreta.
- B) desemprego e perda da identidade.
- C) vida concreta e sujeito abstrato.
- D) poetas e saltimbancos.
- E) laços familiares e vida concreta.

Esta e apenas uma amostra grátis. Adquira a versão completa em <http://www.concursosprepara.com.br>

Língua Portuguesa / Interpretação de texto

Fonte: ASSISTENTE TÉCNICO ADMINISTRATIVO - RH / Sergipe Gás S/A / 2013 / FCC

Q41.

Os cientistas já não têm dúvidas de que as temperaturas médias estão subindo em toda a Terra. Se a atividade humana está por trás disso é uma questão ainda em aberto, mas as mais claras evidências do fenômeno estão no derretimento das geleiras. Nos últimos cinco anos, o fotógrafo americano James Balog acompanhou as consequências das mudanças climáticas nas grandes massas de gelo. Suas andanças lhe renderam um livro, que reúne 200 fotografias, publicado recentemente.

Icebergs partidos ao meio e lagos recém-formados pela água derretida das calotas de gelo são exemplos. Esse derretimento é sazonal. O gelo volta nas estações frias – mas muitas vezes em quantidade menor, e por menos tempo. Há três meses um relatório da Nasa, feito a partir de imagens de satélites, mostrou que boa parte da superfície de gelo da Groenlândia foi parcialmente derretida – transformada em uma espécie de lama de neve – em um tempo recorde desde os primeiros registros, feitos trinta anos atrás. Outro relatório, elaborado pela National Snow and Ice Data Center, mostra que o gelo do Ártico, durante o verão do hemisfério norte, teve a maior taxa de derretimento da história, superando o recorde anterior, de 2007. Nem sempre, porém, menos gelo significa más notícias.

A alta da temperatura na Groenlândia permitiu a volta da criação de gado leiteiro e o cultivo de vários tipos de vegetais, como batata e brócolis. Além disso, o derretimento do gelo no Ártico vai permitir a exploração de reservas de petróleo e abrir novas rotas de navegação. O que se vê nas fotos de James Balog é um mundo em transformação.

(Adaptado de Carolina Melo. Veja, 7 de novembro de 2012, p. 121-122)

O último parágrafo do texto expressa

- A) as previsões alarmistas que, ao considerarem os dados resultantes das pesquisas sobre o aquecimento global, vêm confirmar os riscos de destruição do planeta.
- B) a possibilidade de destruição total de uma vasta região do planeta, pondo em risco a sobrevivência humana, por escassez de água e de alimentos.
- C) as conclusões dos cientistas a respeito das evidências do atual aquecimento mais rápido do planeta, fenômeno que prejudica a agricultura nas regiões polares.
- D) um posicionamento otimista quanto às consequências de um fenômeno que, em princípio, é visto como catastrófico para o futuro do planeta.
- E) uma opinião pouco favorável à exploração econômica, ainda inicial, de uma das regiões mais frias do planeta, coberta por geleiras.

Esta e apenas uma amostra grátis. Adquira a versão completa em <http://www.concursoprepara.com.br>

Língua Portuguesa / Interpretação de texto

Fonte: ANALISTA JUDICIÁRIO - ÁREA ADMINISTRATIVA / TRT 9ª / 2013 / FCC

Q42.

O mito napoleônico baseia-se menos nos méritos de Napoleão do que nos fatos, então sem paralelo, de sua carreira. Os homens que se tornaram conhecidos por terem abalado o mundo de forma decisiva no passado tinham começado como reis, como Alexandre, ou patrícios, como Júlio César, mas Napoleão foi o “pequeno cabo” que galgou ao comando de um continente pelo seu puro talento pessoal. Todo homem de negócios daí em diante tinha um nome para sua ambição: ser – os próprios clichês o denunciam – um “Napoleão das finanças” ou “da indústria”. Todos os homens comuns ficavam excitados pela visão, então sem paralelo, de um homem comum maior do que aqueles que tinham nascido para usar coroas. Em síntese, foi a figura com que todo homem que partisse os laços com a tradição podia se identificar em seus sonhos.

Para os franceses ele foi também algo bem mais simples: o mais bem-sucedido governante de sua longa história. Triunfou gloriosamente no exterior, mas, em termos nacionais, também estabeleceu ou restabeleceu o mecanismo das instituições francesas como existem hoje. Ele trouxe estabilidade e prosperidade a todos, exceto para os 250 mil franceses que não retornaram de suas guerras, embora até mesmo para os parentes deles tivesse trazido a glória. Sem dúvida, os britânicos se viam como lutadores pela causa da liberdade contra a tirania; mas em 1815 a maioria dos ingleses era mais pobre do que o fora em 1800, enquanto a maioria dos franceses era quase certamente mais rica.

Ele destruiu apenas uma coisa: a Revolução de 1789, o sonho de igualdade, liberdade e fraternidade, do povo se erguendo

na sua grandiosidade para derrubar a opressão. Este foi um mito mais poderoso do que o dele, pois, após a sua queda, foi isto e não a sua memória que inspirou as revoluções do século XIX, inclusive em seu próprio país.

(Adaptado de Eric. J. Hobsbawm. A era das revoluções – 1789-1848. 7ª ed. Trad. de Maria Tereza Lopes Teixeira e Marcos Penchel. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989, p.93-4)

Segundo o autor,

- A) a figura de Napoleão passou a exercer forte apelo no campo do imaginário, servindo de modelo de inaudita superação da condição social.
- B) os franceses descartam assumir Napoleão como modelo, buscando valorizar tão somente a sua participação na revolução de 1789.
- C) os parentes dos milhares de franceses mortos nas guerras napoleônicas relevaram a perda dos familiares em função da grande prosperidade trazida por Napoleão.
- D) a Revolução de 1789 foi um mito menos relevante do que o de Napoleão, pois as obras deste permanecem vivas e aquela não teria sido mais que um sonho.
- E) os méritos pessoais de Napoleão nada têm a ver com o mito que se criou em torno de sua figura, surgido apenas de sua trajetória casualmente vitoriosa.

Esta e apenas uma amostra grátis. Adquirir a versão completa em <http://www.concursosprepara.com.br>

Língua Portuguesa / Interpretação de texto

Fonte: ANALISTA TÉCNICO DE CONTROLE EXTERNO - TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO / TCE/AM / 2012 / FCC

Q43.

Traços americanos

Para o engenheiro, para o inventor, para o arquiteto, para todo economizador de tempo e trabalho, para quem admira acima de tudo o gênio industrial deste século, os melhoramentos que ele tem introduzido na ferramenta humana, os Estados Unidos são de uma extremidade a outra um país para se visitar e conhecer. É ele, talvez, o país onde melhor se pode estudar a civilização material, onde o poder dinâmico ao serviço do homem parece maior e ao alcance de qualquer um. Em certo sentido, pode-se dizer dele que é uma torre de Babel bem-sucedida. Na ordem intelectual e moral, porém, os Estados Unidos não têm o que mostrar, e certa ordem de cultura, quase toda cultura superior não precisa, para ser perfeita e completa, de adquirir nenhum contingente americano.

Da política, a impressão geral que tive e conservo é a de uma luta sem o desinteresse, a elevação de patriotismo e a honestidade de processos que tornam na Inglaterra, por exemplo, a carreira política aceitável e mesmo simpática aos espíritos mais distintos. O que caracteriza essa luta é a crueza da publicidade a que todos os que entram nela estão expostos.

Para a reportagem não existe linha divisória entre a vida pública e a privada. O adversário está sujeito a uma investigação sem limites e sem escrúpulos. Se um candidato à Presidência tiver tido na mocidade a menor aventura, terá o desgosto de vê-la fotografada, apreendida nas ruas, colorida em cartazes, cantada nos musicais.

O efeito de tal sistema pode ser moralizar a vida privada, pelo menos a dos que pretendem entrar para a política, se há moralidade no terror causado por uma dessas formidáveis denúncias, que os franceses chamam de chantagem. A vida política, porém, ele não tem moralizado. A consciência pública americana é muito inferior à privada, a moral do Estado é muito inferior à moral da família. As investigações da vida privada encontram em toda parte a unidade do sentimento e da educação religiosa do país para ecoá-las.

Ao texto seguinte, que trata das impressões recolhidas, em 1900, pelo político, diplomata e historiador brasileiro Joaquim Nabuco, acerca de uma viagem que acabara de fazer aos Estados Unidos.

(Joaquim Nabuco, Minha formação)

Está correta a seguinte observação sobre uma passagem do texto:

- A) em os melhoramentos que ele tem introduzido na ferramenta humana (1º parágrafo), o termo sublinhado está se referindo ao país Estados Unidos.
- B) a palavra desinteresse (2º parágrafo) alude a certa apatia que os ingleses demonstram numa disputa política.

- C) a expressão *crueza da publicidade* (2º parágrafo) refere-se à falta de uma fronteira nítida entre a vida pública e a privada.
- D) o que os franceses chamam de *chantagem* (3º parágrafo) é o fato de a moralidade pública manter estreita vigilância sobre a moral familiar.
- E) em o terror causado por uma dessas *formidáveis denúncias* (3º parágrafo) fala-se do impacto que pode causar uma decisão política, entre os americanos.

Esta e apenas uma amostra grátis. Adquir a versão completa em <http://www.concursosprepara.com.br>

Língua Portuguesa / Interpretação de texto

Fonte: ANALISTA MINISTERIAL - APOIO ESPECIALIZADO - INFORMÁTICA / MPE/PE / 2012 / FCC

Q44.

O romance policial, descendente do extinto romance gótico, conserva características significativas do gênero precursor: a popularidade imensa e os meios para obtê-la. "Romances policiais", reza um anúncio do editor de Edgar Wallace, "são lidos por homens e mulheres de todas as classes; porque não há nada que seja tão interessante como a explicação de um crime misterioso. Não há nada que contribua com eficiência maior para divertir os espíritos preocupados".

Os criminosos e detetives dos romances policiais servem-se dos instrumentos requintados da tecnologia moderna para cometer e revelar horrores: sociedades anônimas do crime, laboratórios científicos transformados em câmaras de tortura. Os leitores contemporâneos acreditam firmemente na onipotência das ciências naturais e da tecnologia para resolver todos os problemas e criar um mundo melhor; ao mesmo tempo, devoram romances nos quais os mesmíssimos instrumentos físicos e químicos servem para cometer os crimes mais abomináveis.

Leitores de romances policiais não são exigentes. Apenas exigem imperiosamente um final feliz: depois da descoberta do assassino, as núpcias entre a datilógrafa do escritório dos criminosos e o diretor do banco visado por eles, ou então a união matrimonial entre o detetive competente e a bela pecadora arrependida.

Não adianta condenar os romances policiais porque lhes falta o valor literário. Eles são expressões legítimas da alma coletiva, embora não literárias, e sim apenas livrescas de desejos coletivos de evasão.

(Adaptado de Otto Maria Carpeaux. Ensaios reunidos 1942-1978.

Rio de Janeiro: UniverCidade e TopBooks, v.1, 1999. p. 488-90)

O leitor de romances policiais, tal como caracterizado no texto,

- A) pertence a determinada classe social e despreza a técnica literária.
- B) é difícil de satisfazer e descrente da moral contemporânea.
- C) confia na soberania da ciência e é condescendente com enredos inverossímeis.
- D) é leigo em tecnologia e demonstra alto grau de erudição.
- E) usa a leitura como fonte de entretenimento e prescinde de finais felizes.

Esta e apenas uma amostra grátis. Adquir a versão completa em <http://www.concursosprepara.com.br>

Língua Portuguesa / Interpretação de texto

Fonte: ANALISTA EM GESTÃO PREVIDENCIÁRIA / SPPREV / 2012 / FCC

Q45.

Tuberculose, ainda

Consumpção, delicada, doença ruim, febre hética, fimia, fininha, magra, mal de secar, mal dos peitos, moléstia-magra, seca, tibia, tísica, peste branca...

A profusão de sinônimos nos dicionários para designar a tuberculose dá bem a medida de quanto a doença penetrou no imaginário popular. Quando seres

humanos temem algo, o primeiro impulso é providenciar-lhe um eufemismo.

Em meados do século 20, com os antibióticos, imaginou-se que as moléstias infecciosas estariam controladas para sempre. O sonho durou pouco. O fenômeno da resistência às drogas antibacterianas, aliado a assimetrias no crescimento econômico, transformou a TB (abreviatura que também é uma forma de eufemismo) em uma doença endêmica na maior parte dos países em desenvolvimento.

É um notável progresso, portanto, a notícia do Ministério da Saúde de que a incidência da moléstia e sua mortalidade estão caindo no Brasil. Em 2011, foram registrados 36 casos de TB para cada grupo de 100 mil habitantes, contra 42,8 casos em 2011 (queda de 15,9%). Com relação às mortes, a redução foi de 23,4%.

Vários elementos contribuíram para a melhora.

Entre ações específicas, vale destacar a ampliação do tratamento supervisionado, no qual um agente de saúde ou alguém que recebeu treinamento se certifica de que o paciente toma diariamente os remédios.

A terapia, que em geral dura seis meses, precisa ser levada até o fim. Caso contrário, a doença pode voltar sob formas resistentes, cujo tratamento é mais caro e complexo.

A adoção de associações de antibióticos em doses padronizadas também ajudou, por reduzir a quantidade de pílulas que o paciente precisa tomar. Causas mais remotas, como a melhoria na renda da população e seus efeitos sobre as condições de moradia, também podem ter contribuído.

Seria um erro, no entanto, acreditar que a batalha esteja ganha. Apenas no ano passado, 4 600 pessoas morreram em decorrência da tuberculose no país, e houve mais de 69 mil novas infecções.

Cada vez mais o bacilo se especializa em populações vulneráveis, como moradores de rua, portadores de Aids, subnutridos crônicos e indígenas. Merecem também atenção dependentes de drogas, que não raro reúnem parte dessas características numa só pessoa.

(Folha de S.Paulo, opinião, A2, terça-feira, 17 de abril de 2012)

Considere as assertivas abaixo.

I. (linhas 17 a 19) *É um notável progresso, portanto, a notícia do Ministério da Saúde de que a incidência da moléstia e sua mortalidade estão caindo no Brasil*, o segmento destacado equivale a "seu poder de provocar mortes".

II. (linhas 42 a 44) *Em Cada vez mais o bacilo se especializa em populações vulneráveis, como moradores de rua, portadores de Aids, subnutridos crônicos e indígenas*, a referência a *indígenas* manifesta indiscutível preconceito quanto a essa população nativa.

III. (linhas 44 a 47) O que se destaca em *Merecem também atenção dependentes de drogas, que não raro reúnem parte dessas características numa só pessoa* está expresso com mais clareza em "grupo em que, não raro, parte dessas características são encontradas numa única pessoa".

Está correto o que se afirma em

- A) I, II e III.
- B) I e II, apenas.
- C) I e III, apenas.

- D) III, apenas.
- E) II, apenas.

Esta e apenas uma amostra gratis. Adquira a versao completa em <http://www.concursosprepara.com.br>

Língua Portuguesa / Interpretação de texto

Fonte: TÉCNICO JUDICIÁRIO - ADMINISTRATIVA / TRT 11ª / 2012 / FCC

Q46.

Na reunião em que foi eleito diretor-geral da Organização para a Alimentação e a Agricultura (FAO) da ONU, o ex-ministro brasileiro José Graziano da Silva assegurou – com sua experiência de gestor do programa de combate à fome entre nós – que esta será sua prioridade: enfrentar esse problema no mundo, para que até 2015 o número de carentes de alimentos no planeta, hoje em torno de 1 bilhão, se reduza à metade. "É o desafio do nosso tempo", disse na ocasião o ex-secretário da ONU, Kofi Anan, lembrando que um dos complicadores dessa questão, "o protecionismo dos ricos" à sua produção de alimentos, só tem aumentado. E isso quando a própria FAO alerta que os preços desses produtos continuarão a subir nos próximos dez anos. E que a produção precisará crescer 70% até 2050, para alimentar os 9,2 bilhões de pessoas que estarão no mundo nessa época. Ele alertou também para os crescentes compra e arrendamento de terras em outros países, por especuladores de fundos de alto risco de países industrializados. Tudo acontece num cenário paradoxal. Um relatório da própria FAO assegura que um terço dos alimentos produzidos no mundo, cerca de 1,3 bilhão de toneladas anuais, se perde ou é desperdiçado. Os consumidores ricos desperdiçam 222 milhões de toneladas de frutas e hortaliças – tanto quanto a produção de alimentos na África. E assim vamos no mundo dos paradoxos. A produção de alimentos cresce, sobem os preços, "commodities" transformam-se em garantia para investimentos, juntamente com a compra de terras em países mais pobres. Mas não se consegue sair de perto do número terrível de 1 bilhão de famintos no planeta, 40% da humanidade, vivendo abaixo da linha de pobreza.

(Trecho com adaptações do artigo de Washington Novaes. O Estado de S. Paulo, A2, Espaço Aberto, 1 de julho de 2011)

E isso quando a própria FAO alerta que os preços desses produtos continuarão a subir nos próximos dez anos. E que a produção precisará crescer 70% até 2050, para alimentar os 9,2 bilhões de pessoas que estarão no mundo nessa época. (1º parágrafo)

Considerando-se a maneira como o autor inicia o segmento transcrito acima, é correto deduzir que se trata de:

- A) crítica ao posicionamento dos países ricos, que vem dificultando tanto a oferta mundial de alimentos quanto sua aquisição por preços mais baixos.
- B) observação que se justifica pela busca de menores preços em um mercado de alimentos sempre sujeito à concorrência entre países produtores e países importadores.
- C) certeza de que a atuação da FAO vem sendo determinante para manter o equilíbrio da oferta no mercado de alimentos, apesar do constante e progressivo aumento de preços.
- D) conclusão de que a procura por terras destinadas à produção de alimentos nos países mais pobres poderá ajudar a reduzir o número de famintos no mundo.
- E) constatação de que o desafio existente em torno do necessário aumento da produtividade agrícola no mundo todo será de difícil resolução para a FAO.

Esta e apenas uma amostra gratis. Adquira a versao completa em <http://www.concursosprepara.com.br>

Língua Portuguesa / Interpretação de texto

Fonte: ANALISTA JUDICIÁRIO - JUDICIÁRIO / TRT 20ª / 2011 / FCC

Q47.

Da idade

Sou de opinião que aos vinte anos nosso espírito já se desenvolveu completamente, já é o que será e mostra o de que é capaz. O espírito que até essa idade não deu demonstração evidente de sua fortaleza nunca o dará mais tarde. As qualidades e virtudes de nossa natureza já revelaram, então, o que têm de rigoroso e belo – ou nunca o revelarão. "Se o espinho não pica ao nascer, bem pouco ou nada picará", já se disse. As mais belas ações que conheço, deste século ou dos séculos passados, foram praticadas antes dos trinta anos. Quanto a mim, creio ser evidente que meu espírito e meu físico antes diminuíram, depois dessa idade, que aumentaram em for-

ça e em lucidez. É o que me leva a considerar desajustadas as nossas leis, não porque nos deixam trabalhar até uma idade demasiado avançada, mas por não o permitirem suficientemente cedo.

(Adaptado de Montaigne, Ensaios)

No contexto, o sentido do provérbio “Se o espinho não pica ao nascer, bem pouco ou nada picará” encontra equivalência em:

- A) O que cedo não se revela jamais se revelará.
- B) A cada dia devem bastar seus próprios males.
- C) Não se pode apressar a natureza.
- D) A vigilância contínua é o caminho do sucesso.
- E) Mais vale o próximo possível que o ideal distante.

Esta e apenas uma amostra grátis. Adquiria a versão completa em <http://www.concursosprepara.com.br>

Língua Portuguesa / Interpretação de texto

Fonte: ANALISTA JUDICIÁRIO - ADMINISTRATIVA / TRE/PE / 2011 / FCC

Q48.

Bárbaros

A hipocrisia é uma característica comum dos impérios, mas alguns exageram. Quando a rainha Vitória se declarou chocada com os bárbaros chineses em revolta contra os ingleses, no fim do século XIX, não mencionou que a revolta era uma reação dos chineses à obrigação de importar o ópio que os ingleses plantavam na Índia, tendo destruído sua agronomia no processo.

Os ingleses obrigavam os hindus a abandonarem culturas tradicionais para produzir o ópio e foram à guerra para obrigar os chineses a consumi-lo, num momento particularmente bárbaro de sua história.

Havia sempre bárbaros convenientes nas fronteiras dos impérios: orientais fanáticos, monstros primitivos, tiranos sanguinários. Legitimavam a conquista colonial, transformando-a em missão civilizadora, enobreciam a raça conquistadora pelo contraste e – em episódios como o da Guerra do Ópio – disfarçavam a barbaridade maior dos civilizados alegando a truculência já esperada de raças inferiores.

As razões do mais forte continuam chamando-se razões históricas. As razões dos mais fracos são “protestos raivosos desses bárbaros rebeldes”, que teimam em se opor à sua dominação pelos mais fortes. E como são os vencedores que se encarregam de contar a História...

(Adaptado de Luís Fernando Veríssimo, O mundo é bárbaro)

Atente para as seguintes afirmações:

I. A frase *Havia sempre bárbaros convenientes nas fronteiras dos impérios* significa que alguns bárbaros sabiam tirar proveito de uma vantagem geográfica.

II. A expressão *num momento particularmente bárbaro de sua história* localiza uma época em que os ingleses, contrariando sua tradição histórica, mostraram-se bastante violentos.

III. A frase *teimam em se opor à sua dominação pelos mais fortes* é irônica, pois ela deixa ver que a reação de quem se defende seria uma inexplicável relutância.

Em relação ao texto, está correto SOMENTE o que se afirma em:

- A) I.
- B) II.
- C) III.
- D) I e II.
- E) II e III.

Esta e apenas uma amostra gratis. Adquira a versao completa em <http://www.concursosprepara.com.br>

Língua Portuguesa / Interpretação de texto

Fonte: ANALISTA DE SISTEMAS / COPERGÁS / 2011 / FCC

Q49.

A guerra – e o crime – instaura o domínio do instantâneo, das imagens de ação. O fotojornalismo – do qual fazem parte o correspondente de guerra e o repórter policial – produz esse tipo de imagem, feita no calor da hora, no ritmo dos acontecimentos.

O oposto do repórter – e do fotógrafo de guerra – é aquele que vagueia, a câmera na mão, sem direção nem horário, pelas ruas. Ou aquele que, como um paisagista, contempla o panorama do mundo. Eles têm calma. Suas fotos têm uma coisa em comum: tempo. Eles sabem esperar. Deixar as coisas se configurarem ante os olhos.

Se o mundo estivesse em paz – se pudéssemos olhar para ele com vagar – as imagens teriam tempo. Esta atitude paciente só poderia nos reconduzir aos gêneros mais tradicionais da pintura.

Nós nos acostumamos a só ver aquilo que é dinâmico, que se agita ante os nossos olhos. É disso que trata a foto jornalística. Mas e quando nada, aparentemente, está acontecendo? O vento soprando nas árvores ou uma mulher que levanta a mão, com graça, como se fosse soltar um balão. Aí não se vê nada. Mas, de fato, tudo está acontecendo.

A fotografia atual só consegue ver a paisagem como palco, só consegue olhar para um rosto em busca de uma história. Mas retrata então não rostos, apenas poses e ações. É preciso saber ver, em determinadas imagens de hoje, aquilo que muitas vezes nos escapa. É preciso ter tempo para ver os rostos e a paisagem; para apreender o drama interior das pessoas, a serenidade dos lugares. Tudo aquilo que não se estampa de imediato.

Adaptado de Nelson B. Peixoto. Ver o invisível. Ética (org. Aduino Novaes), São Paulo, Cia. das Letras, 1999 [1992]. p.304

Infere-se do texto que:

- A) a velocidade do mundo atual, em que as imagens jornalísticas se sobrepõem umas às outras em segundos, nos veículos de comunicação virtual, impede a real fruição dessas imagens, o que exigiria tempo e atenção do espectador.
- B) os fotógrafos profissionais, como os enviados às guerras, deveriam dispor de tempo para contemplar os rostos e as paisagens a serem registrados, o que geraria imagens de maior impacto e vigor.
- C) a insalubre atração pela violência ostentada em fotografias sensacionalistas, como as que registram cenas de crimes, relegou ao segundo plano a arte de retratar paisagens bucólicas e pessoas comuns.
- D) o fotógrafo dileitante, aquele que pratica sua arte como um passatempo e não como um ofício remunerado, é capaz de captar imagens mais complexas e de maior valor histórico do que o apressado repórter fotográfico.
- E) no mundo atual, impregnado pelo dinamismo expresso em imagens de cunho jornalístico, não mais se contemplam cenas pitorescas, aparentemente desimportantes, em que pouca ou nenhuma ação é retratada.

Esta e apenas uma amostra gratis. Adquira a versao completa em <http://www.concursosprepara.com.br>

Língua Portuguesa / Interpretação de texto

Fonte: TÉCNICO JUDICIÁRIO - ADMINISTRATIVO / TRT 23ª / 2011 / FCC

Q50.

Pergunta: Por que o senhor acha que Cem anos de solidão fez tanto sucesso?

García Marquez: Não tenho a menor ideia, sou um péssimo crítico de meus próprios trabalhos.

Pergunta: Por que acha que a fama é destrutiva para um escritor?

García Marquez: Primeiro, porque ela invade sua vida particular. Acaba com o tempo que você passa com amigos e com o tempo em que você pode trabalhar. Tende a isolar você do mundo real.

Pergunta: O senhor já pensou em fazer filme?

García Marquez: Houve uma ocasião em que desejava ser diretor de cinema. Sentia que o cinema era um meio de comunicação que não tinha limites, no qual tudo era possível. Mas há uma grande limitação no cinema pelo fato de que ele é uma arte industrial. É muito difícil expressar no cinema o que você realmente quer dizer. Entre ter uma companhia cinematográfica e um jornal, eu escolheria um jornal.

[...]

Pergunta: Ouvi falar de uma famosa entrevista com um marinheiro que havia sofrido um naufrágio.

García Marquez: Não foi com perguntas e respostas. O marinheiro apenas contou suas aventuras e eu as reescrevi, tentando usar as palavras dele, na primeira pessoa, como se fosse ele quem estivesse escrevendo. Quando o trabalho foi publicado, na forma de uma série de reportagens em um jornal, uma parte por dia, durante duas semanas, foi assinado pelo marinheiro e não por mim. Só vinte anos depois a reportagem foi publicada em livro e as pessoas descobriram que havia sido escrita por mim. Nenhum editor de texto percebeu que ela era boa, até eu escrever Cem anos de solidão.

(Adaptado de Peter M. Stone. Os escritores, 2: as históricas entrevistas da Paris Review. Trad. Cecília C. Bartalotti. São Paulo: Cia. das Letras, 1989, p. 326 e pp.340-341)

Nenhum editor de texto percebeu que ela era boa, até eu escrever Cem anos de solidão.

Com a afirmação acima, García Marquez

- A) lamenta o fato de que as editoras em geral não tenham interesse em publicar as obras da juventude de um autor.
- B) critica, de maneira geral, a tendência de editores de valorizar uma obra de acordo com a notoriedade do autor.
- C) deixa claro o desconforto com as opiniões da crítica a respeito de suas obras, ainda que por vezes sejam favoráveis.
- D) demonstra constrangimento em relação à publicação de uma entrevista escrita em sua juventude.
- E) ironiza o fato de que romances sejam tidos pelo mercado editorial como superiores a bons textos jornalísticos.

Esta e apenas uma amostra grátis. Adquira a versão completa em <http://www.concursoprepara.com.br>

Língua Portuguesa / Interpretação de texto

Fonte: TÉCNICO JUDICIÁRIO - ADMINISTRATIVO / TRE/TO / 2011 / FCC

Q51.

Na Academia Brasileira de Letras, há um salão bonito, mas um pouco sinistro. É o Salão dos Poetas Românticos, com bustos dos nossos principais românticos na poesia: Castro Alves, Gonçalves Dias, Casimiro de Abreu, Fagundes Varela e Álvares de Azevedo.

Os modernistas de 22, e antes deles os parnasianos, decidiram avacalhar com essa turma de jovens, que trouxe o Brasil para dentro de nossa literatura. Foram os românticos, na prosa e no verso, que colocaram em nossas letras as palmeiras, os índios, as praias selvagens, o sabiá, as borboletas de asas azuis, a juriti – o cheiro e o gosto de nossa gente. Não fosse o romantismo, ficaríamos atrelados ao classicismo das arcádias, à pomposidade do verso burilado. Sem falar nos poemas-piadas, a partir de 1922, todos como vanguarda da vanguarda. Foram jovens. Casimiro morreu com 21 anos, Álvares de Azevedo com 22, Castro Alves com 24, Fagundes Varela com 34. O mais velho de todos, Gonçalves Dias, mal chegara aos 40 anos. O Salão dos Poetas Românticos é também sinistro pois é de lá que sai o enterro dos imortais, que morrem como todo mundo.

(Adaptado de Carlos Heitor Cony "Salão dos românticos". FSP, 16/12/2010)

pois é de lá que sai o enterro dos imortais, que morrem como todo mundo. (final do texto)

A frase acima:

- A) aponta a desvalorização dos escritores que já foram considerados os melhores do país.
- B) produz efeito humorístico advindo do paradoxo causado por um jogo de palavras com os conceitos de mortalidade e imortalidade.
- C) conclui que apenas os autores românticos merecem ser chamados de imortais.
- D) repudia com sarcasmo o privilégio oferecido aos autores da Academia, pois são mortais como os demais escritores.
- E) estabelece oposição à ideia de que o Salão dos Poetas Românticos teria algo de fúnebre.

Esta e apenas uma amostra gratis. Adquiria a versao completa em <http://www.concursoprepara.com.br>

Língua Portuguesa / Interpretação de texto

Fonte: TÉCNICO JUDICIÁRIO - ADMINISTRATIVA / TRF 1ª / 2011 / FCC

Q52.

De dezembro de 1951 a abril de 1974, a aventura brasileira de Elizabeth Bishop estendeu-se por 22 anos – alguns deles, os anos finais, vividos em Ouro Preto, sobretudo após a morte de Lota de Macedo Soares, sua companheira, em 1967. A cidade não tomou conhecimento da grande escritora americana, cujo centenário de nascimento se comemorou dias atrás. Nós, os então jovens escritores de Minas, também não. Hoje leitor apaixonado de tudo o que ela escreveu, carrego a frustração retroativa de ter cruzado com Elizabeth em Ouro Preto sem me dar conta da grandeza de quem ali estava, na sua Casa Mariana – estupenda edificação por ela batizada em homenagem à poeta Marianne Moore, sua amiga e mestra. Consolam-me as histórias que saltam de seus livros e, em especial, da memória de seus (e meus) amigos Linda e José Alberto Nemer, vinhetas que juntei na tentativa de iluminar ainda mais a personagem retratada por Marta Goes na peça Um Porto para Elizabeth. Algumas delas:

* Ela adorava aquela casa, construída entre 1698, dois anos após a descoberta do ouro na região, e 1711, quando Ouro Preto foi elevada à condição de vila. Comprou-a em 1965 e não teve outra na vida, a não ser o apartamentinho de Boston onde morreria em 1979. Tinha, dizia, “o telhado mais lindo da cidade”, cuja forma lhe sugeria “uma lagosta deitada de bruços”. Bem cuidada, a casa, agora à venda, pertence aos Nemer des-

de 1982.

* "Gosto de Ouro Preto", explicou Elizabeth ao poeta Robert Lowell, "porque tudo lá foi feito ali mesmo, à mão, com pedra, ferro, cobre e madeira. Tiveram que inventar muita coisa – e tudo está em perfeito estado há quase 300 anos".

(Humberto Werneck. "Um porto na Montanha". O Estado de S. Paulo. Cidades/Metrópole. Domingo, 13 de fevereiro de 2011, C10)

É correto afirmar que interessa a Humberto Werneck:

- A) retratar a vivência de Elizabeth Bishop em Ouro Preto, durante os 22 anos em que morou na cidade mineira.
- B) enaltecer a obra da escritora Elizabeth Bishop, cujos poemas o entusiasmaram desde quando era um jovem escritor.
- C) mostrar que, embora tardiamente, privou da intimidade da poeta, tendo tido acesso, inclusive, a cenas da vida privada de Elizabeth Bishop.
- D) proporcionar, por meio de breves registros, ângulos de observação que possam mais revelar sobre Elizabeth Bishop, além do que uma peça já expõe sobre a poeta.
- E) fazer um balanço da vida e obra da escritora Elizabeth Bishop, com base em cenas que ele presenciou ou que lhe foram narradas por quem as vivenciou junto à poeta.

Esta e apenas uma amostra gratis. Adquiria a versao completa em <http://www.concursoprepara.com.br>

Língua Portuguesa / Interpretação de texto

Fonte: TÉCNICO DE PROCESSOS ORGANIZACIONAIS ADMINISTRATIVO / BAHIA GÁS / 2010 / FCC

Q53.

João Gilberto – "Há tanta coisa bonita a ser consertada"

O início de uma vida artística é definidor. Por mais que a arte e a vida venham a mudar, e a negar as suas origens, o começo permanece como referência. No caso de João Gilberto, mais de meio século depois, o início de sua obra é um atestado de coerência.

O disco que inicia a bossa nova é um compacto simples que ele gravou em julho de 1958. De um lado, havia Chega de Saudade, de Tom Jobim e Vinicius de Moraes. Do outro, Bim Bom, dele mesmo. Não era nem a primeira gravação de João Gilberto nem o primeiro disco de bossa nova. Ele já havia gravado dois compactos com os Garotos da Lua, em 1951, e outro, solo, no ano seguinte.

A batida da bossa nova, por sua vez, aparecera no LP Canção do Amor Demais, gravado em abril de 1958 por Elizeth Cardoso. Nele, João Gilberto tocava violão em Chega de Saudade e Outra Vez. Apesar das treze faixas serem todas de Jobim e Vinicius, o LP não é de bossa nova. A "Divina" era uma cantora presa ao samba-canção, com suas ênfases óbvias e gastas.

A cápsula da invenção surge mesmo no compacto de 1958. A criação se dá em dois planos. Chega de Saudade havia sido composta por Jobim como um chorinho. Pois João Gilberto o transformou num samba enxuto, no qual o violão deixa de ser um mero acompanhante para dividir o primeiro plano com a voz. A letra é interpretada como quem fala, de modo íntimo. A melodia (de fundamento europeu) se amalgama à harmonia (com inspiração do jazz americano) e ao ritmo (que vem da África e se condensa no samba) para dar origem a outra coisa: um som que é uma arte.

No outro lado do disco está o segundo plano inventivo, o do João Gilberto compositor, autor de Bim Bom, a canção que não tem nada de baião. A letra oscila entre a negativa absoluta e a afirmação de um resíduo solitário: "só isso", "não", "nada", "não" de novo, e outra vez "só". O que resta, de concreto, são duas palavras, "baião" e "coração".

Em qual instância o criador se manifesta mais: na

interpretação que transforma Chega de Saudade de chorinho em samba, ou na autoria de Bim Bom? Desde 1958, João Gilberto segue as duas estratégias, mas dá preferência à primeira delas. Ele recompõe músicas tradicionais e contemporâneas. Trabalha com tudo, de sambas a boleros. Em português, inglês, italiano ou francês. Subtrai notas, altera o andamento, introduz silêncios, junta versos e muda as letras. O que resulta é algo bem distante do original. João Gilberto retira os andaimes da música-matriz para torná-la mais direta, objetiva e clara.

Quando se pergunta a João Gilberto por que não compõe mais, sua explicação é singela e generosa: "Mas há tanta coisa bonita a ser consertada!". Ele prefere o trabalho modesto de polir a beleza que já existe a satisfazer o seu "eu" autoral.

(Mario Sergio Conti, Bravo, Março/2010)

Está correta, clara e coerente a redação da seguinte frase:

- A) Não é impossível imaginar um mundo de compactos e LPs quando se nasceu num tempo onde o meio mais fácil de ouvir música é baixá-la pela internet.
- B) Os anos de 1960 foram talvez o auge da bossa nova que, contudo, acabou obtendo grande êxito não apenas no Brasil, mas no mundo como um todo.
- C) Hoje talvez não seja mais necessário recusar o samba-canção, como o de Elizeth Cardoso, para vir a admirar a bossa nova e a música de João Gilberto.
- D) Mesmo quando composta numa língua específica, desconhecida da maior parte das pessoas, que acabam atraídas pela sua melodia ou pelo seu ritmo envolventes.
- E) À excessão de Tom Jobim, é difícil imaginar outro artista que venha tão de encontro à bossa nova como João Gilberto.

Esta e apenas uma amostra grátis. Adquira a versão completa em <http://www.concursoprepara.com.br>

Língua Portuguesa / Interpretação de texto

Fonte: ANALISTA JUDICIÁRIO - ANALISTA DE SISTEMAS / TRE/RS / 2010 / FCC

Q54.

Embora um conflito armado não seja do interesse de nenhuma das partes envolvidas na longeva disputa entre as duas Coreias, são imprevisíveis as consequências da escalada de hostilidades entre os dois países nos últimos dias.

Os primeiros movimentos sul-coreanos foram cautelosos. Após ter um navio de guerra atacado por torpedos, em março, o país não respondeu de imediato ao que se afigurava como o mais audacioso ato de hostilidade do vizinho em mais de duas décadas.

Investigadores internacionais foram chamados a avaliar o episódio – e determinaram, após longa perícia, que um submarino norte-coreano havia sido o responsável pelos disparos.

A prudência da Coreia do Sul e de seu principal aliado, os EUA, é compreensível. São preocupantes as consequências de um conflito aberto com o decrépito regime do ditador comunista Kim Jong-il, que realizou, nos últimos anos, testes balísticos e nucleares.

Para os norte-americanos, que ainda têm batalhas a travar no Afeganistão e mantém tropas no Iraque, não faz sentido abrir uma nova frente de combate na Ásia.

Há ainda o fato de que a capital sul-coreana, Seul, fica próxima à fronteira, e essa situação de vulnerabilidade desaconselha uma aventura militar contra o norte.

Compelido a responder ao ataque, o governo sul-coreano suspendeu o que restava da política de reaproximação com o país vizinho – intensificada na última década, mas já alvo de restrições na Presidência do conservador Lee Myung-bak. Cortou o comércio com o norte da península e voltou a classificar Pyongyang como o seu "principal inimigo".

Em resposta, a Coreia do Norte interrompeu comu-

nicações com o vizinho e expulsou sul-coreanos do complexo industrial de Kaesong, mantido pelas duas nações no território comunista. É um retrocesso a lamentar, já que interesses econômicos comuns e troca de informações, por pequenos que sejam, podem ajudar na prevenção de conflitos armados.

Nesse cenário em que os atores envolvidos não são capazes de entender os movimentos e as intenções do rival, os processos de hostilidade mútua podem se tornar incontroláveis.

Mesmo que o imbróglío não tenha consequências graves, ele chama a atenção para o imprevisível desenlace da lenta derrocada do regime comunista de Pyongyang, uma herança anacrônica dos tempos da Guerra Fria.

(**Folha de S. Paulo**. A2 **opinião**, quarta-feira, 26 de maio de 2010)

Considerado o principal tema abordado no texto, o título mais adequado para o editorial é:

- A) Os EUA e a Coreia do Sul.
- B) Coreia contra Coreia.
- C) Sanções comerciais em tempos de conflito.
- D) Avaliações internacionais em países asiáticos.
- E) Interesses comuns no incentivo a conflitos armados.

Esta e apenas uma amostra grátis. Adquirir a versão completa em <http://www.concursosprepara.com.br>

Língua Portuguesa / Interpretação de texto

Fonte: ANALISTA JUDICIÁRIO - ADMINISTRATIVO / TRT 8ª / 2010 / FCC

Q55.

Há uma rotina de ideias a que não escapa sequer o escritor original. Os grandes temas, os temas universais, reduzem-se a uma contagem nos dedos – e quem escreve ficção vai beber sempre na mesma aguada. Um ficcionista puxa outro. Dostoiévski, Faulkner, Kafka deflagraram muitos contemporâneos, graças à sua força extraordinária de gravitação. Servem de impulso à primeira largada, seus modos de dizer e maneira de ver e sentir o mundo deixam de ser propriedade privada, incorporam-se à literatura como conquista de uma época, um condomínio em que as ideias se desligam e flutuam soltas.

Fala-se comumente em influências na obra deste ou daquele autor. O termo, com o tempo, perdeu contorno pejorativo. Quem não tem influências, quem não se abeberou em alguém? Literatura é um organismo vivo que não cessa de receber subsídios. Felizes os que, contribuindo com essa coisa inquietante que é escrever, revigoram-lhe o lastro. Eles se realizam em termos de criação artística e contribuem, com sua experiência e suas descobertas, para que outros cheguem e deem ali, também, o seu fardo.

Stendhal inventou para o amor a teoria da cristalização que se poderia aplicar à coisa literária. No fundo, as ideias são as mesmas, descrevem um círculo vicioso que o escritor preenche conscientemente, se acrescentar ao que já encontrou feito uma dimensão pessoal. Criação espontânea, inspiração, musa? Provavelmente não existem, pelo menos na proporção em que os românticos quiseram valorizar as manifestações do seu espírito. Escrever – e falar sempre em termos de criar – é um exercício meticuloso em busca do amadurecimento; quem escreve retoma uma experiência sedimentada, com o dever, que só alguns eleitos cumprem, de alargá-la dentro da perspectiva do homem e da época.

(Hélio Pólvora. Graciliano, Machado, Drummond & Outros. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975, pp. 37-38)

Fala-se comumente em influências na obra deste ou daquele autor. O termo, com o tempo, perdeu contorno pejorativo. (2º parágrafo)

A opinião exposta acima está corretamente reproduzida, com outras palavras, em:

- A) Um ou outro autor recebem influências, que pode ser apontado por seu viés negativista, como a perda do sentido da própria criação.
 - B) Mudanças positivas na maneira de se avaliar obras literárias, a partir das influências recebidas nessas mesmas obras, sempre foi bem recebido por um ou outro autor.
 - C) A maneira pejorativa de comparar obras literárias com influência deste ou daquele autor coexistiu nas críticas elaboradas ao longo do tempo.
 - D) Influências que, com frequência, são apontadas em obras de diferentes autores passaram a ser vistas, ao longo do tempo, sem conotação negativa.
 - E) Quando se fala em influências na obra escrita por certo autor, é comum haver conotação pejorativa na avaliação da mesma.
-

Língua Portuguesa / Interpretação de texto

Fonte: ANALISTA JUDICIÁRIO - ADMINISTRATIVA / TRT 9ª / 2010 / FCC

Q56.

Pensando os clássicos

Os pensadores da antiguidade clássica deixaram-nos um tesouro nem sempre avaliado em sua justa riqueza. O filósofo Sêneca, por exemplo, mestre da corrente estoica, legou-nos uma série preciosa de reflexões **sobre a tranquilidade da alma** – este é o título da tradução para o português. É ler o livrinho com calma e aprender muito. Reproduzo aqui três fragmentos, para incitar o leitor a ir atrás de todo o restante.

I. Quem temer a morte nunca fará nada em prol dos vivos; mas aquele que tomar consciência de que sua sorte foi estabelecida já na sua concepção viverá de acordo com a natureza, e saberá que nada do que lhe suceda seja imprevisto. Pois, prevendo tudo quanto possa de fato vir a suceder, atenuará o impacto de todos males, que são fardos somente para os que se creem seguros e vivem na expectativa da felicidade absoluta.

II. Algumas pessoas vagam sem propósito, buscando não as ocupações a que se propuseram, mas entregando-se àquelas com que deparam ao acaso. A caminhada lhes é irrefletida e vã, como a das formigas que trepam nas árvores e, depois de subir ao mais alto topo, descem vazias à terra.

III. Nossos desejos não devem ser levados muito longe; permitamos-lhes apenas sair para as proximidades, porque não podem ser totalmente reprimidos. Abandonando aquilo que não pode acontecer ou dificilmente pode, sigamos as coisas próximas que favorecem nossa esperança (...). E não invejemos os que estão mais alto: o que parece altura é precipício.

São princípios do estoicismo: aprender a viver sabendo da morte; não se curvar ao acaso, mas definir objetivos; viver com a consciência dos próprios limites. Nenhum deles é fácil de seguir, nem Sêneca jamais acreditou que seja fácil viver. Mas a sabedoria dos estoicos, que sabem valorizar o que muitos só sabem temer, continua viva, dois mil anos depois.

(Belarmino Serra, inédito)

No primeiro e no último parágrafos, o autor do texto busca, respectivamente:

- A) particularizar a contribuição de Sêneca e resumir teses de outros filósofos da mesma época.
- B) apresentar linhas gerais do pensamento estoico e resumir três teses de Sêneca.
- C) valorizar a atualidade da filosofia estoica e ressaltar os aspectos místicos dessa doutrina.
- D) destacar a contribuição do pensamento de Sêneca e enunciar alguns fundamentos estoicos.
- E) contextualizar os filósofos estoicos e repropor teses que derivam dessa filosofia.

Língua Portuguesa / Interpretação de texto

Fonte: ANALISTA JUDICIÁRIO - ADMINISTRATIVA / TRE/AL / 2010 / FCC

Q57.

Sociedade do espetáculo: mal de uma época

“Nosso tempo prefere a imagem à coisa, a cópia ao original, a representação à realidade, a aparência ao ser. O cúmulo da ilusão é também o cúmulo do sagrado.” Essas palavras do filósofo Feurbach nos dizem algo fundamental sobre nossa época. Toda a vida das sociedades nas quais reinam as condições modernas de produção se anuncia como uma imensa acumulação de espetáculos. Tudo o que era diretamente vivido se esvai na fumaça da representação. As imagens fluem desligadas de cada aspecto da vida e fundem-se num curso comum, de forma que a unidade da vida não mais pode ser restabelecida. O espetáculo é ao mesmo tempo parte da sociedade, a própria sociedade e seu instrumento de unificação. Como parte da sociedade, o espetáculo concentra todo o olhar e toda a consciência. Por ser algo separado, ele é o foco do olhar iludido e da falsa consciência. O espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação entre pessoas, mediatizadas por imagens. A alienação do espectador em proveito do objeto contemplado exprime-se assim: quanto mais contempla, menos vive; quanto mais aceita reconhecer-se nas imagens dominantes, menos ele compreende a sua própria existência e o seu próprio desejo. O conceito de espetáculo unifica e explica uma grande diversidade de fenômenos aparentes, apresenta-se como algo grandioso, positivo, indiscutível e inacessível. A exterioridade do espetáculo em relação ao homem que deveria agir como um sujeito real aparece no fato de que os seus próprios gestos já não são seus, mas de um outro que os apresenta a ele. Eis por que o espectador não se sente em casa em parte alguma, porque o espetáculo está em toda parte. Eis por que nossos valores mais profundos têm dificuldade de sobreviver em uma sociedade do espetáculo, porque a verdade e a transparência, que tornam a vida realmente humana, dela são banidas e os valores, enterrados sob o escombros das aparências e da mentira, que nos separam, em vez de nos unir.

(Adaptado de Maria Clara Lucchetti Bingemer, revista Adital)

De acordo com a citação do filósofo Feurbach, na abertura do texto, vive-se num tempo em que:

- A) o plano das coisas, uma vez sacralizado, faz desaparecer o plano dos nossos valores espirituais.
- B) a mera representação das coisas adquire uma relevância maior que a das coisas em si mesmas.
- C) a valorização de processos ilusórios faz com que as pessoas se prendam cada vez mais aos ritos sagrados.
- D) as imagens e as coisas mundanas captam nossa atenção de tal modo que já não as distinguimos umas das outras.
- E) a verdade das imagens e a ilusão das representações delas confundem nossa percepção e nossos sentidos.

Esta e apenas uma amostra grátis. Adquira a versão completa em <http://www.concursosprepara.com.br>

Língua Portuguesa / Interpretação de texto

Fonte: ANALISTA DE TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO - ENGENHARIA DE SOFTWARE/ DESENVOLVIMENTO DE SISTEMAS / MPE/RN / 2010 / FCC

Q58.

Os bons selvagens mirins

Garotos podem ser maus? Embora a visão romantizada da infância sugira a existência de uma pureza primordial, crianças, como qualquer outro animal social, são capazes tanto de atitudes do mais profundo egoísmo – de crueldade mesmo – quanto de gestos altruístas. É um clássico caso de copo meio cheio ou meio vazio.

E a pergunta interessante é: por que tanta gente deixa seletivamente de ver os fatos que não lhe convêm para sustentar o mito da infância angelical? Parte da resposta está na biologia. Bebês e crianças comovem e mobilizam nossos instintos de cuidadores. Estes serezinhas foram "desenhados" com características que exploram nossos vieses sensoriais. Tais traços são há décadas conhecidos de artistas como Walt Disney.

E, se essa é a base biológica do "amor às crianças", sobre ela passaram a operar poderosos fatores culturais, que reforçaram essa predisposição natural até torná-la uma ideologia. Enquanto bebês nasciam aos borbotões e morriam em proporções parecidas – o que ocorreu durante 99,9% da história –, víamos o óbito de filhos como algo, se não natural, ao menos esperado. Evitávamos investir tudo num único rebento. Com o surgimento da família burguesa, a partir do século 16, as coisas começaram a mudar. Ter um bebê e vê-lo chegar à idade adulta deixou de ser uma aposta temerária. Estava aberto o caminho para que o amor paterno pudesse prosperar.

Foi nesse contexto que surgiram, no século 18, pedagogos como Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), que criou um novo conceito de infância. Jovens não deveriam ser apenas ensinados, mas educados, respeitando-se as especificidades de seu desenvolvimento natural. O problema é que essa ideia bastante plausível de Rousseau veio misturada com outras, menos razoáveis, como a balela de que o homem é originalmente bom, mas a sociedade o corrompe. Não foi preciso muito para que crianças virassem bons selvagens mirins, a encarnação da bondade primeva. O fato de Rousseau ter se tornado o filósofo mais influente da história, especialmente no pensamento de esquerda, só aumentou o vigor do mito e o tamanho do estrago provocado.

(Hélio Schwartzman, Folha de S. Paulo)

A expressão *É um clássico caso de copo meio cheio ou meio vazio* é utilizada, no contexto do primeiro parágrafo, para figurar a:

- A) predominância, nas crianças, da índole maldosa sobre as inclinações altruístas.
- B) equivalência, na idade infantil, entre as atitudes egoístas e os instintos naturais.
- C) dificuldade de se reconhecer, nas atitudes infantis, a primazia do egoísmo ou do altruísmo.
- D) relação de causa e efeito entre o instinto natural das crianças e seus gestos altruístas.
- E) supremacia, no mundo infantil, dos instintos naturais sobre a pureza primordial.

Esta e apenas uma amostra grátis. Adquiria a versão completa em <http://www.concursoprepara.com.br>

Língua Portuguesa / Interpretação de texto

Fonte: ADMINISTRADOR / DNOCS / 2010 / FCC

Q59.

Cultura de massa e cultura popular

O poder econômico expansivo dos meios de comunicação parece ter abolido, em vários momentos e lugares, as manifestações da cultura popular, reduzindo-as à função de folclore para turismo. Tal é a penetração de certos programas de rádio e TV junto às classes pobres, tal é a aparência de modernização que cobre a vida do povo em todo o território brasileiro, que, à primeira vista, parece não ter sobrado mais nenhum espaço próprio para os modos de ser, pensar e falar, em suma, viver, tradicionais e populares.

A cultura de massa entra na casa do caboclo e do trabalhador da periferia, ocupando-lhe as horas de lazer em que poderia desenvolver alguma forma criativa de autoexpressão; eis o seu primeiro tento. Em outro plano, a cultura de massa aproveita-se dos aspectos diferenciados da vida popular e os explora sob a categoria de reportagem popularesca e de turismo. O vampirismo é assim duplo e crescente; destrói-se por dentro o tempo próprio da cultura popular e exhibe-se, para consumo do telespectador, o que restou desse tempo, no artesanato, nas festas, nos ritos. Poderíamos, aqui, configurar com mais clareza uma relação de aparelhos econômicos industriais e comerciais que exploram, e a cultura popular, que é explorada. Não se pode, de resto, fugir à luta fundamental: é o capital à procura de matéria-prima e de mão de obra para manipular, elaborar e vender. A macumba na televisão, a escola de samba no Carnaval estipendiado para o turista, são exemplos de conhecimento geral.

No entanto, a dialética é uma verdade mais séria do que supõe a nossa vã filosofia. A exploração, o uso abusivo que a

cultura de massa faz das manifestações populares não foi ainda capaz de interromper para sempre o dinamismo lento, mas seguro e poderoso da vida arcaico-popular, que se reproduz quase organicamente em microescalas, no interior da rede familiar e comunitária, apoiada pela socialização do parentesco, do vicinato e dos grupos religiosos.

(Alfredo Bosi. *Dialética da colonização*. S. Paulo: Companhia das Letras, 1992, pp. 328-29)

No 3º parágrafo, o autor vale-se do termo *dialética* para indicar:

- A) a dinâmica pela qual a cultura popular ainda resiste à cultura de massa.
- B) a absoluta absorção que a cultura de massa impõe à cultura popular.
- C) a contradição entre interesse econômico e a macumba na televisão.
- D) o contraste entre manifestações populares e relações de vicinato.
- E) o apoio que a cultura de massa acaba representando para a popular.

Esta e apenas uma amostra grátis. Adquirir a versão completa em <http://www.concursosprepara.com.br>

Língua Portuguesa / Interpretação de texto

Fonte: TÉCNICO JUDICIÁRIO - JUDICIÁRIA / TJ/AP / 2009 / FCC

Q60.

Texto I

O Ministro do Meio Ambiente lançou um conjunto de medidas para tentar interromper a devastação do Cerrado, que é o segundo bioma da América do Sul, depois da Amazônia, e a savana de maior biodiversidade do mundo. O novo plano prevê um acompanhamento anual das atividades de desmatamento, a exemplo do que é feito na Amazônia. De acordo com o Diretor do Departamento de Conservação da Biodiversidade do Ministério, um dos desafios está relacionado com o longo período de seca, em que a vegetação perde boa parte das folhas. "Isso torna um pouco mais difícil diferenciar o que é seca, o que é devastação."

(Lígia Formenti. *O Estado de S. Paulo*, Vida&, A17, 11 de setembro de 2009, com adaptações)

Texto II

Já era hora de se prestar atenção – de verdade – no desmatamento do Cerrado. Os dados de emissão de carbono divulgados pelo Ministério do Meio Ambiente (MMA) colocam o bioma de braços dados com a Amazônia na lista de prioridades na agenda climática brasileira.

O Cerrado, valorizado muito mais como uma fronteira agrícola a ser explorada do que como um tesouro biológico a ser preservado, nunca foi prioridade nas políticas públicas de pesquisa e conservação. Consequentemente, faltam dados científicos básicos sobre o bioma, necessários para entender sua biologia, seu clima e seus serviços ambientais – que incluem, entre outras coisas, estocagem e reciclagem de carbono. Os novos dados do MMA começam a preencher essa lacuna, mostrando que o desmatamento do Cerrado pode ser tão prejudicial para o clima quanto o da Amazônia. Portanto, precisa ser combatido com o mesmo empenho.

Não há dúvida de que as medições do Ministério serão revisadas e refeitas por acadêmicos muitas vezes nos próximos anos. É possível que mudem bastante nesse processo. Calcular as emissões de carbono é ainda mais complicado do que na Amazônia, porque sua cobertura vegetal varia imensamente no tempo e no espaço. E, mesmo na Amazônia, os números são difíceis.

Seja como for, o MMA dá um passo importante ao

colocar o Cerrado no mapa das mudanças climáticas. O Ministério da Ciência e Tecnologia também faz suas contas para incluir o bioma no novo inventário das emissões no país, que deverá estar concluído até o final do ano. Agora, quando o Brasil falar de sua contribuição para o aquecimento global, não poderá mais falar só da Amazônia. Terá de falar do Cerrado também.

(Herton Escobar. O Estado de S. Paulo, Vida&, A17, 11 de setembro de 2009, com adaptações)

porque sua cobertura vegetal varia imensamente no tempo e no espaço. (4º parágrafo, texto II)

É correto inferir, das informações obtidas nos textos I e II, que a afirmativa acima se justifica pelo fato de que:

- A) somente agora começa a haver preocupação maior das autoridades em relação à vegetação existente em toda essa área.
- B) é importante a preservação, de agora em diante, das novas espécies de vegetação que têm surgido na vasta extensão do bioma.
- C) a vegetação encontrada no Cerrado, embora semelhante à que se vê na Amazônia, torna difíceis os cálculos de emissão de carbono.
- D) se percebem inúmeras diferenças entre as regiões atingidas pelas secas e aquelas em que há maior presença de recursos hídricos.
- E) a extensão e o clima do Cerrado dificultam a percepção das áreas desmatadas daquelas apenas atingidas pela seca habitual da região.

Esta e apenas uma amostra grátis. Adquirir a versão completa em <http://www.concursoprepara.com.br>

Língua Portuguesa / Interpretação de texto

Fonte: ANALISTA JUDICIÁRIO - ANÁLISE DE SISTEMA - DESENVOLVIMENTO / TJ/PA / 2009 / FCC

Q61.

Acerca de Montaigne

Montaigne, o influente filósofo francês do século XVI, foi um conservador, mas nada teve de rígido ou estreito, muito menos de dogmático. Por temperamento, foi bem o contrário de um revolucionário; certamente faltaram-lhe a fé e a energia de um homem de ação, o idealismo ardente e a vontade. Seu conservadorismo aproxima-se, sob certos aspectos, do que no século XIX viria a ser chamado de liberalismo.

Na concepção política de Montaigne, o indivíduo deve ser deixado livre dentro do quadro das leis, e a autoridade do Estado deve ser a mais leve possível. Para o filósofo, o melhor governo será o que menos se fizer sentir; assegurará a ordem pública sem invadir a vida privada e sem pretender orientar os espíritos. Montaigne não escolheu as instituições sob as quais viveu, mas resolveu respeitá-las, a elas obedecendo fielmente, como achava correto num bom cidadão e súdito leal. Que não lhe pedissem mais do que o exigido pelo equilíbrio da razão e pela clareza da consciência.

(Adaptado da introdução aos Ensaios, de Montaigne. Trad. de Sergio Milliet. S. Paulo: Abril, Os Pensadores, 1972.)

Há no primeiro parágrafo afirmações que induzem o leitor a identificar:

- I. um conservador típico como alguém rígido, limitado e dogmático.
- II. um revolucionário como alguém ativo, idealista, dotado de fé, energia e vontade.
- III. um conservador do século XVI com um liberal do século XIX.

Completa corretamente o enunciado desta questão o que está em:

- A) I, II e III.
- B) I e II, apenas.
- C) II e III, apenas.
- D) I e III, apenas.
- E) II, apenas.

Esta e apenas uma amostra gratis. Adquira a versao completa em <http://www.concursoprepara.com.br>

Língua Portuguesa / Interpretação de texto

Fonte: ANALISTA JUDICIÁRIO - ADMINISTRATIVA / TJ/AP / 2009 / FCC

Q62.

Os doutores do pessimismo

Não é preciso ser um grande gênio para constatar que vivemos num mundo bárbaro, que o ser humano é capaz das maiores atrocidades, que a vida é feita de competição, inveja, egoísmo e crueldade. Ninguém precisa ter vivido num campo de prisioneiros na Sibéria nem ter sido moleque em região violenta de uma grande cidade para saber disso. Mas virou moda, entre muitos intelectuais e jornalistas, anunciar uma espécie de “visão trágica” do mundo, como se se tratasse da mais surpreendente novidade.

Com certeza há nisso uma reação saudável contra o excesso de otimismo. Nada mais correto do que denunciar o horror. O que me parece estranho é que, mais que denunciar o horror, esses pensadores trágicos e jornalistas sombrios gostam de destruir as esperanças. O reconhecimento do Mal, a percepção de que ninguém é “bonzinho” e de que a realidade é uma coisa dura e feia vão-se transformando em algo próximo do fascínio. E, com diferentes níveis de elaboração e de cortesia pessoal, esses autores tendem a fazer do fascínio uma estratégia de choque.

Quanto mais chocarem o pensamento corrente (que considera ruim bombardear crianças e bom defender a Amazônia, por exemplo) mais ganharão em originalidade, leitura e cartas de protesto. Parece existir uma competição nas páginas dos jornais e na Internet para ver quem conseguirá ser o mais “durão”, o mais “realista”, o mais desencantado. Será chamado de ingênuo ou nostálgico todo aquele que quiser algo melhor do que o mundo em que vive. Então, aquilo que deveria ser ponto de partida se torna ponto de chegada: o horror e a crueldade fazem parte da paisagem. Melhor assim, quem sabe: “nós, pelo menos, tiramos disso a satisfação de não sermos ingênuos”. Você está esperançoso com a vitória de Obama? Ouço um risinho: “que otário”. Você quer que se preservem as reservas indígenas da Amazônia? Mais um risinho: os militares brasileiros entendem mais do problema do que você, que pensa ser bonzinho mas é tão malvado como nós. “Pois o ser humano é mau, desgraçado e infeliz desde que foi expulso do Paraíso. Você não sabe disso?”

O que sei é que algumas pessoas foram expulsas do Paraíso para morar numa mansão em Beverly Hills e outras para morar em Darfur ().*

(Adaptado de Marcelo Coelho, Folha de S. Paulo, 21/01/2009)

(*) Beverly Hills = rica cidade da Califórnia; Darfur = região pobre e conflituosa do Sudão.

Está clara e correta a redação deste livre comentário sobre o texto:

- A) Marcelo Coelho, jornalista, não hesitou a contrapor-se com seus colegas de imprensa, nos quais surpreende uma dose exagerada de pessimismo, com o qual não haveria remissão possível.
- B) Provavelmente Marcelo Coelho já se havia sentido alvo de mofa ou de zombaria, por parte de colegas seus, que julgando ele um ingênuo, elegiam-se ao mesmo tempo enquanto mestres do pessimismo.

- C) O autor do texto promoveu uma espécie de diagnóstico, daqueles que, na imprensa, optando na estratégia do pessimismo veem nela a reação saudável de quem não seja necessariamente ingênuo.
- D) A indiferença da Amazônia, bem como considerar admissível que crianças sejam bombardeadas, não são ingenuidades, para o autor, mas demonstração de quem não concorda com a barbárie.
- E) O autor do texto não hesita em alinhar-se entre aqueles que, embora cientes dos horrores deste mundo, cultivam a expectativa de uma vida melhor, anunciada por fatos promissores.

Esta e apenas uma amostra grátis. Adquira a versão completa em <http://www.concursosprepara.com.br>

Língua Portuguesa / Interpretação de texto

Fonte: ANALISTA JUDICIÁRIO - ADMINISTRATIVA / TJ/PI / 2009 / FCC

Q63.

Abstrações

“Deus não joga dados com o Universo”, disse Einstein, para nos assegurar que existe um plano por trás de, literalmente, tudo, e que o comportamento da matéria é lógico e previsível. A física quântica depois revelou que a matéria é mais maluca do que Einstein pensava e que o acaso rege o Universo mais do que gostaríamos de imaginar. Mas fiquemos com a palavra do velho. Deus não é um jogador, o Universo não está aí para Ele jogar contra a sorte e contra Ele mesmo. Já os semideuses que controlam o capital especulativo do planeta Terra jogam com economias inteiras e podem destruir países com um lance de dados, ou uma ordem de seus computadores, em segundos.

Às vezes eles têm uma cara, e até opiniões, mas quase sempre são operadores anônimos, todos com 28 anos, e um poder sobre as nossas vidas que o Deus de Einstein invejaria. Deus, afinal, é sempre o ponto supremo de uma cosmogonia organizada, não importa qual seja a religião. Todas as igrejas têm metafísicas antigas e hierarquizadas. Todos os deuses podem tudo, mas dentro das expectativas e das tradições de seus respectivos credos. Até a onipotência tem limites. A metafísica dos operadores das bolsas de valores, dos deuses de 28 anos, é inédita. Não tem passado nem convenções. É a destilação final de uma abstração, a do capital desassociado de qualquer coisa palpável, até do próprio dinheiro. Como o dinheiro já era a representação da representação de um valor aleatório, o capital transformado em impulso eletrônico é uma abstração nos limites do nada – e é ela que rege as nossas economias e, portanto, as nossas vidas. E quem pensava ter liberado o mundo de um ideal inútil, o de sociedades regidas por abstrações como igualdade e solidariedade, se vê prisioneiro do invisível, de um sopro que ninguém controla, da maior abstração de todas.

(Adaptado de Luis Fernando Veríssimo, O mundo é bárbaro)

O segmento que, no contexto, NÃO revela a perspectiva irônica característica do autor é:

- A) (...) Já os semideuses que controlam o capital especulativo do planeta Terra (...) (1º parágrafo).
- B) Às vezes eles têm uma cara, e até opiniões (...) (2º parágrafo).
- C) Todas as igrejas têm metafísicas antigas e hierarquizadas. (2º parágrafo).
- D) (...) um poder (...) que o Deus de Einstein invejaria. (2º parágrafo).
- E) (...) são operadores anônimos, todos com 28 anos (...) (2º parágrafo).

Esta e apenas uma amostra grátis. Adquira a versão completa em <http://www.concursosprepara.com.br>

Língua Portuguesa / Interpretação de texto

Fonte: ANALISTA JUDICIÁRIO - ADMINISTRATIVA / TRT 15ª / 2009 / FCC

Q64.

Texto I

Não despertemos o leitor

Os leitores são, por natureza, dorminhocos. Gostam de ler dormindo.

Autor que os queira conservar não deve ministrar-lhes o mínimo susto. Apenas as eternas frases feitas.

"A vida é um fardo" – isto, por exemplo, pode-se repetir sempre. E acrescentar impunemente: "disse Bias". Bias não faz mal a ninguém, como aliás os outros seis sábios da Grécia, pois todos os sete, como há vinte séculos já se queixava Plutarco, eram uns verdadeiros chatos. Isto para ele, Plutarco. Mas, para o grego comum da época, devia ser a delícia e a tábua de salvação das conversas.

Pois não é mesmo tão bom falar e pensar sem esforço?

O lugar-comum é a base da sociedade, a sua política, a sua filosofia, a segurança das instituições. Ninguém é levado a sério com ideias originais.

Já não é a primeira vez, por exemplo, que um figurão qualquer declara em entrevista:

"O Brasil não fugirá ao seu destino histórico!"

O êxito da tirada, a julgar pelo destaque que lhe dá a imprensa, é sempre infalível, embora o leitor semidesperto possa desconfiar que isso não quer dizer coisa alguma, pois nada foge ao seu destino histórico, seja um Império que desaba ou uma barata esmagada.

(Mario Quintana. **Poesia completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2005. v. único. p. 275-276)

Texto II

Clichês são expressões tão utilizadas e repetidas que se desgastaram e se afastaram de seu significado original. Essa espécie de "preguiça linguística" que poupa esforços, inibe a reflexão e multiplica a passividade entre interlocutor e receptor, permeia todos os níveis da linguagem, da conversa de elevador aos discursos políticos, passando, obviamente, pela mídia. Ao usar clichês como muletas do discurso, o texto certamente flui com facilidade – a linguagem, porém, empobrece.

O clichê nasce como uma ideia criativa, mas é repetida à exaustão e se transforma em um cacoeite. Ele está inserido num contexto que a gíria nunca alcança e o provérbio sempre ultrapassa – a gíria pressupõe vitalidade e o provérbio, ao contrário, já nasce cristalizado. Entre os chavões mais comuns estão as locuções e combinações invariáveis de palavras (sempre as mesmas, na mesma ordem), como "frio e calculista", "mentira deslavada" e "chuva torrencial". Esse tipo de clichê está presente na linguagem falada e escrita, seja formal ou informal.

O desconforto em relação ao uso de clichês está na denotação de falta de originalidade, exigindo um mínimo de produção e de interpretação. Por outro lado, os clichês presentes em um texto, um filme ou uma conversa apenas são entendidos como tal se os interlocutores tiverem referências em comum. A tensão entre a necessidade de ser entendido e a vontade de fazê-lo com expedientes criativos e originais pode levar, num extremo, à adoção de uma linguagem privada e ininteligível.

Segundo o psicanalista e sociólogo alemão Alfred

Lorenzer, o indivíduo se afasta da interação social por conta do uso de palavras-chave, que ele emprega sem pensar no que significam e que recebe e repassa como moeda de mercado. A escassez de significado que marca o clichê representa o empobrecimento da linguagem e, por consequência, a incapacidade de interpretar e criticar o mundo sensível dos fatos.

Em outra visão, o sociólogo Anton C. Zijderveld defende que "A vida social cotidiana é uma realidade impregnada por convenções e este fato prosaico constitui a própria base da

ordem social. (...) Sem clichês, a sociedade degeneraria num estranho caos".

(Adaptado de Tatiana Napoli. Língua portuguesa. São Paulo: escala educacional, no 17. p. 48-51)

Pois não é mesmo tão bom falar e pensar sem esforço? (4º parágrafo – texto I)

A questão acima encontra, no texto II, observação de sentido idêntico no segmento:

- A) Essa espécie de "preguiça linguística" que poupa esforços, inibe a reflexão e multiplica a passividade entre interlocutor e receptor, permeia todos os níveis da linguagem ...
- B) O clichê nasce como uma ideia criativa, mas é repetida à exaustão e se transforma em um cacoete.
- C) Entre os chavões mais comuns estão as locuções e combinações invariáveis de palavras (sempre as mesmas, na mesma ordem), como "frio e calculista", "mentira deslavada" e "chuva torrencial".
- D) O desconforto em relação ao uso de clichês está na denotação de falta de originalidade...
- E) Por outro lado, os clichês presentes em um texto, um filme ou uma conversa apenas são entendidos como tal se os interlocutores tiverem referências em comum.

Esta e apenas uma amostra gratis. Adquiria a versao completa em <http://www.concursoprepara.com.br>

Língua Portuguesa / Interpretação de texto

Fonte: ANALISTA TRINEE - ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS / METRÔ/SP / 2008 / FCC

Q65.

Uma nação se forja graças à sua memória. Ninguém melhor do que os franceses para cultuar a sua História, bem apresentada na Biblioteca François Mitterrand, em Paris, com a exposição sobre os heróis, denominada De Aquiles a Zidane.

Curioso o título da mostra, a indicar o surgimento de um novo modelo de herói. Na exposição se percorre uma longa trajetória, que vai dos heróis gregos, como Aquiles, um bravo, corajoso, impiedoso combatente, que preferiu a vida breve gloriosa a uma vida longa obscurecida, até as figuras de gibi e televisão, como Superman e Homem-Aranha, para finalizar com uma celebração do contagiante futebol. Dos pés de Aquiles, seu único ponto fraco, aos pés de Zidane, seu ponto forte.

Sendo o herói de hoje efêmero, que tem seu rápido momento de glória registrado pela mídia para ser logo esquecido, teve-se de recorrer, para marcar o herói dos tempos atuais, às figuras imaginárias do Superman, do Homem-Aranha, consagradas nas revistas e nas telas de cinema ou televisão. Como diz Michela Marzano sobre a morte espetáculo, "as fronteiras entre a ficção e realidade são cada vez mais vagas". Os heróis de hoje não são de carne e osso, são super-heróis indescritíveis de um espetáculo de divertimento, mas que podem confundir-se com o real, como fez o garoto de Santa Catarina que, vestido de Homem-Aranha, penetrou nas chamas e retirou a menininha do berço incendiado.

Mas a mostra rememora os heróis franceses a serem cultuados e seguidos. Os heróis são símbolos nacionais ou religiosos cujos prodígios se caracterizam pela bravura, pela temeridade, pela renúncia, pelo idealismo. Põem acima do próprio instinto de conservação a busca do bem coletivo. O herói ressalta-se por sua vontade de vencer, pela força do caráter, pela grandeza de alma, pela elevada virtude, que o faz enfrentar sobranceiramente a morte. [...]

Lembrei o exemplo de mártires que, sem desprezo pela morte, a enfrentaram com estoicismo, alimentados por suas crenças em luta corajosa para a eliminação da injustiça e a transformação da sociedade em benefício de todos. Não foram estes homens combatentes de grandes feitos militares, portadores de estratégias ou forças invencíveis. Foram pessoas comuns, que tiveram destino diverso das demais por aceitarem

enfrentar os perigos em nome de uma causa, com a virtude da renúncia aos próprios interesses. São heróis, não super-heróis ou celebridades, como os "heróis" de hoje.

Nós, brasileiros, também temos exemplos de heróis de carne e osso, em nossa História, que morreram na luta por suas crenças. Lembro três: Zumbi, Frei Caneca e Marçal de Souza Tupã-Y. Malgrado existam estes exemplos, dentre outros, assusta a resposta colhida em pesquisa feita, por internet, entre 60 mil brasileiros, a quem se indagou qual a figura mais importante de nossa História. A resposta majoritária foi, num leque de opções, o próprio povo brasileiro. Tal indica que deixamos de ter modelos, valores a serem perseguidos. Perdeu-se a memória.

(Adaptado de Miguel Reale Júnior. O Estado de S. Paulo, A2, 1 de dezembro de 2007)

Segundo o autor, o novo modelo de herói se constitui atualmente de:

- A) figuras criadas pela ficção de todos os tempos, desde a mitologia grega, até as revistas, o cinema e a televisão.
- B) celebridades cujas ações são divulgadas pelos meios de comunicação, apesar de serem seus valores rapidamente esquecidos.
- C) pessoas comuns que, deixando de lado interesses particulares, privilegiam a defesa de causas benéficas a uma coletividade.
- D) personalidades que justificam sua glória por feitos valorosos em determinados momentos de conflito, tanto no âmbito pessoal quanto coletivo.
- E) mártires, que perderam a própria vida na defesa de um ideal nem sempre compreendido ou aceito pela coletividade em sua época.

Esta e apenas uma amostra grátis. Adquirir a versão completa em <http://www.concursoprepara.com.br>

Língua Portuguesa / Interpretação de texto

Fonte: ANALISTA JUDICIÁRIO - ADMINISTRATIVA / TRT 18ª / 2008 / FCC

Q66.

Viagem para fora

Há não tanto tempo assim, uma viagem de ônibus, sobretudo quando noturna, era a oportunidade para um passageiro ficar com o nariz na janela e, mesmo vendo pouco, ou nada, entreter-se com algumas luzes, talvez a lua, e certamente com os próprios pensamentos. A escuridão e o silêncio no interior do ônibus propiciavam um pequeno devaneio, a memória de alguma cena longínqua, uma reflexão qualquer. Nos dias de hoje as pessoas não parecem dispostas a esse exercício mínimo de solidão. Não sei se a temem: sei que há dispositivos de toda espécie para não deixar um passageiro entregar-se ao curso das idéias e da imaginação pessoal. Há sempre um filme passando nos três ou quatro monitores de TV, estrategicamente dispostos no corredor. Em geral, é um filme ritmado pelo som de tiros, gritos, explosões. É também bastante possível que seu vizinho de poltrona prefira não assistir ao filme e deixar-se embalar pela música altíssima de seu fone de ouvido, que você também ouvirá, traduzida num chiado interminável, com direito a batidas mecânicas de algum sucesso pop. Inevitável, também, acompanhar a variedade dos toques personalizados dos celulares, que vão do latido de um cachorro à versão eletrônica de uma abertura sinfônica de Mozart. Claro que você também se inteirará dos detalhes da vida doméstica de muita gente: a senhora da frente pergunta pelo cardápio do jantar que a espera, enquanto o senhor logo atrás de você lamenta não ter incluído certos dados em seu último relatório. Quando o ônibus chega, enfim, ao destino, você desce tomado por um inexplicável cansaço.

Acho interessantes todas as conquistas da tecnologia da mídia moderna, mas prefiro desfrutar de uma a cada vez, e em momentos que eu escolho. Mas parece que a maioria das pessoas entrega-se gozosa e voluptuosamente a uma sobrecarga de estímulos áudio-visuais, evitando o rumo dos mudos pensamentos e das imagens internas, sem luz. Ninguém mais gosta de ficar, por um tempo mínimo que seja, metido no seu canto,

entretido consigo mesmo? Por que se deleitam todos com tantas engenhocas eletrônicas, numa viagem que poderia propiciar o prazer de uma pequena incursão íntima? Fica a impressão de que a vida interior das pessoas vem-se reduzindo na mesma proporção em que se expandem os recursos eletrônicos.

(Thiago Solito da Cruz, inédito)

Considerando-se o sentido integral do texto, o título **Viagem para fora** representa:

- A) uma alusão à exterioridade dos apelos a que se entregam os passageiros.
- B) um específico anseio que o autor alimenta a cada viagem de ônibus.
- C) a nostalgia de excursões antigas, em que todos se solidarizavam.
- D) a importância que o autor confere aos devaneios dos passageiros.
- E) a ironia de quem não se deixa abalar por tumultuadas viagens de ônibus.

Esta e apenas uma amostra grátis. Adquirir a versão completa em <http://www.concursosprepara.com.br>

Língua Portuguesa / Interpretação de texto

Fonte: ANALISTA JUDICIÁRIO - ÁREA ADMINISTRATIVA / TRF 2ª / 2007 / FCC

Q67.

Os princípios éticos são normas de comportamento social, e não simples ideais de vida, ou premissas doutrinárias. Como normas de comportamento humano, os princípios éticos distinguem-se nitidamente não só das regras do raciocínio matemático, mas também das leis naturais ou biológicas. Ao contrário do que sustentaram grandes pensadores, como Hobbes, Leibniz e Espinosa, a vida ética não pode ser interpretada segundo o método geométrico (ordine geometrico demonstrata). As normas éticas tampouco podem ser reduzidas a enunciados científicos, fundados na observação e na experimentação, como se se tratasse de leis zoológicas. Durante boa parte do século XIX, alguns pensadores, impressionados pelo extraordinário progresso alcançado no campo das ciências exatas, com a produção de certeza e previsibilidade no conhecimento dos dados da natureza, sucumbiram à tentação de explicar a vida humana segundo parâmetros deterministas.

Ora, por mais que se queira eliminar a liberdade do mundo humano, ela teima em aparecer, desafiando constantemente as previsões "científicas". Somos o único ser que combina, em sua vida social, a necessidade física e biológica com os deveres éticos, a sujeição aos fatos naturais com a autonomia de ação. Como é passível de comprovação, em toda sociedade o ideário e as estruturas de poder desenvolvem-se dentro dos limites postos por determinados fatores básicos, como o patrimônio genético, o meio geográfico ou o estado da técnica. Vencer tais limitações tem sido um desafio constante lançado à espécie humana. Mas nem por isso devemos tomar esses fatores condicionantes da vida social como seus princípios diretivos.

(Adaptado de COMPARATO, Fábio Konder. Ética: direito, moral e religião no mundo moderno. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 494-5)

OBS.: Hobbes (1588-1679), Leibniz (1646-1717), Espinosa (1632- 1677) – filósofos

ordine geometrico demonstrata – em tradução livre, "demonstrado segundo a ordem geométrica"

No primeiro parágrafo, o autor:

- A) atribui à filosofia a responsabilidade pelo fato de a ética ser entendida sob perspectivas díspares, entre elas, a da geometria.
- B) faz um inventário de como a ética foi concebida no século XIX, para, ao fim, referendar o ponto de vista oferecido pelo determinismo.

- C) argumenta em defesa da imutabilidade das normas éticas, por considerá-las produtoras de sistema mais coeso e coerente que muitos outros, o matemático, por exemplo.
- D) tematiza a variabilidade da compreensão da ética em certos filósofos, e alude a sua própria idéia sobre o assunto, erigida em consonância com as convergências entre ele e esses pensadores.
- E) apresenta sua compreensão da ética e, para mais bem caracterizá-la, vale-se prioritamente de argumentos embasados no contraste.

Esta e apenas uma amostra gratis. Adquira a versao completa em <http://www.concursoprepara.com.br>

Noções de Informática / Conceitos básicos e modos de utilização de tecnologias, ferramentas, aplicativos e procedimentos associados a internet/Intranet

Fonte: ANALISTA DE SISTEMAS I / Nossa Caixa / 2011 / FCC

Q68.

Embora Internet, Intranet e Extranet tenham alguns serviços em comum, a Intranet conta com um recurso exclusivo, aplicável somente ao seu ambiente. Trata-se:

- A) do compartilhamento de impressoras.
- B) do acesso restrito.
- C) do compartilhamento de dados.
- D) da comunicação externa.
- E) da comunicação instantânea.

Esta e apenas uma amostra gratis. Adquira a versao completa em <http://www.concursoprepara.com.br>

Matemática e Raciocínio Lógico / Números inteiros e racionais / Operações (adição, subtração, multiplicação, divisão, potenciação); Expressões numéricas

Fonte: TÉCNICO JUDICIÁRIO - ADMINISTRATIVA / TRT 11ª / 2012 / FCC

Q69.

Considere a adição abaixo, entre números do sistema de numeração decimal, em que símbolos iguais indicam um mesmo algarismo e símbolos diferentes indicam algarismos diferentes.

$$\begin{array}{r} \text{☺} \text{☺} \\ + \text{◆} \text{◆} \\ \hline \text{◆} \text{◆} \text{▲} \end{array}$$

Nessas condições, a multiplicação

$$(\text{☺} \text{☺}) \times (\text{◆} \text{◆})$$

é igual a

- A) $\text{◆} \text{◆} \text{☺} 2$
- B) $\text{☺} 6 \text{▲} \text{◆}$
- C) $\text{☺} \text{▲} 6 \text{◆}$
- D) $\text{◆} 8 \text{▲} \text{☺}$
- E) $\text{◆} \text{▲} 8 \text{☺}$

Esta e apenas uma amostra gratis. Adquira a versao completa em <http://www.concursoprepara.com.br>

Matemática e Raciocínio Lógico / Números inteiros e racionais / Operações (adição, subtração, multiplicação, divisão, potenciação); Expressões numéricas

Q70.

Ao digitar um texto, um técnico judiciário usou 9 páginas, cada qual com 21 linhas, cada uma das quais tinha 60 caracteres (letras e espaços). Ao rever o que havia digitado, decidiu tornar o texto mais visível e, para tal, diminuiu para 18 o número de linhas por página e para 45 o número de caracteres por linha. Após essa alteração, o número de páginas digitadas passou a ser

- A) 13.
- B) 14.
- C) 15.
- D) 16.
- E) 17.

Esta e apenas uma amostra grátis. Adquira a versão completa em <http://www.concursosprepara.com.br>

Matemática e Raciocínio Lógico / Números inteiros e racionais / Problemas

Fonte: TÉCNICO JUDICIÁRIO - ADMINISTRATIVO / TRT 24ª / 2011 / FCC

Q71.

Sabe-se que Vitor e Valentina trabalham como Auxiliares de Enfermagem em uma empresa e, sistematicamente, seus respectivos plantões ocorrem a cada 8 dias e a cada 6 dias. Assim sendo, se no último dia de Natal – 25/12/2010 – ambos estiveram de plantão, então, mantido o padrão de regularidade, uma nova coincidência de datas de seus plantões em 2011, com certeza, NÃO ocorrerá em

- A) 18 de janeiro.
- B) 10 de fevereiro.
- C) 31 de março.
- D) 24 de abril.
- E) 18 de maio.

Esta e apenas uma amostra grátis. Adquira a versão completa em <http://www.concursosprepara.com.br>

Matemática e Raciocínio Lógico / Números inteiros e racionais / Problemas

Fonte: TÉCNICO ADMINISTRATIVO / METRO/SP / 2009 / FCC

Q72.

Certo dia, três ônibus foram usados para transportar simultaneamente 138 operários que trabalham nas obras de uma Linha do Metrô de São Paulo. Sabe-se que no primeiro ônibus viajaram 9 operários a mais do que no segundo e, neste, 3 operários a menos que no terceiro. Nessas condições, é correto afirmar que o número de operários que foram transportados em um dos ônibus é:

- A) 53.
- B) 51.
- C) 48.
- D) 43.
- E) 39.

Esta e apenas uma amostra grátis. Adquira a versão completa em <http://www.concursosprepara.com.br>

Matemática e Raciocínio Lógico / Frações e operações com frações; Porcentagem e problemas

Fonte: ADVOGADO I / SABESP / 2012 / FCC

Q73.

Um acordo entre o sindicato de determinada categoria e o sindicato patronal definiu que as porcentagens de reajuste salarial para o próximo biênio (2013-2014) serão definidas pela soma (IPCA do ano anterior + aumento real). A tabela a seguir mostra os percentuais de aumento real que foram acordados para cada ano, bem como as projeções para o IPCA.

Dados para o reajuste do ano de	Projeção do IPCA para o ano anterior	Aumento real
2013	6,0%	2,0%
2014	7,5%	2,5%

Considerando os dados da tabela, o salário de 2014 de um trabalhador dessa categoria deverá ser x% maior do que o seu salário de 2012.

O valor de x é

- A) 18,0.
- B) 18,4.
- C) 18,8.
- D) 19,6.
- E) 20,0.

Esta e apenas uma amostra grátis. Adquira a versão completa em <http://www.concursosprepara.com.br>

Matemática e Raciocínio Lógico / Frações e operações com frações; Porcentagem e problemas

Fonte: ANALISTA JUDICIÁRIO - EXECUÇÃO DE MANDADOS / TRT 22ª / 2010 / FCC

Q74.

Em julho de 2010, dois Analistas Judiciários receberam um lote com X licitações para emitir pareceres. No mês seguinte, indagados sobre quantos pareceres de tal lote haviam emitido em julho, eles responderam:

Anabela:

$$\frac{6}{11}$$

do total das licitações receberam meu parecer."

Benivaldo: "A quantidade de licitações em que dei meu parecer corresponde a

$$\frac{3}{5}$$

do número de pareceres emitidos por Anabela."

Sabendo que cada licitação recebeu o parecer de apenas um desses Analistas e que a soma das quantidades que cada um emitiu era um número compreendido entre 100 e 150, então:

- A) $X < 50$.
- B) $50 < X < 100$.
- C) $100 < X < 150$.
- D) $150 < X < 200$.
- E) $X > 200$.

Esta e apenas uma amostra grátis. Adquira a versão completa em <http://www.concursosprepara.com.br>

Matemática e Raciocínio Lógico / Números e grandezas proporcionais; Regra de três

Fonte: ASSISTENTE TÉCNICO ADMINISTRATIVO - RH / Sergipe Gás S/A / 2013 / FCC

Q75.

Em uma fábrica, 20 operários são escalados para produzir 10.000 unidades de uma determinada peça em 108 dias, trabalhando 4 horas por dia. Verificou-se que, após 60 dias, apenas 40% das peças foram produzidas. Para concluir a produção das 10.000 unidades no prazo previamente estabelecido, optou-se, a partir do 61º dia, por aumentar o número de horas trabalhadas por dia e a contar com 25 operários em vez de 20. Considerando que todos estes operários trabalham com desempenhos iguais e constantes, tem-se que o número de horas trabalhadas por dia, a partir do 61º dia, é igual a

- A) 7,0.

- B) 8,0.
- C) 7,5.
- D) 9,0.
- E) 6,0.

Esta e apenas uma amostra gratis. Adquira a versao completa em <http://www.concursoprepara.com.br>

Matemática e Raciocínio Lógico / Números e grandezas proporcionais; Regra de três

Fonte: TÉCNICO JUDICIÁRIO - ÁREA ADMINISTRATIVA / TRF 2ª / 2012 / FCC

Q76.

Duas empresas X e Y têm, respectivamente, 60 e 90 funcionários. Sabe-se que, certo dia, em virtude de uma greve dos motoristas de ônibus, apenas 42 funcionários de X compareceram ao trabalho e que, em Y, a frequência dos funcionários ocorreu na mesma razão. Nessas condições, quantos funcionários de Y faltaram ao trabalho nesse dia?

- A) 36.
- B) 33.
- C) 30.
- D) 27.
- E) 20.

Esta e apenas uma amostra gratis. Adquira a versao completa em <http://www.concursoprepara.com.br>

Matemática e Raciocínio Lógico / Números e grandezas proporcionais; Regra de três

Fonte: ANALISTA MINISTERIAL - APOIO ESPECIALIZADO - INFORMÁTICA / MPE/PE / 2012 / FCC

Q77.

Cada 100 kg de material A usado para reciclagem permite a produção de 25 kg do material B. Cada 200 kg de material B usado para reciclagem permite a produção de 8 kg do material C. A produção de 100 kg do material C, apenas com o uso de material B reciclado a partir do material A, exigirá uma quantidade do material A, em quilogramas, igual a:

- A) 12 mil.
- B) 10 mil.
- C) 1 mil.
- D) 8 mil.
- E) 4 mil.

Esta e apenas uma amostra gratis. Adquira a versao completa em <http://www.concursoprepara.com.br>

Matemática e Raciocínio Lógico / Números e grandezas proporcionais; Regra de três

Fonte: TÉCNICO JUDICIÁRIO - ADMINISTRATIVA / TRT 14ª / 2011 / FCC

Q78.

Ao serem contabilizados os dias de certo mês, em que três Técnicos Judiciários de uma Unidade do Tribunal Regional do Trabalho prestaram atendimento ao público, constatou-se o seguinte:

- a razão entre os números de pessoas atendidas por Jasão e Moisés, nesta ordem, era $\frac{3}{5}$;
- o número de pessoas atendidas por Tadeu era 120% do número das atendidas por Jasão;
- o total de pessoas atendidas pelos três era 348.

Nessas condições, é correto afirmar que, nesse mês

- A) Tadeu atendeu a menor quantidade de pessoas.
 - B) Moisés atendeu 50 pessoas a mais que Jasão.
 - C) Jasão atendeu 8 pessoas a mais que Tadeu.
 - D) Moisés atendeu 40 pessoas a menos que Tadeu.
 - E) Tadeu atendeu menos que 110 pessoas.
-

Matemática e Raciocínio Lógico / Números e grandezas proporcionais; Regra de três

Fonte: TÉCNICO MINISTERIAL - ADMINISTRATIVA / MPE/AP / 2009 / FCC

Q79.

Em um escritório, três digitadores de produtividade idêntica realizam a tarefa de digitar 2400 páginas em 20 dias. Para realizar uma tarefa de digitação de 6000 páginas em 15 dias, o número mínimo de digitadores que devem ser incorporados à equipe, com a mesma produtividade dos três primeiros é:

- A) 6.
- B) 7.
- C) 8.
- D) 9.
- E) 10.

Matemática e Raciocínio Lógico / Números e grandezas proporcionais; Regra de três

Fonte: TÉCNICO ADMINISTRATIVO / METRO/SP / 2009 / FCC

Q80.

Suponha que, para entregar cilindros de CO₂ do Sistema de Detecção de Incêndio nas estações de certa Linha do Metrô de São Paulo, um funcionário usa um caminhão da empresa e, ao longo do percurso gasta, em média, 5 horas e 50 minutos. Considerando desprezível o tempo gasto para descarregar os cilindros em cada estação, então, se ele aumentar a velocidade média do caminhão em 40%, o esperado é que o mesmo percurso seja feito em:

- A) 4 horas e 10 minutos.
- B) 4 horas e 20 minutos.
- C) 4 horas e 30 minutos.
- D) 4 horas e 40 minutos.
- E) 4 horas e 50 minutos.

Matemática e Raciocínio Lógico / Números e grandezas proporcionais; Regra de três

Fonte: ANALISTA JUDICIÁRIO - JUDICIÁRIA / TRT 15ª / 2009 / FCC

Q81.

Sobre 700 dos candidatos a um concurso, sabe-se que a razão entre o número dos casados e o dos solteiros, nessa ordem, é 2/3. A razão entre o número dos que têm casa própria e o dos que não têm, nessa ordem, é 2/5. Se há exatamente 120 candidatos casados que têm casa própria, o número de candidatos

- A) solteiros é 450.
- B) sem casa própria é 520.
- C) casados sem casa própria é 180.
- D) solteiros com casa própria é 80.
- E) solteiros sem casa própria é 350.

Matemática e Raciocínio Lógico / Raciocínio lógico-matemático / Estrutura lógica de relações arbitrárias entre pessoas, lugares, objetos ou eventos fictícios; deduzir novas informações das relações fornecidas e avaliar as condições usadas para estabelecer a estrutura daquelas relações

Fonte: TÉCNICO EM GESTÃO / SABESP / 2012 / FCC

Q82.

Um torneio de xadrez disputado entre dois jogadores terá a seguinte regra:

– Serão disputadas duas etapas, sagrando-se campeão do torneio aquele que vencer ambas. Em caso de uma vitória para cada jogador nessas etapas, será disputada uma terceira etapa, sagrando-se campeão do torneio aquele que a vencer.

- Em cada etapa serão disputados um mínimo de 6 jogos (sem limite máximo de jogos). A etapa termina quando tiver sido cumprido pelo menos o número mínimo de jogos e um dos jogadores tiver diferença de 2 vitórias em relação ao outro.
- Os jogadores se revezam alternadamente nas partidas de uma mesma etapa para dar início.
- O jogador que inicia a primeira partida da primeira etapa é diferente daquele que inicia a primeira partida da segunda etapa.
- Em caso de necessidade da terceira etapa, o jogador que dará início será decidido por sorteio.

Raul e Laura disputaram esse torneio, sendo que Laura foi a campeã. O placar final foi:

- 1ª etapa: 6 a 4 para Raul.
- 2ª etapa: 7 a 5 para Laura.
- 3ª etapa: 6 a 1 para Laura.

Considerando apenas as informações fornecidas, é correto afirmar que, necessariamente,

- A) Laura deu início na primeira partida da 1ª etapa.
- B) Raul deu início na primeira partida da 1ª etapa.
- C) em algum momento da 2ª etapa o placar esteve empatado em total de vitórias nessa etapa.
- D) Laura deu início na primeira partida da 3ª etapa.
- E) na 3ª etapa o placar nunca esteve empatado em total de vitórias nessa etapa.

Esta e apenas uma amostra grátis. Adquira a versão completa em <http://www.concursosprepara.com.br>

Matemática e Raciocínio Lógico / Raciocínio lógico-matemático / Estrutura lógica de relações arbitrárias entre pessoas, lugares, objetos ou eventos fictícios; deduzir novas informações das relações fornecidas e avaliar as condições usadas para estabelecer a estrutura daquelas relações

Fonte: ANALISTA JUDICIÁRIO - TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO / TRT 2ª / 2008 / FCC

Q83.

Amaro, Benito, Corifeu e Delúbio são funcionários de uma mesma unidade do Tribunal Regional do Trabalho e cada um deles participou de apenas um entre quatro cursos de Informática, realizados em janeiro, fevereiro, março e abril de 2008. Sabe-se também que:

- tais funcionários trabalham no Tribunal há 1, 2, 4 e 5 anos;
- os cursos tiveram durações de 20, 30, 40 e 50 horas;
- Delúbio participou do curso realizado no mês de março;
- Corifeu, que é funcionário há mais de 1 ano, fez o curso no mês de janeiro, com a duração de 30 horas;
- Benito, funcionário há 2 anos, fez o curso cuja duração era maior do que a do curso feito por aquele que é funcionário há 5 anos e menor do que a do curso feito pelo que é funcionário há 4 anos;
- o funcionário que tem 1 ano de serviço, que não é Delúbio, fez seu curso antes do mês de abril;
- Amaro fez seu curso após o funcionário que trabalha há 5 anos no Tribunal ter feito o dele.

Com base nessas informações, é correto afirmar que

- A) Amaro é funcionário do Tribunal há 2 anos.
- B) a duração do curso feito por Benito foi de 40 horas.
- C) Corifeu é funcionário do Tribunal há 4 anos.
- D) Benito fez o curso em março.
- E) a duração do curso feito por Delúbio foi de 40 horas.

Esta e apenas uma amostra grátis. Adquira a versão completa em <http://www.concursosprepara.com.br>

Matemática e Raciocínio Lógico / Raciocínio lógico-matemático / Compreensão e elaboração da lógica das situações por meio de: raciocínio verbal, raciocínio matemático, raciocínio sequencial, orientação espacial e temporal, formação de conceitos, discriminação de elementos

Fonte: TÉCNICO MINISTERIAL - ADMINISTRATIVA / MPE/AP / 2009 / FCC

Q84.

A sequência indica seis números, tendo sido omitidos o primeiro e o último.

1ª	2ª	3ª	4ª	5ª	6ª
*	14	12	11	10,5	*

Sabendo-se que, a partir do 2º elemento da sequência (incluindo-o), cada um deles é obtido do elemento anterior usando um mesmo padrão lógico, a diferença de valores entre o 1º e o último elementos dessa sequência, nessa ordem, é:

- A) 7,18.
- B) 7,25.
- C) 7,52.
- D) 7,75.
- E) 8,15.

Esta e apenas uma amostra grátis. Adquira a versão completa em <http://www.concursoprepara.com.br>

Matemática e Raciocínio Lógico / Raciocínio lógico-matemático / Compreensão e elaboração da lógica das situações por meio de: raciocínio verbal, raciocínio matemático, raciocínio sequencial, orientação espacial e temporal, formação de conceitos, discriminação de elementos

Fonte: TÉCNICO JUDICIÁRIO - INFORMÁTICA / TRF 3ª / 2007 / FCC

Q85.

Os números abaixo estão dispostos de maneira lógica.

8 1 12 10 14 11 3 7 5 16 9

A alternativa correspondente ao número que falta no espaço vazio é

- A) 51.
- B) 7.
- C) 12.
- D) 6.
- E) 40.

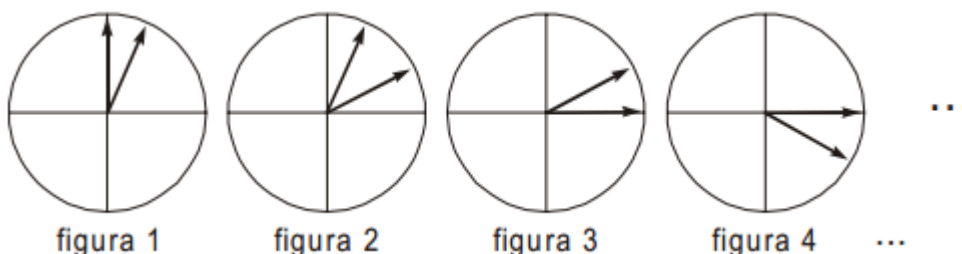
Esta e apenas uma amostra grátis. Adquira a versão completa em <http://www.concursoprepara.com.br>

Matemática e Raciocínio Lógico / Raciocínio lógico-matemático / Compreensão e elaboração da lógica das situações por meio de: raciocínio verbal, raciocínio matemático, raciocínio sequencial, orientação espacial e temporal, formação de conceitos, discriminação de elementos

Fonte: TÉCNICO MINISTERIAL - ADMINISTRATIVA / MPE/PE / 2006 / FCC

Q86.

Considere a seqüência de figuras:



Mantendo a mesma lei de formação, a 1ª figura é igual à

- A) 11ª figura.
- B) 12ª figura.
- C) 13ª figura.
- D) 14ª figura.
- E) 15ª figura.

Matemática e Raciocínio Lógico / Raciocínio lógico-matemático / Compreensão do processo lógico que, a partir de um conjunto de hipóteses, conduz, de forma válida, a conclusões determinadas

Fonte: ANALISTA JUDICIÁRIO - EXECUÇÃO DE MANDADOS / TRT 1ª / 2013 / FCC

Q87.

Leia os Avisos I e II, colocados em um dos setores de uma fábrica.

Aviso I

Prezado funcionário, se você não realizou o curso específico, então não pode operar a máquina M.

Aviso II

Prezado funcionário, se você realizou o curso específico, então pode operar a máquina M.

Paulo, funcionário desse setor, realizou o curso específico, mas foi proibido, por seu supervisor, de operar a máquina M. A decisão do supervisor

- A) opõe-se apenas ao Aviso I.
- B) opõe-se ao Aviso I e pode ou não se opor ao Aviso II.
- C) opõe-se aos dois avisos.
- D) não se opõe ao Aviso I nem ao II.
- E) opõe-se apenas ao Aviso II.

Matemática e Raciocínio Lógico / Raciocínio lógico-matemático / Compreensão do processo lógico que, a partir de um conjunto de hipóteses, conduz, de forma válida, a conclusões determinadas

Fonte: TÉCNICO BANCÁRIO III - INFORMÁTICA/SUPORTE / BANESE / 2012 / FCC

Q88.

De acordo com o novo projeto implantado pelo setor de informática de um banco, sempre que o sistema integrado principal cair, o sistema auxiliar estará pronto para entrar em funcionamento. Considerando que essa informação esteja correta, pode-se concluir que, necessariamente,

- A) o sistema auxiliar só estará pronto para entrar em funcionamento quando o sistema integrado principal cair.
- B) o sistema integrado principal cairá sempre que o sistema auxiliar estiver pronto para entrar em funcionamento.
- C) se o sistema integrado principal não cair, então o sistema auxiliar não estará pronto para entrar em funcionamento.
- D) se o sistema auxiliar não estiver pronto para entrar em funcionamento, então o sistema integrado principal não terá caído.
- E) se o sistema auxiliar estiver pronto para entrar em funcionamento, então o sistema integrado principal terá caído.

Matemática e Raciocínio Lógico / Raciocínio lógico-matemático / Compreensão do processo lógico que, a partir de um conjunto de hipóteses, conduz, de forma válida, a conclusões determinadas

Fonte: ANALISTA JUDICIÁRIO - TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO / TRT 16ª / 2009 / FCC

Q89.

Considere $p = \text{FALSE}$ e $q = \text{TRUE}$. Os resultados booleanos de $p \text{ AND } q$, $p \text{ OR } q$ e $\text{NOT } p$ serão, respectivamente,

- A) FALSE, TRUE e FALSE.
- B) TRUE, FALSE e FALSE.
- C) TRUE, TRUE e TRUE.
- D) FALSE, TRUE e TRUE.
- E) FALSE, FALSE e TRUE.

Matemática e Raciocínio Lógico / Raciocínio lógico-matemático / Compreensão do processo lógico que, a partir de um conjunto de hipóteses, conduz, de forma válida, a conclusões determinadas

Q90.

Se "Alguns poetas são nefelibatas" e "Todos os nefelibatas são melancólicos", então, necessariamente:

- A) Todo melancólico é nefelibata.
- B) Todo nefelibata é poeta.
- C) Algum poeta é melancólico.
- D) Nenhum melancólico é poeta.
- E) Nenhum poeta não é melancólico.

Esta e apenas uma amostra gratis. Adquira a versao completa em <http://www.concursosprepara.com.br>

Informática / Conceitos básicos / Configuração e diagnóstico de hardware e software

Fonte: ANALISTA JUDICIÁRIO - JUDICIÁRIA / TRE/PI / 2009 / FCC

Q91.

Item	Tarefas									
I	<p>Uma planilha (BrOffice.org 3.1) com as informações abaixo. A célula contendo o sinal de interrogação (incógnita) representa um valor obtido por propagação feita pela alça de preenchimento originada em A2. <u>HIPÓTESE</u>: O resultado da incógnita obtido com essa operação é o mesmo se a propagação for originada em B1.</p> <table border="1"><thead><tr><th></th><th>A</th><th>B</th></tr></thead><tbody><tr><td>1</td><td>=42*33</td><td>=A1*2</td></tr><tr><td>2</td><td>=A1/2</td><td>?</td></tr></tbody></table>		A	B	1	=42*33	=A1*2	2	=A1/2	?
	A	B								
1	=42*33	=A1*2								
2	=A1/2	?								
II	<p>A pasta padrão onde os modelos de documentos de texto (BrOffice.org 3.1) são guardados precisa ser modificada. O caminho que aponta para ela necessita agora apontar para outra.</p>									
III	<p>Desabilitar a exibição do relógio na Área de notificação a título de economia de espaço nessa área, utilizando o modo de exibição clássico do Painel de controle do Windows XP (edição doméstica).</p>									
IV	<p>Modificar o tamanho das fontes do Windows XP (edição doméstica) para "Fontes grandes" a fim de melhorar a visibilidade das letras, quando a resolução do monitor for posicionada em 1024 por 768 pixels.</p>									
V	<p>Disponibilizar na Intranet um glossário de termos para uso geral com a definição, dentre outras, dos componentes do processador (ou Unidade Central de Processamento) de um computador.</p>									

V	Disponibilizar na Intranet um glossário de termos para uso geral com a definição, dentre outras, dos componentes do processador (ou Unidade Central de Processamento) de um computador.
VI	Disponibilizar para toda a empresa aplicativos com funções específicas para apresentações (que facilitem a construção de efeitos nos <i>slides</i> e modos de transição entre estes, por exemplo, nas projeções).
VII	Usar ferramentas de comunicação apropriadas, via Internet, sempre que a comunicação entre pessoas tiver caráter de urgência (tipo pergunta e resposta instantânea).
VIII	Utilizar, ao fazer pesquisa no Google, preferencialmente, uma opção que traga as palavras pesquisadas em destaque dentro das páginas encontradas.
IX	Inibir a exibição de pastas e arquivos ocultos no Windows XP (edição doméstica).
X	Em caso de instalação de <i>software</i> duvidoso, devem ser adotados, no Windows XP, procedimentos para garantir a recuperação do sistema, se necessário.

Dentre os componentes mencionados em (V), incluem-se a

- A) Unidade Lógica e Aritmética e a Unidade de Controle.
- B) Placa mãe e a Unidade de Hard disk.
- C) Unidade de Controle e a Unidade de Hard disk.
- D) Unidade Lógica e Aritmética, os slots de memória RAM e a Placa mãe.
- E) Placa mãe e a Placa de controle de vídeo.

Esta e apenas uma amostra gratis. Adquir a versao completa em <http://www.concursoprepara.com.br>

Informática / Conhecimentos de Microsoft Office / Edição de textos

Fonte: TÉCNICO JUDICIÁRIO - OPERADOR DE TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO / TJ/PE / 2007 / FCC

Q92.

No Word, quebra de páginas podem ser obtidas através do menu

- A) Ferramentas.
- B) Editar.
- C) Formatar.
- D) Exibir.
- E) Inserir.

Esta e apenas uma amostra gratis. Adquir a versao completa em <http://www.concursoprepara.com.br>

Informática / Conhecimentos de Microsoft Office / Edição de planilhas

Fonte: ANALISTA JUDICIÁRIO - ADMINISTRATIVO / TRE/TO / 2011 / FCC

Q93.

Considere a planilha abaixo, exibida no primeiro momento, na Figura 1 e no segundo momento, na Figura 2.

Figura 1

	A	B
1	Tribunal	
2	Regional	
3	Eleitoral	
4		
5		

Figura 2

	A	B
1	Tribunal Regional Eleitoral	
2		
3		
4		
5		

Para obtenção do conteúdo apresentado na Figura 2

- A) basta selecionar as células A1, A2 e A3 e utilizar o botão Mesclar células no BrOffice.org Calc.
- B) basta selecionar as células A1, A2 e A3 e utilizar o botão Mesclar e centralizar no Microsoft Excel.
- C) é necessário selecionar as células A1 e A2, utilizar o botão Mesclar células e copiar o conteúdo da célula A3, tanto no Microsoft Excel quanto no BrOffice.org Calc.
- D) basta selecionar as células A1, A2 e A3 e utilizar o botão Mesclar e centralizar, tanto no BrOffice.org Calc quanto no Microsoft Excel.
- E) é necessário mesclar as células A1, A2 e A3 e digitar as palavras Regional e Eleitoral, pois os conteúdos das células A2 e A3 serão perdidos, tanto no BrOffice.org Calc quanto no Microsoft Excel.

Esta e apenas uma amostra gratis. Adquira a versao completa em <http://www.concursoprepara.com.br>

Informática / Conhecimentos de Microsoft Office / Edição de apresentações

Fonte: TÉCNICO MINISTERIAL - ADMINISTRATIVA / MPE/PE / 2006 / FCC

Q94.

Considerando a organização dos menus, no MS-PowerPoint, em sua configuração padrão e original, a predefinição de animação é uma função de

- A) configuração de página.
- B) exibição.
- C) apresentação.
- D) edição.
- E) formatação.

Esta e apenas uma amostra gratis. Adquira a versao completa em <http://www.concursoprepara.com.br>

Informática / Conceitos de serviços de diretórios / Microsoft Active Directory

Fonte: TÉCNICO DO MINISTÉRIO PÚBLICO - ADMINISTRATIVA - ESPECIALIDADE MANUTENÇÃO E SUPORTE DE EQUIPAMENTOS / MPE/SE / 2013 / FCC

Q95.

No Windows Server, um domínio do Active Directory é uma coleção de computadores que compartilham um conjunto comum de políticas, um nome e um banco de dados de seus membros. O Active Directory está organizado em uma estrutura lógica composta por diversos componentes, dentre eles, Forests, Domains e

- A) Containers.
 - B) Organizational Units.
 - C) Domain Controllers.
 - D) Backup Directory.
 - E) Namespaces.
-

Informática / Segurança da informação / Firewall

Fonte: ANALISTA JUDICIÁRIO - JUDICIÁRIO / TRT 20ª / 2011 / FCC

Q96.

Sobre segurança da informação é correto afirmar:

- A) Os usuários de sistemas informatizados, devem ter acesso total aos recursos de informação da organização, sendo desnecessário a utilização de login e senha.
- B) As organizações não podem monitorar o conteúdo dos e-mails enviados e recebidos pelos seus colaboradores e nem utilizar esses dados para fins de auditoria e/ou investigação.
- C) É possível saber quais páginas foram acessadas por um computador, identificar o perfil do usuário e instalar programas espíões, entretanto, não é possível identificar esse computador na Internet devido ao tamanho e complexidade da rede.
- D) Para criar senhas seguras é indicado utilizar informações fáceis de lembrar, como nome, sobrenome, número de documentos, números de telefone, times de futebol e datas.
- E) Um firewall/roteador ajuda a promover uma navegação segura na web, pois permite filtrar os endereços e bloquear o tráfego de sites perigosos.

Esta e apenas uma amostra gratis. Adquira a versao completa em <http://www.concursoprepara.com.br>

Informática / Internet / Protocolos

Fonte: ANALISTA JUDICIÁRIO - ADMINISTRATIVA / TRE/SE / 2007 / FCC

Q97.

Os softwares de correio eletrônico normalmente utilizam para entrada de emails e saída de emails, respectivamente, os servidores

- A) POP3 + HTTP.
- B) POP3 + SMTP.
- C) SMTP + POP3.
- D) SMTP + HTTP.
- E) HTTP + POP3.

Esta e apenas uma amostra gratis. Adquira a versao completa em <http://www.concursoprepara.com.br>

Informática / Conhecimentos básicos de redes / Conceitos, administração e configuração de redes locais baseadas em TCP/IP e redes WAN baseadas em MPLS

Fonte: ANALISTA JUDICIÁRIO - ANÁLISE DE SISTEMAS / TRE/SP / 2012 / FCC

Q98.

É um protocolo não orientado à conexão, sem controle de erros e sem reconhecimento, no qual o campo denominado Total length inclui tudo o que há no datagrama (cabeçalho e dados) e o campo Identification permite que o host de destino determine a qual datagrama pertence um fragmento recém chegado. Este protocolo é chamado de:

- A) ICMP.
- B) IGMP.
- C) TCP.
- D) ARP.
- E) IP.

Esta e apenas uma amostra gratis. Adquira a versao completa em <http://www.concursoprepara.com.br>

Informática / Conhecimentos básicos de redes / Conceitos, administração e configuração de redes locais baseadas em TCP/IP e redes WAN baseadas em MPLS

Fonte: TÉCNICO JUDICIÁRIO - TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO / TRT 24ª / 2011 / FCC

Q99.

Constitui uma característica comum nos protocolos IPv4 e IPv6:

- A) Limite de número máximo de roteadores por onde o pacote poderá passar no percurso entre origem e destino.
- B) Tamanho de cabeçalho.
- C) Cabeçalho contendo 14 campos.
- D) Distinção de cabeçalho de host e cabeçalho de rede.
- E) Suporte a autenticação de dados, privacidade e confidencialidade.

Esta e apenas uma amostra gratis. Adquira a versao completa em <http://www.concursosprepara.com.br>

Informática / Conhecimentos básicos de redes / Comunicação de dados, equipamentos de conectividade (roteadores, switches)

Fonte: TÉCNICO JUDICIÁRIO - TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO / TRT 18ª / 2013 / FCC

Q100.

O ATM utiliza switches orientados a conexão para permitir que emissores e receptores se comuniquem estabelecendo um circuito dedicado, em que os dados trafegam em pacotes de tamanho fixo chamados células. As células têm

- A) 53 bits, dos quais 5 bits formam o cabeçalho e 48 bits são a carga útil.
- B) 53 bytes, dos quais 5 bytes formam o cabeçalho e 48 bytes são a carga útil.
- C) 128 bits, dos quais 8 bits formam o cabeçalho e 120 bits são a carga útil.
- D) 128 bytes, dos quais 8 bytes formam o cabeçalho e 120 bytes são a carga útil.
- E) 256 bytes dos quais 48 bytes formam o cabeçalho e 208 bytes são a carga útil.

Esta e apenas uma amostra gratis. Adquira a versao completa em <http://www.concursosprepara.com.br>